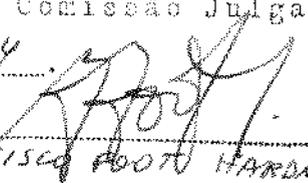


UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Gláucia Soares
Bastos

e aprovada pela Comissão Julgadora em
19 / 12 / 94


PROF. DR. FRANCISCO A. DE O. HARDMAN

COMO SE ESCREVE FEBRÔNIO

GLAUCIA SOARES [BASTOS] n.º 297

Dissertação apresentada ao
Departamento de Teoria
Literária do Instituto de
Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de
Campinas como requisito
parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Letras na
Área de Teoria Literária.

Novembro de 1994

Orientador: Francisco Foot [Hardman, 1950] --
Candidata: Glaucia Soares Bastos
Examinadores: Maria Lúcia Caira Gitahy
João Augusto Frayze-Pereira

Para Gilda e Gabriel

Agradecimentos:

A Lúcia e Guilherme, incansáveis.

A Flora, Inês, Marie, Marília, Bith, Mary,
Míriam, Patrícia, Virgínia e Sílvio Da-Rin,
pela ajuda.

A Maria Lúcia e João Augusto, a banca.

Ao Foot, orientador.

À CAPES, pela bolsa.

RESUMO

Análise dos diversos percursos discursivos que se articulam em torno da ausência de uma obra e da passagem de seu autor a personagem, traçados a partir do que foi publicado na imprensa e na literatura sobre Febrônio Índio do Brasil, desde sua prisão em 1927.

SUMÁRIO

Introdução, 7

Febrônio pela imprensa, 19

Assuntos gerais, 21

O que dizem as folhas, 27

Recortes, 67

Febrônio por Blaise, 70

Carrefour du monde, 72

Vidas perigosas, 79

O prisioneiro das violetas, 84

Febrônio Índio do Brasil, 90

Bahia, este cenário fascinante, 111

A arte de criar palimpsestos, 114

A escrita da vida, 117

Considerações Finais, 123

Urbe e subúrbio, 125

Ecos de um nome, 131

Imagens, 143

Bibliografia, 169

Sobre Febrônio, 170

Geral, 172

INTRODUÇÃO

Percorrendo os caminhos do Modernismo brasileiro, acompanhamos de perto, guiados por Alexandre Eulalio, *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*.¹ A amizade entre Cendrars e Paulo Prado em Paris, a viagem de descobrimento do Brasil com Mário, Oswald, Tarsila e Dona Olívia Guedes Penteado, além da produção artística que resultou deste intenso intercâmbio encontram-se minuciosamente expostas no livro, em uma multiplicidade de registros que tentam dar conta da complexidade de seu personagem central. O roteiro do filme "Acaba de chegar ao Brasil o bello poeta Blaise Cendrars", de Carlos Augusto Calil, faz parte do livro e ajuda a compor com suas imagens algumas cenas dessa viagem. Tivemos a feliz oportunidade de assisti-lo em 1992, exibido em uma mostra comemorativa dos 70 anos da Semana de Arte Moderna, realizada no Rio de Janeiro pelo Centro Cultural Banco do Brasil.

Foi também nessa obra de Alexandre Eulalio que encontramos pela primeira vez alguma referência a Febrônio Índio do Brasil.² Chamava a atenção uma foto de seu rosto tomando uma página quase inteira do livro (como aliás a maioria das reproduções nele contidas), à qual seguia-se uma nota explicando o interesse de Cendrars por este "personagem a anteriori", como muito apropriadamente o designou o autor. Cendrars tomara conhecimento da existência de Febrônio pelos jornais

¹ EULALIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*.

² *Ibidem*, p. 30-31.

que noticiavam seus assassinatos de fundo místico. Febrônio estava sendo responsabilizado pela morte de dois rapazes cujos cadáveres haviam sido encontrados, com alguns dias de diferença, no mesmo local: a Ilha do Ribeiro, lugar afastado e deserto em um subúrbio do Rio. Segundo Febrônio, essas mortes eram um sacrifício exigido pela visão de uma dama loura que lhe determinara imolar dez rapazes, tatuá-los com os signos que ele fizera no próprio corpo e escrever um livro. Febrônio estava portanto cumprindo sua missão.

Esta história a um só tempo real e fantástica interessou grandemente Blaise Cendrars, que conseguiu uma autorização para ver Febrônio na Casa de Detenção. O encontro entre esses dois homens absolutamente diferentes do ponto de vista de suas histórias pessoais resultou num texto que só viria a público dez anos depois. Trata-se de uma série de reportagens escritas por Cendrars e publicadas no jornal *Paris Soir* em 1938, sob o título de "Penitenciária de negros"³, incluídas também em seu livro *La vie dangereuse* ⁴, do mesmo ano.

Pareceu-nos significativo que este militante da vanguarda européia ficasse curioso a respeito de

³ CENDRARS, Blaise. Pénitenciers de noirs. In: *Paris Soir*. 30 e 31 de maio, 1 e 2 de junho de 1938.

⁴ CENDRARS. Febrônio (magia sexualis). In: *La vie dangereuse*. A tradução desse texto para o português encontra-se publicada no volume *Etc..., etc...* (um livro 100% brasileiro), uma antologia de escritos de Cendrars sobre o Brasil.

Febrônio. Afinal, este personagem era um exemplo do que se poderia encontrar de mais exótico nos trópicos, resultado da mistura de misticismo, crime e loucura. Algo como as máscaras e pinturas africanas que serviram de inspiração aos cubistas. O que um europeu afinado com as tendências mais modernas da arte em seu continente estaria buscando em uma viagem pelo Novo Mundo senão matéria-prima para sua obra?

Como parte do cumprimento de sua missão, Febrônio havia escrito *As revelações do Príncipe do Fogo*, uma espécie de evangelho em que estaria exposta a doutrina de sua religião, que ele denominava "Deus vivo ainda que pela força". O livro foi publicado às expensas do autor, que passou a distribuí-lo pelas bibliotecas e a vendê-lo nos cafés. Segundo Alexandre Eulalio, "Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes neto, jovens intelectuais daquele momento, consideravam o livro de Febrônio exemplar autóctone do melhor surrealismo, enquanto escrita automática, transporte lírico e delírio consciente".⁵

Tão logo Febrônio foi recolhido à prisão, suspeito de ser o responsável pelos referidos homicídios, todos os exemplares localizados de suas *Revelações* foram apreendidos e queimados. Embora não tenhamos encontrado nenhum documento que comprove esta afirmação, a mesma é tida como senso comum, e de fato não conseguimos ter notícia de nenhum exemplar ainda em circulação. Todas

⁵ EULALIO, op. cit., p. 31.

as pistas foram perseguidas: todas as bibliotecas conhecidas foram visitadas, mobilizamos um exército de amigos solidários em nossa busca, consultamos pessoas que haviam-se dedicado antes de nós a localizar o livro de Febrônio, até chegarmos à desconfiança de que As revelações do Príncipe do Fogo seriam apenas mais uma das alucinações de Febrônio. Mas havia evidências que dissipavam nossas dúvidas, como o depoimento de Sérgio e Prudente a Alexandre Eulalio:

Sérgio: Cendrars ficou muito entusiasmado com o Febrônio. Tinha até o livro dele.

Prudente: Você se lembra como é que nós adquirimos os exemplares do livro de Febrônio? O episódio tem certo o seu interesse. Eu estava com o Sérgio e nós fomos tomar um cafezinho perto do local onde eu tinha escritório, Buenos-Aires esquina com Primeiro de Março. Estávamos conversando, sentados, quando chegou um sujeito com diversos fascículos e nos ofereceu para comprar.

Sérgio: Um livro de capa verde, em estilo bíblico... Uma coisa surrealista, completamente louca.

Prudente: Eu então folheei, li, achei engraçadas várias coisas que estavam escritas ali e comprei. Era barato, custava parece que dois mil-réis. Pouco tempo depois foi identificado o Febrônio como autor de vários crimes que tinham sido cometidos e que estavam intrigando a Polícia. Publicado o retrato do criminoso, nós o identificamos como o sujeito que estava vendendo. Ele próprio nos vendeu o livro.⁶

⁶ Ibidem, p. 271.

Febrônio utilizava, portanto, já em 1927, uma estratégia que se tornaria comum nos anos 70: o próprio autor vende seu livro; dispensando as livrarias e estabelecendo contato vivo com seus leitores em potencial, de preferência em lugares públicos como bares e restaurantes. Apesar de ter sido adquirido por Sérgio Buarque de Holanda, o livro *As revelações do Príncipe do Fogo* não fazia parte do acervo de sua biblioteca quando esta foi trazida para a Unicamp. E embora tenha sido dito que Cendrars possuía um exemplar, é ele mesmo quem desmente essa informação:

Jamais consegui este evangelho de Febrônio, apesar da promessa que me fizeram de me mandar um exemplar, e sou obrigado a constatar que, durante dez anos, meus amigos brasileiros - deputados, médicos, advogados, jornalistas, escritores - não foram mais felizes do que eu em suas buscas nas livrarias e nos sebos. Sabe-se que a polícia federal destruiu este livro até o último exemplar e que, segundo as declarações do editor, era um pequeno volume de 67 páginas, publicado no Rio em 1925.⁷

É ainda Cendrars quem nos fornece alguns dados sobre as condições materiais de produção do opúsculo de Febrônio, transcrevendo o que contou seu editor, quando interrogado pela polícia:

⁷ CENDRARS. *Febrônio Índio do Brasil*. In: *Etc..., etc...* (um livro 100% brasileiro). p. 180.

- Um dia entrou na minha loja um negro, que me trouxe um manuscrito enrolado numa folha de jornal, ilegível, escrito a tinta e a lápis em diversos pedaços de papel, muitos dos quais eram fórmulas telegráficas do correio. Fiz-lhe saber que não podia aceitar um manuscrito apresentado em tão deplorável estado, e o negro voltou alguns dias mais tarde e me deu uma cópia datilografada. A impressão de suas elucubrações foi ainda retardada, porque o negro não tinha um tostão. Voltou então por diversas vezes, trazendo cada vez um adiantamento até totalizar a importância de 800 mil-réis, preço da edição. Depois disso, o negro voltou diversas vezes a minha loja, em épocas diferentes, levando exemplares de sua brochura que pagava à vista e levava em pacotinhos.⁸

Este depoimento foi provavelmente retirado de alguma notícia de jornal, e é importante porque revela ter sido a edição inteiramente custeada pelo autor. Mostra também sua ingenuidade, pouco afeito que era aos assuntos tipográficos, levando seu texto manuscrito para a editora. Note-se também a observação de que muitos dos "pedaços de papel" eram "fórmulas telegráficas do correio" o que podia de fato aproximar as revelações de Febrônio da estética surrealista, como foi sugerido por Sérgio Buarque de Holanda no depoimento a Alexandre Eulalio que citamos acima.

Enquanto procurávamos o livro de Febrônio, íamos encontrando textos e informações de outros autores

⁸ Ibidem, p.181.

sobre ele. Na Biblioteca Nacional há um exemplar do curiosíssimo *Os crimes do monstro Febrônio*, de M. Splayne, autor sobre o qual não conseguimos nenhuma informação. Este livro, publicado ainda em 1927, ano da alardeada prisão de Febrônio, constitui-se no "relato segundo o noticiário da imprensa" dos referidos crimes e expressa a opinião do chamado senso comum a respeito do episódio. Na mesma biblioteca tivemos acesso aos periódicos da época e aos textos médicos que se dedicam à análise do caso de Febrônio: "Homossexualismo e endocrinologia"⁹ e "Etiologia e homossexualidade"¹⁰. Localizamos o laudo médico-psicológico de Febrônio assinado pelo Dr. Heitor Carrilho, em 1928. Descobrimos um artigo de Peter Fry¹¹ e um texto de João Silvério Trevisan¹² nos quais é estudado o caso Febrônio. Além disso, vimos o nome de Febrônio citado por cinco escritores brasileiros: Alcântara Machado, Aníbal Machado, Pedro Nava, Rubem Fonseca e Ruy Castro. E havia ainda o filme de curta-metragem "O Príncipe do Fogo", de Sílvio Da-Rin.

Este material, variado e eloquente, opunha-se ao silêncio imposto a Febrônio. Ao lugar vazio deixado por

⁹ RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e endocrinologia.

¹⁰ RIBEIRO. Etiologia e tratamento da homossexualidade.

¹¹ FRY, Peter. Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei.

¹² TREVISAN, João Silvério. Febrônio e Chrysóstomo: foras-da-lei num país sem leis.

sua obra contrapunham-se inúmeros discursos produzidos sobre ele, entrecruzando-se e compondo um tecido: o discurso jornalístico, o discurso médico, o discurso jurídico e, por fim, o discurso literário. Julgamos que este "dossiê" se prestava a uma análise que objetivasse evidenciar as transformações sofridas por Febrônio enquanto matéria desses diferentes textos, ou seja, seu deslocamento de autor a personagem, de sujeito a objeto.

Nossa pesquisa constrói-se, portanto, em torno de uma ausência. Motivada pela busca do que seria um documento surrealista, derivou para o que se revelou ser a realidade nua, crua e opressora de nosso panorama cultural do final dos anos 20: a contradição entre a estética preconizada pelos artistas modernistas e o limite de sua atuação pragmática na sociedade. O drama de Febrônio é encenado contemporaneamente à publicação por Oswald de Andrade de seu "Manifesto antropófago"¹³, momento de maior radicalização do Movimento Modernista, justificada exatamente por sua aproximação com o surrealismo. As revelações do *Príncipe do Fogo* foram destruídas sem que nenhuma voz se erguesse em sua defesa, deixando nítida a linha de continuidade traçada entre autor e obra: se o primeiro é perigoso e "deve ficar segregado *ad vitam* para os efeitos salutareis da

¹³ ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*.

defesa social"¹⁴, a mesma pena se aplica à segunda. Não se ergue nenhuma mediação entre os dois, nem qualquer consideração a respeito da autonomia do texto e de sua possível ficcionalidade. O livro figura apenas como prova da "alienação" de seu autor, havendo sido alguns trechos incluídos com esta finalidade no processo judicial.

Para levarmos a termo nossa tarefa contamos com o arcabouço teórico fornecido pelos trabalhos publicados por Michel Foucault. O estudo do caso Pierre Rivière, as reflexões sobre as relações de poder que têm lugar no seio do discurso e as observações sobre as transformações operadas em determinados conceitos ao longo do tempo foram fontes nas quais buscamos instrumentos para a execução de nosso projeto.¹⁵ Foi necessário também formularmos uma metodologia para análise do noticiário da imprensa sobre Febrônio, para o que contamos com o trabalho similar de Michel Lahud e L. F. Franklin de Matos sobre o caso Althusser, *Matei minha mulher*. Na apresentação desse livro, Bento Prado Junior adverte que seu objeto, como o nosso, "não é o gesto louco, mas sua imagem fugidia, incontrollável e contraditória; fixada, todavia, em todos os discursos que repetimos incansavelmente."¹⁶

¹⁴ Processo Crime 4.739/47, p. 258. Apud FRY, op. cit., p.74.

¹⁵ Estas idéias estão expostas em, respectivamente: FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière. A ordem do discurso e A verdade e as formas jurídicas*.

¹⁶ PRADO Jr., Bento. Apresentação à LAHUD e MATOS. *Matei minha mulher*. p. 9.

Para a concretização desta etapa de nosso trabalho foi de grande valia o generoso empréstimo que nos fez o cineasta Sílvio Da-Rin das fichas e fotos por ele utilizados na realização de seu precioso documentário sobre Febrônio.

Esta não podia ser uma pesquisa exclusivamente histórica, nem um trabalho de antropologia social que reconstituísse, através de documentos, o período em que se deu a prisão de Febrônio. O que tentamos foi focalizar um determinado acontecimento pelo que este podia revelar sobre o momento social e cultural em que ocorreu: "o acontecimento é liberdade; ele corta como uma lâmina, agita, frustra ou ataca toda a espécie de instituição".¹⁷ Somos aqui um misto de narrador e analista, como propõe Peter Burke¹⁸, procurando iluminar um ponto obscuro de nossa história.

Não se trata apenas de um recorte na grossa camada ideológica que encobriu durante tanto tempo formas discursivas marginais, relegando-as ao esquecimento, como afirma Jacques Le Goff a respeito da história oficial, na trilha das propostas da *nouvelle histoire*¹⁹: o livro de Febrônio não foi apenas esquecido pela nossa historiografia - foi destruído em seu potencial de

¹⁷ PETER, Jean-Pierre et FAVRET, Jeanne. O animal, o louco, a morte. In: FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière*, p. 197.

¹⁸ BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa.

¹⁹ Cf. LE GOFF, Jacques. *As mentalidades; uma história ambígua*.

transgressão; não foi apenas um evento contornado pelo traçado do historiador, mas verdadeiramente silenciado e violentado pelo poder excessivo de outras falas, discursos esses legitimados pela história, que se colocaram em seu lugar. Impossibilitado de existir mesmo como diferença ou ainda como um negativo na história, ele subsiste como uma ferida, mutilação impossível de se resgatar. Ir ao encontro dessa fenda e do que dela jorra ainda hoje não seria, de fato, o potencial transgressor de uma historiografia literária? Não relembrando o que fora esquecido, mas falando esse nada que havia a dizer? São esses os caminhos que pretendemos seguir.

FEBRÔNIO PELA IMPRENSA

... dans la lutte politique, idéologique et philosophique, les mots sont aussi des armes, des explosifs ou des calmants et des poisons. Toute la lutte des classes peut parfois se résumer dans la lutte pour un mot, contre un autre mot. Certains mots luttent entre eux comme des ennemis. D'autres mots sont le lieu d'une équivoque: l'enjeu d'une bataille décisive mais indécise.

(Louis Althusser, 1968*)

* Apud LAHUD e MATOS. *Matei minha mulher*. p.6.

ASSUNTOS GERAIS

Nestes tempos de aldeia global, estamos condenados a viver na virtualidade. Não se formam mais conceitos com base na experiência vivida, mas sim a partir de informações oriundas das mais diferentes partes do mundo. É a partir do que vê, ouve e lê no noticiário que cada indivíduo constrói a imagem da coletividade em que está inserido - sua cidade, seu país ou sua espécie, por exemplo. O papel social da imprensa pode ser visto, portanto, como o de formadora de opinião.

Mas quais são os critérios segundo os quais um fato deixa de ter interesse estritamente particular para passar ao âmbito do interesse geral? Qual o paradigma de seleção das informações que serão levadas ao status de notícia, e sob qual ponto de vista serão veiculadas pelos órgãos de comunicação de massa? Na medida em que é responsável pela construção de imagens apenas virtuais, cada veículo desfruta da possibilidade de manipular as informações para obter resultados mais próximos de seus próprios interesses, quer ideológicos, quer comerciais.

Se acompanharmos com atenção o desenrolar de um fato qualquer através da imprensa, podemos chegar a várias visões diferentes de acordo com os diferentes periódicos lidos. Foi exatamente o que fizeram Michel Lahud e L. F. Franklin de Matos no livro *Matei minha*

mulher. Os autores prepararam um dossiê do noticiário publicado na imprensa francesa à época do assassinato de Hélène Legothier por seu marido, o filósofo Louis Althusser. Na apresentação do livro, Bento Prado Jr. expõe o objetivo do trabalho: compor o quadro dos "procedimentos retóricos e estratégias da imaginação mobilizados" e analisar o "modo pelo qual o acontecimento bruto foi assimilado e dito (...): as inevitáveis distorções da narrativa, comandadas por imperativos ideológicos diversos".²⁰

O dossiê propriamente dito é precedido por uma leitura feita pelos autores do noticiário que se encontra a seguir, ao qual se referem como uma "quadrilha de preconceitos".²¹ Só então são apresentados os dez conjuntos de textos cujo princípio organizador é o periódico em que haviam sido publicados.

O trabalho busca evidenciar as interferências externas a que estão submetidos os discursos a respeito de um determinado acontecimento. A localização da matéria numa seção específica do jornal (*fait divers*, sociedade, política, letras-artes), a manchete que a encabeça, a foto que a acompanha (ou a ausência de fotos) e sua legenda - todos os "detalhes" aparecem como significantes a serem considerados.

Não há na verdade muitas semelhanças entre Louis Althusser e Febrônio Índio do Brasil. Febrônio era um

²⁰ PRADO Jr., op. cit., p.9.

²¹ Ibidem, p.32.

homem de pouca instrução, que vivia de maneira pouco lícita e tirava seu sustento dos golpes que aplicava. Era portanto uma figura cuja notoriedade não ia além dos limites do Largo da Carioca, reduto dos malandros do Rio de Janeiro nos anos 20. Althusser era um filósofo renomado, professor da École Normale Supérieure de Paris, maître à penser de toda uma geração de intelectuais.

O que quisemos, portanto, foi exclusivamente estudar os procedimentos metodológicos utilizados por Lahud e Matos em seu trabalho. Este estudo foi-nos valioso para a formação de nosso instrumental de análise do material coletado na imprensa: o modo como Febrônio era apresentado, o tom das notícias envolvendo seus crimes, a formação de um personagem no imaginário do leitor.

Seria proveitoso ainda destacar, do conjunto do noticiário, a seção tradicionalmente conhecida como *fait divers*. Classificação do inclassificável (nem Política, nem Economia, nem Ciência, nem Cultura), caracteriza-se, segundo Roland Barthes²², por seu caráter de informação total, que não requer do leitor nenhum conhecimento exterior ao fato narrado:

Ao nível da leitura, tudo está dado em um fait divers: suas circunstâncias, suas causas, seu passado, sua solução; sem duração e sem contexto, ele constitui um

²² BARTHES, Roland. Structure du fait divers. p.189.

ser imediato total, que não remete, pelo menos formalmente, a nada de implícito.²³

Os jornais brasileiros usam diferentes rubricas para essa seção, como por exemplo Cidade, Cotidiano, ou o nome do lugar de origem do diário. Em alguns casos, os crimes são agrupados na página chamada Policial. De todo modo, no *fait divers* estão sempre reunidos fatos cujas causas não são conhecidas imediatamente, o que os torna inexplicáveis. E, ainda segundo Barthes, "parece que em se tratando de *fait divers* o inexplicável está reduzido a duas categorias de fatos: os prodígios e os crimes".²⁴

Os prodígios se relacionam sempre com o céu, e com o tempo foram perdendo prestígio com os avanços tecnológicos que os fizeram migrar para a rubrica Ciência, onde aparecem desprovidos de qualquer caráter sobrenatural. Os crimes, por sua vez, sempre despertaram grande interesse, tendo sido largamente utilizados nos romances populares, e continuam atraindo o público. Sua característica fundamental é que a lógica de causa-e-efeito fica suspensa, até que as peças do quebra-cabeça sejam arrumadas de forma a dar sentido ao jogo. A este respeito Barthes nos lembra que

o trabalho policial consiste em preencher o tempo fascinante e insuportável que separa o acontecimento de sua causa; o

²³ Ibidem, idem.

²⁴ Ibidem, p.191.

policial, emanção da sociedade inteira sob sua forma burocrática, torna-se então a figura moderna do antigo decifrador de enigmas (Édipo), que interrompe o terrível por que das coisas; sua atividade, paciente e obstinada, é o símbolo de um desejo profundo: o homem veda febrilmente a brecha causal, ele se dedica a suspender uma frustração e uma angústia.²⁵

Talvez fosse o caso de se pensar em uma terceira categoria: os desastres. Nela estariam incluídos os acidentes de trânsito, os incêndios, as explosões, as enchentes, os desabamentos e toda uma linhagem de fatos que despertam a curiosidade mórbida do leitor. A reportagem mais interessante é a que fornece mais detalhes sobre mortos e feridos.

O tipo de discurso presente no *fait divers* valoriza as circunstâncias aberrantes, na linha "quanto pior, melhor". Por isso, a ênfase recai, quase sempre, sobre personagens tradicionalmente tidos como indefesos e ingênuos: crianças, velhos, ou membros da própria família contra os quais se volta o "pivô" da história. São "o que se poderia chamar *dramatis personae*, espécie de essências emocionais".²⁶

Por isso, também o crime passional, a chantagem, a agressão sádica, tendo um longo passado na humanidade, quando viram notícia garantem a venda do jornal. E se as investigações se prolongam por vários dias, adota-se

²⁵ Ibidem, p.192.

²⁶ Ibidem, p.191.

o modelo folhetinesco: o leitor sorve lentamente, dia após dia, as delícias que as reportagens vão lhe oferecer.

O QUE DIZEM AS FOLHAS

No dia 17 de agosto de 1927 vários jornais do Rio de Janeiro noticiam um assassinato cuja autoria é desconhecida e que será atribuído alguns dias depois a Febrônio Índio do Brasil. É o começo de um "folhetim" que se desdobrará por cerca de dois meses. O material resultante do levantamento desse noticiário é portanto vasto demais para ser reproduzido na íntegra neste nosso trabalho. Optamos por fazer referência ao que em cada matéria pareceu-nos mais significativo, sendo transcritas integralmente apenas aquelas que por algum motivo apresentam especial interesse, e que constituem a seção "Recortes" deste capítulo.

Nem todos os periódicos da época estão atualmente disponíveis. Tivemos acesso aos jornais que se encontram microfilmados na Biblioteca Nacional e escolhemos dentre eles os de maior circulação. O corpus de nossa pesquisa constitui-se assim de quatro diários: *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *O Paiz* e *A Noite*.

O *Correio da Manhã* apareceu em 1901, vindo romper, segundo Werneck Sodré,

o cantochão de louvores ao governo Campos Sales que presidia a política da estagnação, onerando terrivelmente as classes populares. (...) Daí por diante, em toda a velha República que ajudou a derrocar, o jornal de Edmundo Bittencourt

foi, realmente, veículo dos sentimentos e motivos da pequena burguesia urbana, em papel dos mais relevantes.²⁷

O *Jornal* começou a circular em 1919, fundado por Renato de Toledo Lopes, e foi em seguida comprado por Assis Chateaubriand, com o beneplácito do então presidente da República Artur Bernardes. Werneck Sodré conta que é a partir desse momento "que Chateaubriand começou a construir o seu império jornalístico", que viria a ser conhecido como "Diários Associados" e se multiplicaria por uma rede de jornais, rádio e televisão. Sob sua direção, "O *Jornal* tomou feição nova, moderna, arejada, contando com excelente colaboração do exterior e do país".²⁸

O *Paiz* começou a circular no tempo do Império, e serviu de tribuna a Quintino Bocaiúva contra a escravidão.²⁹ Na virada do século era um dos jornais mais vendidos do Rio de Janeiro.³⁰ Transformou-se em folha governista, e em 1927 "os Srs. Washington Luís e Getúlio Vargas, então unidos, reputavam natural subsidiar com dinheiro dos cofres públicos"³¹ os jornais que o apoiavam, *O Paiz* entre eles.

²⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. p.287.

²⁸ *Ibidem*, p.361.

²⁹ *Ibidem*, p.237.

³⁰ *Ibidem*, p.266.

³¹ *Ibidem*, p.367.

A Noite foi fundado por Irineu Marinho em 1911, e logo depois passou ao controle de Geraldo Rocha. Segundo Juarez Bahia,

*em fins dos anos 20 é um jornal influente, dinamizado pela energia e pelo talento de Rocha. Popular, explora a reportagem policial, os fatos da cidade, os eventos esportivos. Ágil, bem-feito, conquista o mercado da tarde com notícias exclusivas assinadas por repórteres competentes.*³²

A partir deste pequeno histórico dos periódicos com que trabalhamos, pode-se observar seus diferentes compromissos e matizes ideológicos, o que vem enriquecer a visão panorâmica que queremos obter da cobertura dada ao "Caso Febrônio".

Voltemos ao dia 17 de agosto de 1927. As notícias de primeira página são o avanço da "Coluna Prestes" pelo interior do país, a visita ao Brasil de Isadora Duncan e a travessia do Oceano Atlântico que pela primeira vez será feita por um aeroplano, o qual deverá terminar sua viagem iniciada na Europa pousando no Ceará.

Misturado a estas informações de caráter nobre, se encontra no miolo do jornal o *fait divers*. É aí que podemos ler sobre um cadáver encontrado em um lugar afastado da cidade. Os títulos de duas das matérias ressaltam a idéia de isolamento do local do crime. Em

³² BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. p.200.

uma delas, publicada na página 14 de *O Jornal*, lê-se o título ESTRANGULADO NO ERMO DA MATA, seguido do resumo da reportagem: "Um crime envolto em mistério, na longínqua localidade de Jacarepaguá. A vítima é um extrabalhador da prefeitura." As expressões "ermo da mata" e "longínqua localidade" criam uma imagem perfeita para servir de cenário do crime: um lugar de acesso difícil, pouco habitado, onde certamente a vítima não contaria com ajuda ou socorro, nem seria ouvida se gritasse.

O *Correio da Manhã* estampa, por sua vez, na página 6: UM CRIME HEDIONDO NA ILHA DO RIBEIRO. A notícia que se segue é assim apresentada: "Um jovem operário, atraído para a mata, foi ali estrangulado com um pedaço de cipó." A Ilha do Ribeiro era na verdade uma ponta de mangue que adentrava a Lagoa de Jacarepaguá, onde havia mesmo vasta vegetação e poucos habitantes. O fato de ter sido o "jovem operário" Alamiro José Ribeiro "atraído" para a morte dava à notícia maior dramaticidade, pois houvera premeditação do crime.

O jornal *A Noite* publica na página 4 uma notícia intitulada UM CRIME HEDIONDO, na qual são fornecidos "detalhes do horroroso caso ocorrido em Jacarepaguá". Alamiro desaparecera depois de ter saído de casa com um homem que o havia procurado para lhe oferecer emprego.

A história portanto fica assim resumida: um rapaz trabalhador é enganado pelos ardis de um criminoso, do qual não tem como fugir. A agressão sofrida pelo "jovem" é o foco das notícias, que falam, por exemplo,

dos "sulcos que tinha no pescoço produzidos por cipó".³³ Em todas as notícias ressalta-se a pouca idade da vítima, apresentada como um "jovem operário".³⁴ O jornal A Noite é o único a publicar uma fotografia de Alamiro, provavelmente porque, sendo um periódico vespertino, dispôs de mais tempo para fazer a cobertura do crime. A foto, que deve ter sido fornecida pela família, não apresenta o cadáver, mas sim o rapaz vivo, de frente, em atitude séria, só aparecendo a cabeça e parte superior do tronco, como em geral são as fotos feitas para documentos. Aliás, A Noite traz uma página intitulada Última Hora, o que nos dá a idéia de notícias não previstas no corpo do jornal. Nessa seção há sempre notícias de crimes, entre os quais, no dia 17, está o da mãe que para castigar o filho abriu-lhe o crânio. Última Hora é portanto uma outra rubrica para o fait divers.

A reportagem sobre o "crime hediondo" tem na verdade pouco compromisso com os fatos. Logo no início lê-se que "raramente o cadastro policial registra delitos tão selvagens", e em seguida tem-se uma reconstituição completamente ficcional do que teria acontecido depois que Alamiro saiu de casa acompanhado do homem que fora lhe oferecer o emprego. Sua mãe, preocupada com a demora do filho, sai em direção ao armazém de propriedade de um senhor chamado Celestino,

³³ O Jornal.

³⁴ Correio da Manhã.

a fim de se informar sobre o desconhecido que estivera em sua casa:

Como visse um amigo vir do armazém, perguntou-lhe se havia visto no caminho Alamiro com outro rapaz.

- Não, respondeu Arthur.

- Pois o moço que veio procurar Alamiro disse que foi "seu" Celestino que ensinou a nossa casa.

- Pois lá, na venda, não esteve não.

Nasceu a primeira suspeita. A família ficou inquieta.

No dia seguinte nenhum diário noticia qualquer coisa sobre o caso, e no dia 19 de agosto apenas O *Jornal*, repetindo a manchete do dia 17, ESTRANGULADO NO ERMO DA MATA, informa sobre os trabalhos desenvolvidos pela 4a. delegacia auxiliar. Segundo a notícia, os resultados das investigações apontam como suspeito o indivíduo Febrônio Índio do Brasil por ter estado envolvido em vários casos policiais, não se conhecendo os motivos pelos quais a polícia chegou a esta conclusão. As autoridades estariam a procura de Febrônio.

Enquanto os outros periódicos continuam em silêncio, O *Jornal*, no dia 23 de agosto, sob a mesma manchete estampada nas reportagens anteriores, informa que "já se sabe quem foi o assassino de Alamiro", e que a 4a. delegacia auxiliar conseguiu provas contra

Febrônio Índio do Brasil, saído recentemente da Casa de Detenção. Parentes do morto teriam reconhecido a foto de Febrônio como sendo do indivíduo que, vestido de chauffeur, fora procurar Alamiro em sua casa, de onde saíram juntos.

A repetição do mesmo título por vários dias transforma as notícias em capítulos de um folhetim. A verdade vai-se revelando aos poucos - é o que subliminarmente está sendo dito nesta pequena série de três reportagens publicadas no período de uma semana. A recorrência do título reforça para o leitor a linha de continuidade entre as "revelações" publicadas pelo jornal, e aguça sua curiosidade, na medida em que alude à notícia anterior.

Neste mesmo dia, 23 de agosto de 1927, os jornais noticiam a execução de Sacco e Vanzzeti, finalmente ocorrida na véspera, em Boston, EUA, depois de vários dias de suspense, recursos à Suprema Corte e farta exploração do assunto pela imprensa.

Durante a semana seguinte não há novas informações sobre o crime da Ilha do Ribeiro nem sobre sua autoria. Até que no dia 1 de setembro os jornais noticiam a prisão de Febrônio. Cada periódico repete o título usado dias antes para noticiar o assassinato, exatamente como fizera *O Jornal*.

Apenas o *Correio da Manhã* modifica ligeiramente sua manchete. No dia 17 de agosto lia-se UM CRIME HEDIONDO NA ILHA DO RIBEIRO. No dia 10 de setembro o texto, agora se referindo a um fato conhecido, é intitulado O

HEDIONDO CRIME DA ILHA DO RIBEIRO. Supõe-se que o "crime da Ilha do Ribeiro" estivesse sendo muito comentado, e que portanto pudesse ser precedido pelo artigo definido. A matéria informa sobre a prisão de Febrônio Índio do Brasil, mostra uma foto de seu rosto e afirma que ele "é apontado como responsável pelo desaparecimento de um outro menor, de nome João".

O *Jornal* faz um rápido histórico do assassinato de Alamiro e informa a prisão de Febrônio Índio do Brasil, "indicado como autor do assassínio". Detido na véspera, na estação de Barão de Mauá, Febrônio fora submetido a um interrogatório e, segundo a reportagem, negara tudo, caindo porém em contradição. A polícia pedira o comparecimento dos parentes da vítima a fim de ser feito o reconhecimento.

A *Noite* já apresenta Febrônio como réu confesso: "Preso, afinal, o matador acabou confessando seu horripilante crime". A reportagem traz duas fotos de rosto, uma de Febrônio e outra do menor João Ferreira, outra provável vítima de Febrônio. Note-se que este jornal, de edição vespertina, traz sempre informações mais recentes do que os editados no mesmo dia, pela manhã. Na verdade, A *Noite* antecipa as notícias que serão veiculadas pelos outros periódicos no dia seguinte.

No dia 2 de setembro, todos os jornais reafirmam a notícia do assassinato: "Febrônio Índio do Brasil confessou-se, afinal, o protagonista do bárbaro

assassinato do menor Alamiro"³⁵; "O revoltante crime da Ilha do Ribeiro e as declarações do seu autor"³⁶; "Do que é capaz um bandido - Foi também Febrônio, o matador da Ilha do Ribeiro, que deu destino ignorado ao menor João Ferreira, depois de tatuá-lo no peito"³⁷.

As notícias juntam à confissão do assassinato novos elementos: a possibilidade de ter Febrônio cometido um segundo crime, as tatuagens que tem no corpo, sua extensa folha penal. Todos esses ingredientes reunidos em um só personagem asseguram-lhe uma imensa atração sobre o público leitor, o que aumenta a circulação do jornal.

O *Jornal* apresenta o título um pouco diferente dos anteriores: onde lia-se ESTRANGULADO NO ERMO DA MATA agora se lê ESTRANGULADO NO SEIO DA MATA. A ênfase dada à distância e ao isolamento do local do crime, agora recai sobre a própria imagem da mata, que precedida da palavra "seio" agora se torna mais densa. Começa a despontar a relação entre os assassinatos e os rituais praticados por Febrônio, por isso se reforça agora a presença de elementos naturais no cenário do crime. Se antes queria-se mostrar o afastamento da cidade, o que parecia apenas fornecer condições favoráveis ao crime, agora é apontada uma necessidade de que o mesmo

³⁵ Ibidem.

³⁶ O *Jornal*.

³⁷ A *Noite*.

ocorresse em meio às forças da natureza com as quais Febrônio se identificaria.

A Noite faz uma reportagem grande segundo a qual o réu teria negado a versão de sua confissão apresentada pelo delegado. A matéria, com uma foto de rosto de Febrônio, cujo nome completo seria Febrônio Simões de Mattos Índio do Brasil, informa que ele tem no peito "uma tatuagem com os dizeres: Sou o filho da luz" e que a outra parte da tatuagem não queria mostrar, dizendo que, se alguém a visse, seria infeliz por toda a vida. A reportagem conta também que ele fora reconhecido pela família de Alamiro, narra o desaparecimento do menor João e termina com uma frase de efeito, na qual se ressalta que Febrônio é "um tarado e perigoso à sociedade".

O *Correio da Manhã*, além de fornecer informações sobre o assassinato de Alamiro e sobre a confissão de Febrônio, refere-se ao seu trabalho como dentista e às tatuagens e torturas que teria feito a outros dois menores, Otávio e Jacob.

No dia 3 de setembro *O Jornal* introduz um novo título na sua série de reportagens: FEBRÔNIO E SEUS REVOLTANTES CRIMES. A palavra "crimes", no plural, alude ao desaparecimento de João Ferreira, igualmente atribuído a Febrônio. De fato, a notícia informa que o criminoso revelara que, numa mata do Rio Comprido, fizera com agulha e tinta vermelha uma tatuagem no peito do rapaz, gravando as letras DCVXZ, que significariam "Deus vivo". Depois deixara-o deitado e

saíra para procurar o que comer. A polícia vasculhara a mata, levando Febrônio, e encontrara cigarros, várias agulhas e uma ceroula que o preso reconheceu como sua. A reportagem termina ressaltando que "o caso do menor João tem causado profunda impressão no espírito público, tal a hediondez de que se reveste", e que "a revolta contra o criminoso é geral".

O *Correio da Manhã* conta o que teria acontecido com João da mesma maneira que *O Jornal*, apenas acrescentando a letra Y à série de letras da tatuagem. Informa também sobre vários nomes que Febrônio teria usado (José de Mattos, Pedro José de Mattos e Febrônio Simões de Mattos), e que em Minas trabalhara como médico, com o nome de Dr. Uzeda Filho, e causara a morte de uma senhora grávida. A notícia tem o título de costume, O HEDIONDO CRIME DA ILHA DO RIBEIRO, e é assim apresentada: "Tudo faz crer que Febrônio Índio do Brasil deu ao menor João o mesmo destino do menor Alamiro". Ressalta-se a repetição, criando-se a idéia de assassinatos em série, o que é um prato cheio para a imprensa, na medida em que cria o suspense: qual será a próxima vítima descoberta?

A *Noite* vem novamente com novidades: o resumo da matéria fala de uma "seita misteriosa" e de "um livro do criminoso". A reportagem de fato informa sobre a publicação do livro *As revelações do Príncipe do Fogo*, e diz que Febrônio continuava negando o assassinato de João.

Também no dia 3 o jornal O Paiz publica, pela primeira vez, uma pequena nota sobre o assunto, intitulada O CRIME DE UM DEGENERADO, assim apresentada: "Prossegue o inquérito sobre o escabroso fato da Ilha do Ribeiro". A nota informa, a respeito de João, que suspeita-se "que o pobre menor tenha sido igualmente vítima dos sádicos e ferozes instintos de tão positiva besta-fera".

O Paiz tira proveito, assintosamente, da comoção da opinião pública. Expressões como "escabroso fato", "sádicos e ferozes instintos" e "besta-fera" tiram a matéria do terreno da informação para colocá-la no da leviandade do palavrorio fácil. Usando termos agressivos, esse jornal busca mobilizar a revolta do leitor, mas o faz de maneira parcial, e portanto pouco ética.

No dia 4 de setembro, um domingo, apenas o Correio da Manhã noticia alguma coisa sobre o caso. Intitulada FEBRÔNIO, FILHO DA LUZ, a reportagem fornece novos elementos para a composição, pelo leitor, do perfil do "malvado" criminoso. Referindo-se a Febrônio como "o grande celerado", a matéria informa que havia um processo movido contra ele em 1925, no qual constava que era "formado em cirurgião dentista pela Faculdade da Bahia", e descreve seu livro *As revelações do Príncipe do Fogo*, afirmando que "ninguém entende o que o malvado escreveu nessa 'obra' da qual ele mandou um exemplar para cada biblioteca".

A menção feita ao livro de Febrônio questiona a inteligibilidade de seu texto, que sequer pode ser chamado de "obra", uma vez que esta palavra aparece entre aspas. Note-se que a expressão "filho da luz", presente no título, é tirada da inscrição que Febrônio tatuara em seu tórax: EIS O FILHO DA LUZ. O discurso do jornal se apropria das palavras de Febrônio mas, repetindo-as, desloca o autor da posição de sujeito para a de objeto. Não é mais Febrônio quem fala: fala-se sobre ele. Seu texto, impresso em livro ou inscrito no corpo, é desautorizado e expropriado, voltando-se contra o próprio autor.

A edição de *Paiz* dos dias 5 e 6 de setembro informa sobre "as diligências para o encontro do menor João", em matéria com o seguinte título: OS CRIMES DE UM DEGENERADO. O termo "degenerado" aponta para a idéia de desvio: Febrônio não é um homem como outro qualquer, não é um legítimo representante da espécie humana. Esta é uma visão de conteúdo essencialista, que supõe um homem ideal: aquele que se afasta do modelo não faz parte, por isso mesmo, desta categoria. A matéria publicada na revista *Fon-Fon* de setembro, transcrita no item 3 deste capítulo, corrobora esta concepção: "Monstro sem piedade, sem nada de humano a não ser, infelizmente, a forma". Por hora, é bom apenas lembrar: degeneração e eugenia são faces da mesma moeda.

A reportagem de *O Paiz* informa também sobre a prisão no Rio Comprido de Sílvio José Osório, "antigo companheiro de Febrônio na Colônia Correccional". Nem O

Jornal nem o *Correio da Manhã* fazem referência, no dia 5, a este novo personagem. Apenas *A Noite* dá também esta informação, mas o nome fornecido é Silvino José Osório, e não Sílvio, como se lê no outro periódico. No dia seguinte o *Correio da Manhã* noticia a detenção de Sabino José Osório, "que passava no local onde a polícia procurava o menor João", considerado suspeito por ter sido companheiro de Febrônio na Colônia Correccional de Dois Rios.

O *Jornal* em momento algum faz referência a esta prisão. Os outros três periódicos dão informações parecidas, provavelmente apoiadas em algum boletim fornecido pela Polícia, todavia divergentes quanto ao nome do rapaz. O mais curioso é que Sílvio/Silvino/Sabino José Osório é completamente esquecido pelos repórteres, e o leitor não tem nenhuma notícia dele depois de sua prisão. Se era ou não cúmplice de Febrônio, se em seu depoimento forneceu novas pistas, se foi solto ou se continuou preso, nada mais foi informado. Lembramos que *A Noite*, por ser de edição vespertina, podia facilmente repetir as informações presentes na edição de *O Paiz*, e o *Correio da Manhã* poderia fazer o mesmo na edição do dia seguinte.

Neste mesmo dia, *A Noite* reproduz o depoimento do proprietário do hotel Rio Branco, em Petrópolis, onde Febrônio estivera nos últimos dias.

O *Correio da Manhã* do dia 6, em notícia intitulada OS CRIMES DO CELERADO QUE SE DIZ "FILHO DA LUZ",

informa sobre o mesmo depoimento, segundo o qual Febrônio se registrara no hotel como Bruno Ferreira Gabina, com a profissão de dentista. A matéria informa que foram apreendidas em seu quarto peças roubadas de outros dentistas, e cita outras pessoas que conheceram Febrônio em Petrópolis, entre as quais um alfaiate que teve um quisto por ele lancetado.

A reportagem publicada em *O Jornal* no mesmo dia narra o episódio do alfaiate, a quem Febrônio encomendara um terno. Quando o alfaiate foi ao hotel receber a segunda parte de seu dinheiro, Febrônio percebeu-lhe um quisto no pescoço, passou-lhe iodo e com a maior rapidez "rasgou-lhe a parte doente, ao que o alfaiate, com hemorragia, saiu correndo". A matéria informa ainda que o delegado do 2o. distrito, Dr. Gomes Oliva, ia requerer do juiz da 7a. Vara Criminal a prisão preventiva de Febrônio, por ter ficado provada a sua exclusiva responsabilidade na morte de Alamiro.

O *Correio da Manhã* do dia 6 noticia ainda que havia sido concedida a prisão preventiva de Febrônio. A *Noite* confirma esta informação, e menciona "os despachos de Febrônio para com a esposa do proprietário do hotel Rio Branco". Ambos os jornais informam que, paralelamente à conclusão sobre a culpa de Febrônio pelo assassinato de Alamiro José Ribeiro, continuam as investigações sobre o desaparecimento de João Ferreira.

Aqui vale lembrar Roland Barthes: o trabalho de investigação policial é o de decifração de enigmas. Mas

na imprensa os crimes misteriosos são raros, o policial é pouco personalizado, o enigma lógico mergulhado no patético dos atores; por outro lado, o desconhecimento real da causa obriga o *fait divers* a se estender por vários dias, a perder seu caráter efêmero, tão conforme a sua natureza imanente; é por isso que, no *fait divers*, contrariamente ao romance, um crime sem causa é mais inexplicado que inexplicável: o 'retardo' causal não exaspera o crime, o desfaz: um crime sem causa é um crime que se esquece.³⁸

Se o crime é misterioso e raro na imprensa, é preciso tirar o máximo proveito quando algo acontece, deixando-o sempre à tona na memória do leitor para que não seja rapidamente esquecido. É por isso que, uma vez desvendado o mistério do assassinato de Alamiro no que tange, senão à causa, pelo menos à autoria, os jornais vão dar mais espaço ao persistente mistério em torno do desaparecimento de João.

O Correio da Manhã de 7 de setembro traz notícia novamente intitulada FEBRÔNIO, FILHO DA LUZ..., assim resumida: "Os trabalhos de ontem para a descoberta do menor João - O grande celerado é também consumado preparador de mandingas". A reportagem dá continuidade ao suspense que se criou em torno de João, e junta um elemento novo à trama: as "mandingas". Já a reportagem de A Noite no dia 6 fizera referência aos "despachos de Febrônio", mas com menos destaque. Além de descrever as "mandingas", o Correio da Manhã informa que Febrônio

³⁸ BARTHES, op.cit., p.192.

havia declarado ainda não ter sido orientado pelos espíritos para falar sobre os destinos do menor João, e descreve a resposta que teria dado ao saber que fora concedida sua prisão preventiva: "Que querem? Cristo sofreu ainda mais, chegando a ir à cruz. Sou um predestinado e tenho de sofrer, também, as perseguições e as maldades dos homens".

Ainda no dia 7 de setembro A Noite informa que APARECEU O CADÁVER DO MENOR JOÃO, colocando logo abaixo do título: "Os urubus denunciam o local". A reportagem conta que o lavrador e pescador Roberto Bento Domingues descobriu outro cadáver na Ilha do Ribeiro, e traz uma foto do "local onde foi encontrado o menor Jonjoca". A utilização pelo jornal do apelido do rapaz aumenta a carga emotiva da notícia, na medida em que torna público uma forma de tratamento carinhoso característica da intimidade familiar. É como se o jornal assumisse claramente o ponto de vista da família que acaba de perder um ente querido. E a palavra Jonjoca, além do mais, com seu sufixo diminutivo, acentua a pouca idade do rapaz por ser um apelido infantil.

No dia seguinte o *Correio da Manhã* confirma a notícia divulgada na véspera. Sob o título OS CRIMES DE UM MISERÁVEL, a reportagem afirma que "no mesmo ponto em que Febrônio Índio do Brasil estrangulou o menor Alamiro, foram encontrados restos de um cadáver de criança". A matéria também informa que a polícia levara Febrônio para fazer a reconstituição do crime no local,

e acaba por dar um conselho: "Aconselhamos à polícia a fazer guardar Febrônio por um batalhão inteiro da Polícia Militar, pois o povo, muito justamente revoltado com os crimes em apreço será capaz de dar cabo do bandido".

Também *O Jornal* confirma o aparecimento do corpo de João Ferreira, e informa que "o delegado Oliveira fará a reconstituição do delito".

No mesmo dia, 8 de setembro, *O Paiz* publica uma pequena nota, na qual informa que foi encontrado um corpo na Ilha do Ribeiro que "suspeita-se ser do menor João". O título da nota reforça a dúvida: SERÁ O MENOR JOÃO? Ora, desde a véspera já se sabia que sim, pois *A Noite* já divulgara tal informação. *O Paiz* mostra uma enorme lentidão na apuração dos fatos, e faz persistir a dúvida onde já podia haver informações mais atualizadas e completas.

No dia seguinte *O Jornal*, o *Correio da Manhã* e *O Paiz* confirmam: Febrônio em seu depoimento da véspera confessara o assassinato de João Ferreira. O *Correio da Manhã* estampa na primeira página uma foto de Febrônio depondo e uma outra do enterro de João, buscando claramente a oposição entre vítima e algoz. Na página 3, sob o título AS MONSTRUOSIDADES DE UM BANDIDO, lê-se o resumo da notícia: "Febrônio, 'filho da luz', disseminando as trevas e a morte - O celerado confessou afinal que foi o matador do menor Janjão e há suspeitas de que tenha cometido outros assassínios de crianças".

O *Jornal* também apresenta uma foto de Febrônio durante seu depoimento, cercado de homens que o escutam ladeado por um policial fardado. Em todas as fotos Febrônio aparece de paletó e gravata, barbeado e penteado. Sua figura não inspira nenhum temor.

A foto ilustra a notícia que mais uma vez se intitula FEBRÔNIO E SEUS CRIMES, e que vem assim resumida: "O menor João foi estrangulado alta noite, na ilha fatídica"; "A fria confissão do criminoso e o seu depoimento"; "O enterro da infeliz vítima". Percebe-se que *O Jornal* também explora a tensão entre "criminoso" e "vítima", exatamente como fez o *Correio da Manhã* com as fotos de sua primeira página. A escolha dos adjetivos é cuidadosa e busca levar ao máximo essa oposição - "ilha fatídica" e "fria confissão" por um lado, "infeliz vítima por outro -, criando-se o clima para levar o leitor à maior comoção possível.

A reportagem informa que Febrônio contava ter praticado os crimes em obediência a "revelações de sua seita religiosa", e que o criminoso já estivera no Hospital dos Alienados, onde os médicos haviam verificado seu "perfeito" estado mental, e que portanto ele queria "se passar por louco". Esta informação nos remete ao dia 2 de setembro, quando este mesmo periódico, reproduzindo o depoimento de Febrônio, informava que o depoente tentara "fazer maior confusão" e "confundir o delegado". *O Jornal* procura dessa forma caracterizar a má-fé do acusado, reafirmando-a na

medida em que nega os claros indícios de seu desequilíbrio mental.

O final da reportagem é o "gancho" para o próximo capítulo: a informação de que a polícia vai "fazer uma revisão dos casos de desaparecimentos de menores", suspeitando que Febrônio "seja também o autor de outros crimes".

O *Paiz* também colabora na confecção da imagem de Febrônio como de um "ardiloso" e "mal-intencionado". A reportagem do dia 9 de setembro, que transcreve suas declarações sobre o assassinato de João Ferreira, com o título O CRIME DE UM DEGENERADO, vem assim resumida: "A torpe e cínica confusão de Febrônio sobre o assassinio do menor João".

A *Noite*, sob o título OS CRIMES DE UM BANDIDO, traz reportagem na qual "fala o pai de Joãozinho" e mostra fotos da família, das roupas do menor encontradas na Ilha do Ribeiro e dos instrumentos dentários de Febrônio apreendidos no Hotel Rio Branco. A matéria também aponta, a exemplo de *O Jornal*, para o desdobramento do caso e continuidade do noticiário: "Haverá ainda outras vítimas do matador infame".

No dia 10, *O Jornal* informa que "o autor da dupla tragédia da Ilha do Ribeiro vai para a Casa de Detenção" e *O Paiz* explora mais uma vez o filão do assassinato em série: "Prosseguem as pesquisas policiais". A matéria informa também que "tudo leva a crer que se trata de um caso de aberração sexual, que o criminoso é um sádico necrófilo!"

O *Correio da Manhã* e *A Noite* não dão nenhuma notícia a respeito de Febrônio no dia 10 de setembro.

No dia 11 *O Jornal*; *O Correio da Manhã* e *O Paiz* informam sobre o depoimento do motorista do ônibus que Febrônio tomou em Jacarepaguá "após o crime do menor João"³⁹, e que fez o reconhecimento na 4a. delegacia auxiliar onde o preso "ainda permanecerá alguns dias".⁴⁰

O Paiz traz também uma pequena nota informando a prisão de um bandido que intitulada O EXEMPLO DE FEBRÔNIO FRUTIFICA, é assim apresentada: "Mais um degenerado às voltas com a polícia". Pode-se ver que Febrônio é responsabilizado não apenas por seus próprios atos, como também pelos de terceiros. A nota se encerra com a conclusão de que "a polícia deve usar da máxima severidade possível para reprimir essas bestas feras, verdadeiras aberrações que é preciso a todo custo eliminar". *O Paiz* volta portanto a usar seu vocabulário apocalíptico para conclamar a sociedade a "eliminar" os "degenerados".

É também *O Paiz*, na coluna "Artes e Artistas", que publica a chamada sobre o novo quadro "O filho da luz" incluído na revista "Não quero saber mais dela", da Companhia Ra-ta-plan. A história de Febrônio nesse momento, já é um filão explorado não apenas pelos jornais, mas também pelo teatro de revista, sempre em busca de novas atrações para seus expectadores.

³⁹ *O Jornal*.

⁴⁰ *Correio da Manhã*.

A Noite no dia 11 de setembro não se pronuncia sobre o caso, mas no dia 12 volta a estampar o título OS HEDIONDOS CRIMES DE FEBRÔNIO ÍNDIO, seguido do resumo: "Quis cegar o menor Joaquim para matá-lo depois". A reportagem, que traz fotos de Joaquim e de seu pai, narra o depoimento do menor sobre a sua tatuagem e sobre a ameaça de ter os olhos furados.

O Paiz no dia 12 também informa sobre o depoimento do menor Joaquim, em matéria que se inclui na série folhetinesca O CRIME DE UM DEGENERADO, e que vem assim encabeçada: "Crescem dia a dia as acusações contra o celerado - Os depoimentos de ontem".

O fato de crescerem "dia a dia" as acusações ressalta a serialidade das notícias, e faz o leitor comprar "dia a dia" o jornal para conhecer novos detalhes sobre o "degenerado".

Também o *Correio da Manhã*, no dia 13 de setembro, apresenta o caráter serial dos crimes de Febrônio: "Outras vítimas aparecem e diante delas o famoso bandido relata dramas outros que a polícia apura". A matéria faz referência a "outras vítimas" que, tendo visto as fotos de Febrônio nos jornais, estão procurando a delegacia para prestar depoimento, entre as quais cita o menor Joaquim, que teve o braço tatuado nas matas do Silvestre.

A matéria reproduz ainda uma declaração de Febrônio na qual ele mantém total coerência com o que vinha expondo e demonstra ter consciência do que os jornais dizem a seu respeito, reafirmando sua convicção de que

o futuro reconhecerá seus esforços para a divulgação de sua religião: " Sou um êmulo de Deus, que estudo, e a religião que prego não foi compreendida. Se-lo-á, tenho certeza. Nesse dia deixarei de ser o monstro que os jornais apregoam e na sede de pregar Deus espalharei pelo mundo os santos ensinamentos que preguei no meu livro".

No dia 14 de setembro os quatro jornais publicam matéria sobre o caso, informando sobre os depoimentos de Jacob Edelman e Alvaro Ferreira, outros dois menores que Febrônio atraíra e tatuara, mas que tinham conseguido se salvar. O *Correio da Manhã* apresenta assim sua matéria: "Mais duas vítimas que a polícia ouviu e que narram, em linguagem clara, todo o martírio a que as submeteu o criminoso".

Há também informações sobre um outro corpo de menor encontrado na véspera, embora cada jornal dê uma localização diferente: Mangaratiba, Itaguaí ou Itacuruçá - localidades bastante próximas umas das outras, situadas no litoral sul-fluminense, região por onde Febrônio também passara, segundo o depoimento do menor Jacob.

No dia 15 de setembro O *Jornal* informa sobre a "ossada humana encontrada em Itaguaí" e se refere ao dentista Bruno Ferreira Gabina, desaparecido há 6 anos no Rio Grande do Sul, sobre quem se terá mais informações ao longo do dia a partir do depoimento de sua mãe.

O *Correio da Manhã* igualmente informa sobre a "descoberta de um cadáver de um menor em Itaguaí, suspeitando-se que seja mais uma vítima de Febrônio" pois o mesmo fora visto "a perambular por lá".

A notícia fala também do "aparecimento da progenitora do dentista Bruno Gabina", o qual a polícia suspeita ter Febrônio "assassinado e se apoderado de seu diploma". Em seguida é narrado o caso de uma mulher e um menor que tiveram seus dentes arrancados por Febrônio.

O *Correio da Manhã* fornece ainda uma "notícia de última hora": "Febrônio confessa, afinal, que não é Bruno", nem nasceu no Maranhão e sim em São Miguel de Congonhas, em Minas Gerais.

A Noite repete o noticiário diurno, e acrescenta novos dados: "Febrônio fez-se passar como médico no Espírito Santo, e, assim, matou diversos clientes", e a polícia suspeita que seu livro seja na verdade de autoria de Bruno.

No dia 16 de setembro o *Correio da Manhã* traz muitas novidades. Febrônio teria criado uma "cooperativa médica" à qual o dentista Bruno Ferreira Gabina se associara, tendo tido conhecimento da mesma pelo anúncio que Febrônio colocara no próprio *Correio da Manhã*. A sociedade se chamava "A Auxiliadora Médica", da qual o jornal transcreve o texto de um recibo. Segundo Febrônio, pouco tempo depois de se associar à cooperativa, Bruno Gabina teria desaparecido, e Febrônio então passou a fazer uso de

seu diploma, tendo trabalhado como médico no Espírito Santo. Ainda segundo seu depoimento, é filho legítimo de Theodoro Índio do Brasil e Estrela do Oriente Índio do Brasil, e nasceu em 14 de janeiro de 1895 em São Miguel de Jequitinhonha, em Minas Gerais, de onde saiu com 12 anos.

O *Correio da Manhã* também informa que um representante da firma R. Monteiro & Cia., estabelecida na Rua São Pedro nº 179, que editara o livro de Febrônio, procurou a delegacia pedindo permissão para vender a obra, pois a procura estava grande e dessa forma cobriria os prejuízos.

Os outros periódicos, no dia 16, não se apresentam tão ricos em informações. Os três informam que Febrônio prestou depoimento e que trabalhou como médico e dentista. O *Jornal* faz referência a dois depoimentos de clientes do seu consultório dentário. A *Noite* informa que em 1923 Febrônio fora multado pela Saúde Pública por exercer ilegalmente a profissão de dentista e, em outra página, relata o depoimento da proprietária da casa de Mangaratiba onde o acusado estivera com os menores Octavio e Jacob. E segundo O *Paiz*, Febrônio revelara ter sido candidato a intendente carioca, apoiado por um prestigioso político.

No dia 17 de setembro as notícias veiculadas por A *Noite* na véspera são confirmadas pelos outros periódicos. O *Correio da Manhã* resume assim sua reportagem: "Depõe, no inquérito, o dono da casa em Mangaratiba, onde se hospedaram o monstro e duas das

suas vítimas". O "dono da casa" é na verdade "D. Finoca", e a palavra "monstro", que substitui no texto o nome de Febrônio, se relaciona com a manchete, que como já vimos vem se repetindo há vários dias: FEBRÔNIO, O "FILHO DA LUZ", E A MONSTRUOSIDADE DOS SEUS CRIMES.

O Jornal não traz em sua reportagem nenhum dado novo, e O Paiz informa sobre o depoimento de D. Josephina Pinheiro, proprietária da casa de Mangaratiba. Contudo o mais curioso é um pequeno artigo publicado no mesmo jornal, em que o autor, Adoasto de Godoy, critica a insistência de Mattos Pimenta, secretário do Partido Democrático do Distrito Federal, em não aceitar a recusa do Dr. Miguel Couto ao cargo de intendente. O texto se intitula UM FEBRÔNIO NA POLÍTICA, e se dirige a Mattos Pimenta:

V.S, é sujeito, pelo que observo, capaz de tatuar a memória de Rui Barbosa, de conduzir, com sinistros propósitos para a Ilha da Ribeira(sic), a estátua do duque de Caxias e o monumento de Pedro Álvares Cabral e outras coisas piores.

A comparação do político com o criminoso traz um apelo retórico que torna ainda mais forte com o deslocamento das ações: tatuar não um corpo, mas a memória do ilustre Rui Barbosa; conduzir para o local dos crimes divulgados pela imprensa a estátua de Duque

de Caxias. Ou seja: o senhor Mattos Pimenta é capaz de investir contra figuras que são símbolos nacionais, desrespeitando-os completamente. Interessa-nos observar a transformação de Febrônio em paradigma, ele que se situa precisamente no terreno do desvio. Fazendo este deslocamento, o senhor Adoasto Godoy está supondo, com evidente exagero, que Febrônio é capaz, como Mattos Pimenta, de ignorar os valores da sociedade brasileira não apenas atacando menores anônimos, mas também os vultos da nação.

Ainda no dia 17, *A Noite* vem contando "As façanhas de Febrônio em Minas", onde "ao ser expulso de um baile ateou fogo à casa". Na cidade de Rio Casca teria também exercido "a profissão de médico e dentista".

No dia seguinte, circula a informação de que a polícia baiana descobriu a "ficha daliloscópia" de Febrônio, pela qual se verifica que ele usara muitos outros nomes. *O Jornal* informa que o "perigoso indivíduo, no entanto, recolhido a um xadrez da Central de Polícia, continua mantendo uma calma que chega a revoltar". *O Paiz*, por sua vez, afirma que "do conhecimento dos seus crimes deduz-se que a polícia nunca andou às voltas com um criminoso da estirpe de Febrônio Índio do Brasil".

No dia 19, *A Noite* informa que o promotor Otto Gil ofereceu denúncia contra Febrônio, em cuja folha corrida estão registradas trinta e sete prisões, oito entradas na Casa de Detenção e três condenações.

A notícia da denúncia é repetida no dia seguinte pelos outros periódicos, que divulgam também o Depoimento de D. Maria Fereira Gabina, que "desde 1922 não recebe notícias do filho". Há referências ainda ao depoimento de D. Ermelinda Silveira, que contou ter alugado, em 1921, um quarto para Febrônio, que se apresentou como Joaquim Índio do Brasil. Segundo *O Jornal*, o quarto era utilizado "para seu trabalho de dentista", junto com Bruno Gabina. Um mês depois os dois homens "sumiram sem pagar o aluguel".

No dia 21 de setembro *O Jornal* inicia uma série de reportagens intitulada O CRIMINOSO FEBRÔNIO PERANTE A PSIQUIATRIA, fornecendo a opinião de alguns médicos sobre o caso. A primeira matéria vem assim apresentada: "O que disse a *O Jornal* o Dr. Faustino Espozel, professor de Neurologia da Faculdade de Medicina". O médico entrevistado classifica Febrônio como um indivíduo "degenerativo, de personalidade psicopática e estado mental originário, com a expressão de aberrações sexuais, de sadismo e desequilíbrio mental". Dr. Espozel afirma que tal fato não justifica sua liberdade, mas antes sua reclusão a uma "colônia manicomial judiciária" onde a sociedade estaria protegida desse "elemento perigoso" pelo "afastamento fiscalizado". Neste tipo de estabelecimento "far-se-ia o que fosse possível medicamente para tratar esses indivíduos, na esperança de que a ciência venha a conseguir triunfos em casos ainda hoje desesperançados, despertando-se a idéia de que - quem sabe? - o capítulo

das secreções internas se possa enriquecer". O Dr. Espezel finaliza afirmando: "Eis a minha opinião. Mas, repito: a liberdade, não!"

No dia 22, sob o mesmo título, é apresentado "O que disse a O Jornal o Dr. Pedro Pernambuco Filho, assistente da Faculdade de Medicina." O artigo apresenta duas hipóteses para a série de crimes: "tendência do degenerado para o sadismo, crueldade passional para a satisfação do instinto sexual; ou criminalidade resultante de um delírio religioso". O médico conclui que Febrônio é perigoso, devendo ser recolhido ao Manicômio Criminal".

Apenas no dia 2 de outubro volta a aparecer o título O CRIMINOSO FEBRÔNIO PERANTE A PSIQUIATRIA, fornecendo dessa vez "A opinião do professor Henrique Roxo sobre o famoso delinqüente". Segundo suas declarações, o professor conhecera Febrônio em 21 de fevereiro de 1927, quando o mesmo estivera pela segunda vez no Instituto de Psicopatologia, de onde foi transferido para o Hospício. Na época foi diagnosticado seu "estado atípico de degeneração". Dr. Henrique Roxo considera Febrônio um "desequilibrado e pervertido sexual, um louco raciocinante".

Cumprе notar como a imagem de Febrônio vai-se alterando. Se nesse momento está caracterizado seu status de louco, apenas alguns dias antes, em 2 de setembro, o mesmo jornal sustentava que o criminoso havia estado no Hospital dos Alienados, onde os médicos haviam atestado seu perfeito estado mental. A matéria

ênfatizava seu caráter "ardiloso", e as contradições e incoerências de seu depoimento eram tomadas como provas de má-fé. Trazido Febrônio para o território da loucura, o que se observa é que sua reclusão fica mais facilmente assegurada, uma vez que se torna dispensável o processo penal. Pode-se observar também a inconsistência das informações fornecidas pelo periódico: o fato de Febrônio ter estado anteriormente em instituições destinadas a abrigar "alienados" funciona como prova ora de saúde, ora de doença.

No dia 4 de outubro a série de reportagens apresenta-se com o título ligeiramente modificado: O CRIMINOSO FEBRÔNIO EM FACE DA PSIQUIATRIA E DA CRIMINOLOGIA. O artigo traz a entrevista concedida por Evaristo de Moraes (do qual é estampada uma foto de rosto) em virtude de desejar *O Jornal* acrescentar "à psiquiatria o ponto de vista do direito". Segundo o Sr. Evaristo de Moraes, "Febrônio realiza, num conjunto de linhas raramente reunido, o tipo do "criminoso-degenerado, para o qual tanto é imprópria a penitenciária comum, como ineficiente o hospital de alienados". O lugar que lhe compete seria "o manicômio judiciário ou colônia manicomial judiciária, sem determinação prévia de tempo, que seria absurda". Em sua opinião, o fato de o considerarem louco não implica contudo que seja aconselhável a concessão de sua liberdade.

No dia 15 de outubro sai a reportagem mais completa da série, que vem intitulada O CASO DE FEBRÔNIO PERANTE

A PSQUIATRIA. A retirada da palavra "criminoso" do título lhe confere um caráter mais científico e menos policialesco. A matéria, que seria aproveitada anos depois por Blaise Cendrars, traz um estudo dos médicos Murillo Campos e Leonídio Ribeiro, que estão realizando um exame em Febrônio, e apresenta várias fotos. Na página 5, ele aparece sem camisa para que fiquem à mostra as tatuagens, e na página 9, na continuação da reportagem, há duas fotos de rosto, com as legendas "O perfil do criminoso" e "O sorriso de imbecilidade". Em todas as fotografias Febrônio está despenteado, com a barba por fazer, e o olho esquerdo fechado, provavelmente devido aos espancamentos denunciados por seu advogado. Seu aspecto é oposto ao que apresentava nas primeiras fotos divulgadas pela imprensa, cerca de um mês antes, quando fora fotografado, de terno e gravata, prestando depoimento. A degradação de sua imagem para o público foi rápida e eficiente.

Os psiquiatras fazem uma análise da vida de Febrônio e um exame de suas características físicas, considerando-o com acentuados elementos de feminilidade. Segundo suas conclusões, "Febrônio constitui (...) um dos poucos casos registrados na literatura médico-legal de todos os tempos, e o primeiro publicamente entre nós, de grande sadismo, tendo um especial interesse científico por se tratar de um mestiço."

Dr. Heitor Carrilho faz referência a este texto no laudo resultante da observação de Febrônio durante o

período de um ano em que esteve internado para este fim no Manicômio Judiciário:

Os Drs. Murillo Campos e Leonídio Ribeiro pretenderam, em um estudo que publicaram sobre o paciente, que "Febrônio sofreu no ambiente familiar, durante a sua infância, influências indeléveis. Ao exame, deixa perceber uma acentuada fixação materna, a par de um complexo paterno (oedipo complexo)". Parece-nos, de fato, aceitável essa sua interpretação psicanalítica.⁴¹

Desde o começo dos anos 20 havia entre os médicos e psiquiatras quem se interessasse pela psicanálise e a difundisse no Brasil. É certo que os novos conceitos não chegaram a entusiasmar um grande número de alienistas, havendo os que professassem credos muito diferentes daqueles do Dr. Freud, como os médicos que estavam reunidos na Liga Brasileira de Higiene Mental.

Beatriz Resende, comentando o sistema asilar que "seqüestra" os indivíduos retirando-os do convívio social, afirma que Juliano Moreira fazia como diretor do Hospício Nacional dos Alienados um trabalho bastante avançado, tendo sido "o primeiro a tratar dos métodos de Freud no Brasil". E que Henrique Roxo, da mesma

⁴¹ CARRILHO, Heitor. Laudo do exame médico-psychologico procedido no accusado Febrônio I. do B. p.89.

instituição, introduziu em 1914 a psicanálise na Faculdade de Medicina.⁴²

Interessa-nos, portanto, a utilização do "caso Febrônio" como oportunidade para divulgação do ideário da psicanálise, assim como de outras correntes da psiquiatria, para os leitores em geral. Peter Fry nos mostra que através deste "drama tornado público" chegam até o cidadão comum discursos aos quais habitualmente ele não tem acesso:

É seguramente através deste tipo de situação pública e dramática que o cidadão comum toma conhecimento das teorias eruditas da sua época, traduzidas num vocabulário não só mais acessível mas também mais empolgante. O "louco-moral" dos tratados médicos-legais transforma-se no "monstro" dos jornais.⁴³

Intercalados com os textos científicos, continuaram sendo publicadas as reportagens policiais. A medida que as novidades foram rareando, o assunto foi deixando de causar interesse e ocupar tanto espaço nos jornais. No dia 21 de setembro Febrônio foi transferido da delegacia em que estava para a Casa de Detenção, e alguns dias depois todos os jornais divulgavam o depoimento de uma senhora que teria alugado um quarto

⁴² RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*.
Op.cit.,p.176.

⁴³ FRY, op. cit., p.68.

para Febrônio onde o vira cozinhando numa lata a "cabeça de um defunto".

A Noite coloca a notícia na primeira página, sob a rubrica FEBRÔNIO MACABRO, com um desenho de um homem segurando um crânio. É curioso observar que o desenho mostra "Febrônio" de gravata e guarda-pó, como um "médico" perverso, e não como o "imbecil" de que se vêem as fotos na matéria de *O Jornal* do dia 15 de outubro.

Por volta do dia 24 informa-se que há suspeitas de que o crânio seja do Dr. Bruno Gabina, embora Febrônio tenha declarado, segundo o *Correio da Manhã*, que o apanhara no Cemitério do Caju e o cozinhara para "eliminar o mau cheiro".

No dia 27 de setembro os jornais informam que teve início o "sumário de culpa" de Febrônio, o qual, de acordo com o *Correio da Manhã* "chegou ao Pretório com a roupa da Casa de Detenção e trazendo o número 194". Depois de ouvida a última testemunha, o acusado levantou-se e disse que "seu processo deveria correr à revelia, pois estava observando que a justiça que esperava não era o que se estava fazendo".

Esta informação coincide com as observações que faz Dr. Heitor Carrilho em seu laudo: Febrônio se apresenta habitualmente de "humor calmo", exceto quando manifesta "exaltações emotivas momentâneas, sobretudo ao

protestar contra a sua reclusão ou quando reivindica direitos que julga postergados".⁴⁴

Observe-se que é de suma importância a informação de que Febrônio vestia a roupa da Casa de Detenção. Ele já não faz parte da sociedade "extra-muros", e deve aparecer publicamente empunhando os signos da exclusão, entre os quais figuram o uniforme de detento e o número que doravante estará inscrito em sua história.

Erwing Goffman, estudando o que chama de "instituições totais", aponta a série de "rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu" a que é exposto o indivíduo quando chega a uma delas. O internado é submetido a um rigoroso "processo de admissão" pelos funcionários:

obter uma história de vida, tirar fotografia, pesar, tirar impressões digitais, atribuir números, procurar e enumerar bens pessoais para que sejam guardados, despir, dar banho, desifetar, cortar os cabelos, distribuir roupas da instituição, dar instruções quanto a regras, designar um local para o internado.⁴⁵

Depois deste "ritual de passagem", as referências externas estão, senão apagadas, pelo menos esmorecidas. A identidade do interno agora já se mistura com a identidade coletiva conferida pela instituição.

⁴⁴ CARRILHO, op.cit., p.85.

⁴⁵ GOFFMAN, Erwing. *Manicômios, prisões e conventos* . p.24-26.

A imagem de Febrônio oferecida ao público passa igualmente por essas modificações. No momento em que ele aparece como "preso", o cidadão pode dormir tranqüilo, sentindo-se a salvo.

Acrescente-se o fato de que a palavra do "louco" é inteiramente desautorizada, como mostra Foucault em *A ordem do discurso*, falando dos mecanismos de exclusão: "o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: sua palavra é tida por nula e não acontecida, não tendo nem verdade nem importância".⁴⁶

Não são ouvidos, portanto, os protestos de Febrônio, que julga seus direitos postegados. Tudo o que disser ou fizer se voltará contra ele, e será tomado como sintoma de loucura. Não há saída para quem entra no túnel da estigmatização social.

Os jornais no final de setembro vão tendo cada vez menos notícias sobre o caso. Sabe-se que Febrônio trabalhou como advogado no Rio, roubou, leiloou um prédio indevidamente, foi preso muitas vezes. Homem de negócios ou salteador, é transferido para o Manicômio Judiciário para ter avaliada sua sanidade mental. O laudo levará mais de um ano para ficar pronto, e nele o Dr. Heitor Carrilho concluirá que o paciente é um "indivíduo cujas anormalidades mentais diminuem a sua capacidade de imputação em relação aos delitos que realizou", mas de "temibilidade máxima", de forma que se absolvido, "sua internação em estabelecimento

⁴⁶ FOUCAULT, Michel. *El orden del discurso* .p.13.

apropriado a psicopatas se impõe em benefício da defesa social".⁴⁷

A defesa do jovem advogado Letácio Jausen se baseou neste laudo pericial para reivindicar a "imputabilidade da pena". O Juiz Ary Franco aceitou o argumento da defesa e, em 12 de abril de 1929 absolveu Febrônio, mandando interná-lo no Manicômio Judiciário.⁴⁸ Febrônio solicita em 1933 nova avaliação de seu estado mental, mas seu pedido é indeferido. Em 1934 tenta por duas vezes, com a ajuda de um irmão, provar que está curado, mas um novo exame corrobora o anterior.

Em 1935 Febrônio consegue escapar, e provoca uma grande sensação na imprensa. No dia 6 de fevereiro, uma sexta-feira, A Noite estampa em primeira página: FEBRÔNIO FUGIU! O jornal traz duas fotos de seu rosto de frente e perfil, tiradas no Gabinete de Identificação. Parecem ser da mesma série divulgada na época de sua prisão, e Febrônio está barbeado, penteado, de paletó e gravata. Há também a foto do muro do Manicômio Judiciário, que ele escalou, e da corda, feita de lençóis, que foi utilizada na fuga. A reportagem faz um histórico dos crimes de Febrônio e traz declarações do Dr. Heitor Carrilho, diretor do Manicômio, que suspeita ter Febrônio contado com a ajuda do irmão.

⁴⁷ CARRILHO, op.cit., p. 101.

⁴⁸ FRY, op.cit., p. 75.

Nesta época, como explica-nos Juarez Bahia, "vespertimos como *A Noite* (...) publicam até cinco edições diárias. Em 1937, os jornais praticamente saem de duas em duas horas, apesar de só modificarem as suas primeiras e últimas páginas".⁴⁹

A segunda edição de *A Noite* de 8 de fevereiro traz em sua primeira página a manchete A FUGA DE FEBRÔNIO, e uma foto dos membros do Conselho Penitenciário reunidos "para tomar conhecimento do caso".

Localizou-se ainda a 4ª edição de *A Noite* do mesmo dia, que informa ser DESCONHECIDO AINDA O PARADEIRO DE FEBRÔNIO, e que há suspeitas de que ele esteja refugiado no morro de São Carlos, próximo ao Manicômio.

No dia 9 *O Jornal* estampa, também na primeira página: FUGIU ONTEM DO MANICÔMIO JUDICIÁRIO O FAMOSO TARADO FEBRÔNIO ÍNDIO DO BRASL. A reportagem traz as fotos divulgadas junto com o estudo dos Dr. Murillo Campos e Leonídio Ribeiro, nas quais se vêem as tatuagens. Há também fotos de dois rapazes igualmente tatuados, "vítimas de Febrônio", e dos "objetos por ele utilizados para a sua escapada", além de um perfil de Febrônio feito pelo desenhista do jornal.

No mesmo dia o *Correio da Manhã* publica as informações igualmente veiculadas pelos outros jornais, sob o título FERA EM LIBERDADE!

A Noite nesse sábado chega à 5ª edição, e desde a primeira anuncia na primeira página ser UM MISTÉRIO, O

⁴⁹ BAHIA, op.cit., p. 209.

PARADEIRO DE FEBRÔNIO. A reportagem relata a visita de um repórter ao Manicômio, e transcreve as declarações do zelador da instituição sobre Febrônio, que é chamado de "pedagogo da evasão": "Procurava avivar naqueles cérebros apagados, adormecidos ou entorpecidos, surtos de imaginação, capacidade de raciocínio e de artilosidade a ver se algum ideava uma probabilidade de evasão".

Em sua segunda edição, A Noite informa ter sido ENCONTRADO O IRMÃO DE FEBRÔNIO, Agenor Ferreira de Mattos, que nega tê-lo ajudado a fugir. Agenor queixa-se do tratamento que davam a Febrônio no Manicômio, e diz ter sido esse o motivo da fuga.

A terceira edição vem com a manchete PRESO!, tendo abaixo uma foto antiga de Febrônio sem camisa, tatuado. A notícia informa que ele foi detido em Honório Gurgel, na casa de um amigo de seu irmão.

Na edição seguinte a manchete tem maior apelo: A PRISÃO SENSACIONAL DE FEBRÔNIO. A notícia informa que o "maníaco" foi localizado pela polícia através da denúncia do dono da casa na qual havia se refugiado, que era compadre de Agenor.

Na quinta e última edição de A Noite a manchete RECONDUZIDO AO MANICÔMIO! vem acompanhada de uma foto que ocupa metade da primeira página do jornal, mostrando Febrônio enfurecido, com as roupas de interno e uma faixa amarrada na cabeça, gesticulando, cercado por policiais, de volta ao Manicômio. Segundo a notícia, ele tentara agredir o Dr. Heitor Carrilho.

Foto semelhante aparece no dia seguinte no *Correio da Manhã*, sob o título A FERA VOLTOU À JAULA, em matéria que apenas repete as últimas notícias da véspera.

No mesmo dia, 10 de fevereiro, *O Jornal*, além de noticiar que Febrônio foi "capturado", reproduz sua declaração ao chegar ao Manicômio: "Não sou demente. A minha doença está na imaginação dos que me tiram a liberdade".

Apesar de seus protestos, Febrônio passou 54 anos de sua vida no Manicômio Judiciário, onde faleceu com 86 anos. Cumpriram-se assim as palavras do juiz que, em 1936, negara-lhe a transferência pedida por seu irmão para a Ilha de Dois Rios, proclamando: "O seu lugar é no Manicômio Judiciário, de onde já poderá sair quando a ciência tomar a responsabilidade da sua completa cura".⁵⁰

⁵⁰ Processo Crime, p. 331 e verso. Apud FRY, op.cit., p. 77.

RECORTES

SUCURSAL DE MANICÔMIO, A CADEIA PÚBLICA CONTINUA A RECEBER LOUCOS DIARIAMENTE

HOJE ENTRARAM PARA LÁ MAIS DOIS INFELIZES. QUE SORTE OS AGUARDA
NAQUELE LOCAL IMPRÓPRIO?

O falecimento de um pobre louco na cadeia pública, chegado que fora a uma situação de fraqueza que deveria ter chamado a atenção de quem de direito, foi largamente comentado pela imprensa local, toda ela pesarosa com o fato dos dementes continuarem a ser recolhidos ao cárcere depois das promessas de remoção para o Juqueri. Inconveniente que tem sido verberado com calor, ele persiste, mau grado o que se disse ultimamente. A cadeia de Santos vai fazendo as vezes de sucursal de hospício de alienados, com prejuízo para as funções que deve representar, e, sobretudo, com prejuízo do precário estado de saúde dessas criaturas desditosas a quem a razão falta em meio das lides da existência e do convívio da família e da sociedade. Encarcerado, entregue a sua triste sorte, o louco tem perdidas todas as probabilidades de cura - uma pessoa perdida irremediavelmente, porque lhe falta medicação adequada ao seu mal e o conforto que o manicômio

oferece e que o xadrez nega. Exasperado, flagelando-se, recusando alimento e vivendo semi-nu, em celas frias, o demente caminha a passos agigantados para o túmulo, e enquanto não perece vai fazendo sofrer aqueles que próximo habitam, os indivíduos presos por delitos vários e a quem os juízes decerto não cominam a pena de aturar loucos para maior eficiência do castigo...

Hoje, até as 14 horas, foram recolhidos à cadeia pública os dementes João Borque e Justina Alves. Borque que é solteiro, de 25 anos, húngaro, estava na Santa Casa, de onde, por não o poderem aturar, pois não há lugar apropriado para os enfermos do cérebro, o mandaram para o cárcere. Justina é portuguesa, viúva, de 40 anos; andava às 7h 30 min. vagando pela rua Júlio Mesquita, sendo ali presa. São, portanto, mais dois infelizes, que ingressam no péssimo manicômio que é a cadeia. São dois condenados à perda total da razão, se é que ainda lhes resta alguma parcela de inteligência e um resquício de lucidez. São, finalmente, duas vozes enrouquecidas a juntar-se ao coro horrível, não sonhado por Wagner, nem por nenhum dos fantasistas da música hodierna.

Jornal da Noite (1ª página) -
Santos, 21 de setembro de
1928.

EU SOU FILHO DA LUZ

Este é o dístico que traz tatuado no peito um criminoso repelente que nestes últimos dias ocupou a atenção dos jornais. Monstro sem piedade, sem nada de humano a não ser, infelizmente, a forma, esse desgraçado se diz adepto de uma religião especial que tinha os ritos sabáticos e os mais negros abjeto goetio.

Filho das trevas, comparsa do Maldito, diz-se Filho da Luz. Sempre assim o mal macaqueia o bem e o diabo tenta imitar a Deus. Quem sabe esse repugnante celerado não é sua vítima da Magia Negra que campeia por aí, do baixo espiritismo, dos candomblés, enfim dum satanismo torpe que sujos charlatães exploram?...

Revista *Fon-Fon*, nº 37,
setembro de 1927, p. 54.

FEBRÔNIO POR BLAISE

Des hommes sont venus de la mer, des blancs, pour découvrir par hasard un continent dont personne n'avait la moindre notion en Europe, mais dont l'idée était dans l'air. Cette terre nouvelle les a éblouis.

(Blaise Cendrars. Le Brésil.p.31.)

CARREFOUR DU MONDE

Quai des Grands-Augustins, Librairie Américaine, 1922. Paulo (da Silva) Prado conhece Blaise Cendrars, e nasce aí a amizade que durará até a morte do brasileiro, em 1943. O cenário é a livraria do antiquário Chadenat, especializada em obras sobre as ex-colônias da Europa, que Paulo Prado frequenta há 30 anos. Dedicado ao estudo da história do Brasil sobretudo no período colonial, havia colaborado com Chadenat na preparação do catálogo de 1907 da série *Bibliophile Américain*, inteiramente dedicado ao Brasil.

A livraria, freqüentada por eruditos de várias nacionalidades, é descrita por Blaise Cendrars em *Bourlinguer* como possuindo um certo clima de magia que muito combina com o caráter deste encontro, que abrirá para o poeta os caminhos da terra *brasilis*.⁵¹

É a partir desse contato que os modernistas brasileiros em estada parisiense vão ter acesso não apenas a Cendrars, mas também, através dele, a vários outros artistas da vanguarda francesa.

Paulo Prado, conta-nos Alexandre Eulalio, era sobrinho de Eduardo Prado, diplomata brasileiro durante anos residente em Paris. Bibliófilo praticante, ia freqüentemente acompanhado do sobrinho aos salões e

⁵¹ EULALIO, *op.cit.*, p. 17.

livrarias, e este teria então aprendido com o tio o gosto pelos livros e pela cultura brasileira.

O rapaz poderia ter sido um diletante, gozando no *carrefour du monde* os privilégios a que fazia jus então a elite cafeeira. Mas consta que a leitura de Capistrano de Abreu causou-lhe uma grande comoção (para usar um termo marioandradiano) e um desejo de lançar-se ao estudo sério e à produção de idéias sobre sua pátria. Foi desse entusiasmo que resultou seu livro *Retrato do Brasil*, expressão do pensamento da época a respeito desta nação verde-e-amarela, e que formou durante muito tempo as mentes de jovens intelectuais, junto com *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda e *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre.

Mas Paulo Prado dedicava-se também à militância nos meios artísticos. Partidário das idéias vanguardistas e de modernização da sociedade brasileira, tomou para si já nos anos 20, a causa dos jovens artistas de São Paulo. É este senhor que vai promover a vinda de Blaise Cendrars ao Brasil, certamente por acreditar que deste intercâmbio poderiam nascer bons frutos.

Mas quem é, nesse momento, Blaise Cendrars?⁵² Filho de mãe escocesa e pai suíço, nasceu em 1 de setembro de 1887 e passou a infância entre a Inglaterra, a Itália, a Grécia e Neuchâtel, na Suíça, de onde, aos 16 anos, fugiu com intenção de conhecer o mundo. Acompanhando um

⁵² Os dados sobre a biografia de Cendrars foram retirados de PARROT, Louis.

Blaise Cendrars.

judeu polonês que ganhava a vida contrabandeando peles, jóias e pedras preciosas, de cidade em cidade, o jovem Cendrars conheceu os países do leste europeu e freqüentou suas bibliotecas. A Rússia deixou nele fortes imagens, que dariam origem anos depois ao longo poema *Prose du Transibérien et de la petite Jeanne de France*.

Em 1907, aos 20 anos, se instala num subúrbio de Paris, e se dedica à apicultura. Ensaia seus primeiros versos, experimenta a pintura, se liga a Gustave le Rouge, autor de folhetins, e a Rémy de Gourmont, escritor que será sempre citado em sua obra.

Em 1908 parte para Bruxelas e depois para Londres, onde trabalha como malabarista dividindo o palco com um jovem estudante de medicina que lê Schopenhauer e interpreta um palhaço. Seu colega do music-hall, com quem também compartilha um quarto, chama-se Charles Chaplin.

Em abril de 1912 Cendrars se encontra em Nova York. Como de costume, está sem dinheiro e caminha faminto, durante horas e horas, pelas ruas da cidade. De volta ao seu quarto de hotel barato, deita-se exausto, depois de escrever dois versos solitários. Acorda no meio da noite e compõe, de uma só penada, o grande poema *Páscoa em Nova York*, no qual é contada a volta do Cristo e o juízo final. Segundo Parrot "é com este poema,

publicado às custas de seu autor em 1912, que começava um capítulo novo da história da poesia moderna".⁵³

Durante este período de viagens Blaise Cendrars volta freqüentemente a Paris, e convive com outros artistas. É uma época de efervescência de idéias e renovação das artes e da poesia, da qual participam Cendrars e seus companheiros: Sonia e Robert Delaunay, Fernand Léger, Max Chagall, Pablo Picasso. Através do casal Delaunay, Cendrars conhece por volta de 1910 Guillaume Apollinaire, em torno de quem iriam-se agrupar os representantes da poesia moderna. Cendrars publicou inúmeros artigos sobre os pintores que então despontavam, principalmente na revista *La Rose Rouge* da qual foi redator em 1919. Afinado com os acordes de seu tempo, aproximou-se também de Erik Satie e de Strawinsky.

Para Cendrars a poesia, como a arte em geral, devia se libertar, ser espontânea, encontrar na "vida moderna" novas fontes de inspiração:

O cubismo, a arte negra, a música americana a publicidade e os cartazes, anúncios - estas formas tumultuosas da poesia, a vida ardente das grandes cidades, o maquinismo, a velocidade, os bares, o gosto cosmopolita pelas viagens (...), a facilidade extrema das comunicações.⁵⁴

⁵³ PARROT, op.cit., p. 24.

⁵⁴ PARROT, op.cit., p. 30

Camões dos tempos modernos, empunhando em uma mão a pena em outra a espada, alistou-se logo nos primeiros dias da Guerra, e fez publicar um panfleto incitando todos os que, como ele, fossem estrangeiros residentes na França a se engajarem na defesa da civilização e do humanismo. Suas experiências no front lhe valeram a perda do braço direito e dois comoventes livros: *La main coupée et J'ai tué*.

De volta a Paris, adapta-se rapidamente ao fato de dispor somente da mão esquerda: dirige, escreve, bate à máquina. Em seguida instala-se no interior, e é em uma fazenda que escreve *L'Eubage*, publicado em 1926. É desta época o poema *La Fin du monde filmée par l'ange Notre Dame*, e a preparação de suas antologias da tradição oral africana, das quais a primeira - *Anthologie Nègre* - será dada ao público em 1921.

É também deste período sua aproximação com o cinema, ao qual se dedica com o mesmo entusiasmo e ímpeto renovador. Em uma época em que o cinema europeu está fortemente voltado para as narrativas históricas, Cendrars vai explorar ao máximo as possibilidades de corte e montagem que a sétima arte lhe oferece, criando na tela obras arrojadas como seus poemas.

Participa de *La roue*, de Abel Gance, e convida Arthur Honegger para fazer a trilha sonora. Em Roma filma *La Vénus Noire*, com uma dançarina hindu e animais do Jardim Zoológico. Prepara no Sudão um documentário sobre os elefantes. Seus poemas são cada vez mais influenciados pela nova técnica, e ele chega a dizer

premonitoriamente que uma nova humanidade estaria se formando, e que sua linguagem seria o cinema.

Para um espírito aventureiro como é o seu, uma nova viagem é sempre oportuna. Aceito o convite de Paulo Prado, embarca rumo ao Novo Mundo munido de uma enorme curiosidade e de sua inseparável máquina de escrever. Em fevereiro de 1924 desembarca no porto de Santos, e antes mesmo que o ano acabe seu relato dessa viagem será publicado sob o título *Feuilles de Route*, com ilustrações de Tarsila do Amaral⁵⁵.

Cendrars conheceu São Paulo e Rio de Janeiro, fazendas de café, cidades do tempo do ciclo do ouro. Voltou ao Brasil várias outras vezes, em viagens e trocas de influências com os artistas e intelectuais brasileiros que se encontram detalhadamente descritas e documentadas nos livros *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*, de Aracy Amaral, e *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*, de Alexandre Eulalio.

De suas estadas no Brasil resultaram inúmeros textos, dispersos por sua obra, muitos dos quais foram traduzidos para o português e reunidos no volume *Etc...,etc...* (Um livro 100% brasileiro) . O título deste livro, aliás, é uma referência ao projeto que tinha Cendrars de fazer um filme no Brasil - que se chamaria *Etc...,etc...* (Um filme 100% brasileiro)-projeto este que acabou interrompido.

⁵⁵ A primeira tradução integral para o português deste volume só saiu em 1992, pela editora da Universidade Federal do Pará.

Cendrars estava no Rio quando, em 1927, explodiu na imprensa o "caso Febrônio". Tendo acompanhado a história pelos jornais, o escritor reuniu material e chegou a entrevistar Febrônio na prisão, de forma que cerca de dez anos depois deu a público sua versão do caso. Seu texto foi publicado em jornal, como uma série de quatro reportagens, e também no livro intitulado *La vie dangereuse*.

Parece-nos que a leitura atenta da narrativa de Cendrars sobre Febrônio e sua contextualização no todo do volume de que faz parte poderiam ser interessantes para o balizamento da concepção deste representante da vanguarda francesa do que seria a cultura brasileira.

VIDAS PERIGOSAS

O livro *La vie dangereuse* foi publicado em 1938, reunindo textos de diferentes épocas.⁵⁶ São cinco relatos autobiográficos, em tom às vezes de reportagem, às vezes de memória, nos quais Blaise Cendrars junta aos fatos narrados suas próprias considerações, opiniões e análises. O que confere uma certa unidade ao livro é o "espírito de aventura" presente em todas as histórias e encarnado por seus personagens centrais.

Dentre os textos aí reunidos encontra-se "Febrônio (magia sexualis)", publicado em parte, no mesmo ano, no *Paris Soir*.⁵⁷ Trata-se de um conjunto de histórias extraordinárias, todas passadas no Brasil, envolvendo descendentes dos negros africanos. O texto funciona como um mosaico de observações do autor onde figuram os presos da "penitenciária de negros", e os habitantes de

⁵⁶ No presente trabalho utilizamos a reedição CENDRARS, Blaise. *La vie dangereuse*. Este volume integra a coleção "Les cahiers rouges", Paris, Grasset et Fasquelle, 1987. A edição original é também de Paris, Édition Bernard Grasset, 1938.

⁵⁷ Do capítulo "Febrônio (magia sexualis)" as reportagens "Le prisonnier aux violettes" e "Febrônio Índio do Brasil" foram publicadas também no ano de 1938 no jornal *Paris Soir*, nos dias 30 e 31 de maio, 1 e 2 de junho, com o título "Pénitenciers de noirs".

Salvador, na Bahia, cidade por ele batizada "Roma dos negros".

Julgamos interessante fazer uma apresentação geral de *La vie dangereuse*, uma verdadeira galeria de retratos. O livro nos revela que Blaise Cendrars não é apenas um estrangeiro vasculhando a exótica fauna de um país tropical, como poderia sugerir a leitura isolada de "Febrônio (magia sexualis)", mas um escritor interessado pelos gestos desmedidos, pela transgressão de limites.

Abrindo o volume, "O raio verde", mostra Blaise Cendrars a bordo de um cargueiro, a caminho da América do Sul. Deixando a Europa pela primeira vez depois da guerra acabada em 1918, o escritor e soldado está feliz e completamente entregue à rotina de *dolce far niente* do alto-mar. Em Dakar embarca um passageiro que Cendrars recebe como uma ameaça a sua sossegada solidão. Chama-se Oscar Deloeil, é funcionário da companhia de navegação e viaja a trabalho. Seu destino é o "porto de Pernambuco". Em traje de banho para aproveitar o sol farto, seu corpo chama a atenção por ser coberto de cicatrizes.

Serão longos dias de silêncio e de hostilidade, já que o passageiro mais antigo rejeita de todas as maneiras as tentativas de aproximação do mais novo. Até que num fim-de-tarde dá-se o fenômeno natural que, em mar aberto, faz o pôr-do-sol colorir o céu de inúmeras cores e entre elas surgir o raio verde que dá nome ao conto. É a contemplação desse momento que suscita o

encontro das almas que vão-se revelar gêmeas. A senha para a definitiva aproximação é o nome "Julio Verne", que desencadeia conversas sobre as leituras de juventude, a infância de cada um, os sonhos para o futuro. A cumplicidade, uma vez estabelecida, os conduz à origem de suas mutilações. E a guerra surge como tema, mas apenas nas anedotas dos ex-combatentes que descobrem já terem contracenado antes, em outro cenário menos acolhedor, e que poderiam ter se conhecido no front.

A guerra é exatamente o mote que encadeia a narrativa seguinte. Estamos agora em 1915, na região de Champagne, em um hospital improvisado onde Cendrars acaba de ter seu braço direito amputado. "Sangrei" começa com o relato das dores e sofrimentos passados no pátio da fábrica que serve de hospital, na ambulância em fuga pelas estradas destruídas, na Santa Casa, à qual chega enfim, esvaído de cansaço e hemorragia. Segue-se a recuperação, o necessário esforço de reeducação da mão esquerda, o convívio quente e fraterno com os outros internos e com as irmãs e enfermeiras, dentre as quais se destaca M^{me} Adrienne P... A força e a tenacidade desta mulher incansável, o conforto que a todo instante ela leva aos feridos, sua luta constante contra as limitações do corpo que a fazem sentir-se alquebrada são descritos com entusiasmo, como que para enaltecê-la. A dedicação e o amor com que cuida de todos, além de sua imensa capacidade de trabalho, fazem crescer em Cendrars uma

grande admiração por sua protetora, e os dois terminam ligados por forte amizade.

No terceiro texto do volume, intitulado "Anedótico", o autor conta como ouviu pela primeira vez o nome de Antoine de Saint-Exupéry, em 1929, a bordo de um cargueiro que o levava do Brasil para a França. Na escala de Pernambuco tem a alegre surpresa de reencontrar Oscar Deloeil, e os dois conversam no bar como velhos amigos. Falando de aviação, Deloeil elogia "Saint-Ex", piloto fundador do Correio Aéreo e escritor, e conta sobre ele muitas anedotas. De todas, Cendrars quer conservar na memória exatamente aquela que revela "o lado mais puro de um herói e as aventuras reais às quais se expõe cotidianamente um poeta, piloto de linha".⁵⁸

Blaise Cendrars conta que viu o "herói" de perto em diferentes ocasiões, e chegou a ser apresentado a ele e a sua mulher, uma sul-americana que o chamava de "Tonio". O tom do "anedótico" é, até o fim, de entusiasmo pelas linhas aéreas e admiração por esta figura que em sua grandiosidade era "tão simplesmente um homem".⁵⁹

É por isso que quando Febrônio Índio do Brasil entra em cena na reportagem seguinte, a quarta e mais longa narrativa do livro, é para tomar parte nesta espécie de galeria de personagens incomuns, pequenos

⁵⁸ CENDRARS, op. cit., p. 103.

⁵⁹ Ibidem, p. 114.

homens capazes de grandes gestos. A proximidade de Febrônio com outras figuras extraordinárias lhe confere um alibi: ele está entre seus pares, e é neste paradigma desviante que deve ser compreendido.

O PRISIONEIRO DAS VIOLETAS

Intitulado "Febrônio (magia sexualis)" e dedicado à memória do Conselheiro Antonio Prado, o texto é o que se poderia chamar uma "reportagem literária", e se divide em três partes.

A primeira, "O prisioneiro das violetas", se inicia com a descrição de uma penitenciária brasileira que Cendrars não localiza nem informa qual seja, visitada por ele e um amigo, Albert Londres, que pretendia "fazer tremerem os leitores do *Petit Parisien* descrevendo-lhes os horrores da casa dos mortos".⁶⁰ Mas, contrariando suas expectativas, o que os dois vêem logo que entram é uma animadíssima partida de futebol, com a torcida barulhenta animada por uma fanfarra. O jogo é acompanhado também das pequenas janelas do prédio, de onde olhares atentos observam o movimento dos jogadores.

Cendrars e Londres entram no prédio e, andando pelos corredores, são abordados por homens alegres que querem vender ou trocar objetos feitos por eles, tais como pequenas esculturas e bonecas de rafia. Diante do asseio dos detentos, de suas roupas limpas e de suas expressões tranqüilas, Cendrars tenta diminuir o espanto do amigo. Usando suas prerrogativas de "grande

⁶⁰ Ibidem, p. 130-131.

conhecedor" do Brasil, explica a bondade de seu povo, sua inocência e despreocupação - características que ele mesmo adjetiva de lendárias, e que atribui ao clima e à mistura dos sangues.

Cendrars está operando uma dupla mistificação. Por um lado apresenta alguns chavões sobre o "povo brasileiro", para os quais apresenta justificativas claramente inspiradas no paradigma das ciências naturais: sangue e clima. E por outro apresenta-se, enquanto personagem-narrador, como se pudesse de fato explicar as características desse "povo", que ele não poderia conhecer tão bem assim, já que estivera entre nós por pouco tempo.

A reportagem vai virando crônica e assume um tom de estudo antropológico: o autor passa a descrever a população da penitenciária que ele constata ser "integralmente negra", e fornece ao leitor detalhes sobre os tons de pele e formatos de crânio que encontra.

Assumindo o papel do que seria um guia de visitas, Cendrars vai conduzindo Albert Londres pela prisão e por seu próprio acervo de informações e opiniões. Seu companheiro funciona como um duplo do leitor-alvo deste texto. Ou seja: se surpreende a cada instante e estranha o que provavelmente qualquer um dos leitores estranharia, enquanto a Cendrars cabe reafirmar a naturalidade de todas as situações, que todavia são certamente retocadas por ele (e quiçá inventadas) quando de sua apresentação.

Cendrars conta que o "estupor" do amigo chegou ao auge quando contou-lhe que aqueles quase três mil "assassinos" tinham permissão para vez por outra ir à cidade - o que foi "confirmado" pelo oficial que os acompanhava. O escritor aproveita para dar as razões pelas quais todos retornam à prisão, em vez de tentar fugir:

[É] porque estes negros são bons cristãos (...). Eles mataram e estão pagando. Mas se mataram foi sempre por questão de honra, pois não há gente mais melindrosa e ciumenta que estes negros que não perdoam as injúrias. Ou então eles tinham que acertar uma antiga vendeta de família ou exterminar os membros de um clã rival. Eles não são crápulas. Repare que não há um branco entre eles.⁶¹

Cendrars se utiliza de seus fragmentários conhecimentos sobre a cultura de povos africanos para analisar o comportamento dos negros brasileiros. Seu interesse nessa área é antigo, e como resultado de suas pesquisas já publicara sua *Antologia negra*⁶² e os *Pequenos contos negros para as crianças dos brancos*⁶³. Sua análise resulta confusa, pois aplica ao Brasil padrões inadequados. Sabe-se por exemplo que havia entre os mercadores de escravos o cuidado de desfazer os vínculos de família ou tribo logo que os negros

⁶¹ Ibidem, p. 135.

⁶² CENDRARS. *Anthologie nègre*.

⁶³ CENDRARS. *Petits contes nègres pour les enfants des blancs*.

pisavam em solo brasileiro. Esta estratégia era usada para torná-los mais vulneráveis e indefesos, uma vez que as diferenças lingüísticas eram tamanhas que a comunicação entre membros de grupos diferentes era quase impossível. Portanto parece improvável que tantos dentre eles tivessem "vendetas de família a acertar" ou "membros de um clã rival a exterminar", o que revela uma certa precipitação por parte de Cendrars.

A seguir ele conta que o diretor da prisão recomendara ao guarda-chaves que os deixasse vasculhar todos os cantos e que não lhes escondesse nada, para que não tivessem impressão de mistério ou segredo. Por isso, quando perceberam uns cubículos de madeira e pediram que fossem abertos, foram prontamente atendidos. De dentro saíram três homens nus, os únicos brancos vistos no presídio até então, que segundo o carcereiro rasgavam suas roupas quando entravam em crise de delirium tremens. Eram alcoólatras, estrangeiros que o "clima do Rio" e a "promiscuidade dos negros" havia "exasperado e desmoralizado". Dois ingleses em frangalhos e um marinheiro norueguês que parecia um animal: "três destroços".⁶⁴

⁶⁴ CENDRARS. *La vie dangereuse*. p. 138. Cf. a respeito em *Devassos no paraíso*, de João Silvério Trevisan, p. 42-50, o primoroso relato da desintegração moral de que é vítima um estrangeiro exposto ao calor dos trópicos e à sensualidade dos negros. Túlio Carella, professor argentino, casado e abstêmio, desembarca em Recife contratado pela universidade local, e mergulha aos poucos em uma rotina dionisíaca de prazeres

Mais uma vez vemos afirmar-se a idéia de que não existe pecado ao sul do Equador. Três europeus inocentes desembarcam no Rio de Janeiro e sucumbem ao calor e ao desregramento da população - negra, evidentemente. A desordem em que submergem os faz assemelharem-se a animais, o que os obriga a estarem em jaulas que segundo o narrador parecem "caixas de coelhos". Poder-se-ia concluir que a civilização é uma característica das regiões frias, e que o calor favorece o retorno à barbárie.

Os dois jornalistas chegam a uma cela vazia. Um homenzinho, "ressecado e devastado como Moravagine"⁶⁵, se aproxima deles e lhes oferece um buquê de violetas. "Decano da penitenciária", é conhecido como "o prisioneiro das violetas", do qual Cendrars ouvira falar. Fora condenado por ter esfaqueado um rival num acesso de ciúme e comido em seguida seu coração. Vivía recluso fazia vinte e dois anos, e durante todo esse período cultivara violetas com "zelo e paixão". Tinha sido pescador, em um "lugarejo polinésio perdido ao largo do Rio" chamado Jurujuba. Era mulato, desertara da marinha, tinha uma âncora tatuada na palma de cada mão e chamava-se Gabriel Pequeno. Conversando com

homoeróticos. Seu diário sobre este período, entre 1961 e 1962, encontra-se publicado sob o título de *Orgia (diário primeiro)*, Rio de Janeiro, José Álvaro Editor, 1968.

⁶⁵ Moravagine é personagem (e título) de Cendrars. Vê-se aqui um exemplo de intertextualização, procedimento caro ao autor em questão.

Cendrars, o prisioneiro teria afirmado que faria tudo novamente por Maria dos Anjos.

O que torna esta história especialmente interessante é o tom de naturalidade com que é narrada, o que aumenta sua tão precária verossimilhança.

O fato de ser o personagem um mulato remete o leitor às explicações de Cendrars sobre a índole dos negros do Brasil: ciumentos e vingativos. É portanto perfeitamente previsível o comportamento de Gabriel Pequeno, quando se vê ante a iminência de perder Maria dos Anjos. Matar o rival e comer seu coração apenas o inscreve numa série que para o narrador é perfeitamente natural, o que se reafirma por exemplo na crônica "O lobisomem de Minas"⁶⁶ e na história de Febrônio, que se lê a seguir.

⁶⁶ História semelhante, com elementos de ciúme e canibalismo, é contada por Blaise Cendrars em *Aujourd'hui* a respeito do "lobisomem de Minas", personagem real que o autor encontrou encarcerado na cadeia da cidade de Tiradentes, quando por lá passou em viagem. Este texto se encontra traduzido para o português no livro *Etc..., etc...* (Um livro 100% brasileiro).

FEBRÔNIO ÍNDIO DO BRASIL

A segunda crônica, intitulada "Febrônio Índio do Brasil"⁶⁷ inicia-se por uma frase em tom de máxima: "Cada prisão encerra seu monstro". Cendrars conta que à época de sua visita à penitenciária descrita na crônica anterior, um "monstro sádico" aguardava sua expedição para o manicômio, e que durante meses os jornais haviam lhe consagrado páginas e páginas. Tratava-se de Febrônio Índio do Brasil, "autoproclamado filho da luz", que "arrancava os dentes de suas vítimas e as tatuava com um signo cabalístico".⁶⁸ O escritor desejava conhecê-lo, mas o guia cria tantas dificuldades que Albert Londres desiste e vai embora, satisfeito com o que já pudera ver.

Confirmada por telefone sua autorização para ver Febrônio, Cendrars e um novo guia escoltados por dois guardas armados, entram enfim na ala destinada aos criminosos mais perigosos.

⁶⁷ Esta crônica, traduzida para o português por Teresa Thiériot, encontra-se publicada no volume CENDRARS, Blaise. Etc..., etc... (Um livro 100% brasileiro), coletânea de textos em que o autor fala do Brasil. Optamos por usar esta tradução como referência para nosso trabalho recorrendo à versão original somente quando necessário.

⁶⁸ Ibidem, p. 166.

Sérgio Buarque de Holanda, em depoimento a Alexandre Eulalio, confirma que Blaise Cendrars solicitou autorização para visitar Febrônio na prisão e foi atendido:

O Cendrars ficou entusiasmado com o Febrônio, queria ver o Febrônio. Era no tempo do Washington Luis. Ele falou com Paulo Prado, que pediu a seu irmão, Antonio Prado Junior, Prefeito do Distrito Federal, conseguindo uma autorização especial, que era muito difícil de conseguir, para conversar com Febrônio.⁶⁹

Note-se que, tendo Albert Londres interrompido a visita e abandonado seu posto, Cendrars passa a ser testemunha única daquilo que vai depois narrar. O interlocutor ingênuo da crônica anterior desaparece, dando lugar a uma narração vigorosa e algo ensaística.

"Só, na grande jaula central", "está um negro inteiramente nu, pequeno mas hercúleo". Sentado no chão e preocupado em alimentar uma fogueirinha com palhas retiradas de seu colchão e páginas de jornal retorcidas, não dá a menor atenção aos homens que chegam. Cendrars se aproxima e, encostando a cabeça nas grades, chama-o pelo nome. Os guardas imediatamente o advertem: o "diabo" pode estrangulá-lo, pois "é terrível" e tem "a força de um macaco".⁷⁰

⁶⁹ EULALIO, op. cit., p. 271.

⁷⁰ CENDRARS, op. cit., p. 166-167.

Em poucos parágrafos está criada a metáfora animal: numa prisão que "parecia um jardim zoológico deserto", sem roupas, que são marcas de civilização, Febrônio é comparado a um macaco enjaulado - não por Cendrars, mas pelo guarda, o que confere ao narrador maior credibilidade. O fato de estar completamente hipnotizado pelo fogo é talvez alusivo ao fascínio que o mesmo exerce sobre os animais e mesmo sobre os homens ditos primitivos, que o consideram um elemento mágico.

Cendrars torna a falar com Febrônio, diz que leu sua história nos jornais e que acredita na missão que ele tem a cumprir, enquanto passa a mão entre as grades, "como para amansar um felino". Durante cerca de quinze minutos o escritor insiste: diz a Febrônio que não é da polícia, que se interessa por sua história e que escreve em jornais. O narrador afirma que o homem nu se limita a girar sobre suas nádegas, para ostensivamente manter-se de costas. Mas quando ele menciona o livro escrito por Febrônio, *As revelações do Príncipe do Fogo*, que tanto procurara sem sucesso nas livrarias do Rio, o outro, até então indiferente, salta subitamente sobre as grades, gritando. Conta que apanhou mas não disse nada sobre o livro, e que mesmo assim a polícia o encontrara e queimara. Estabelecida a cumplicidade inicial, "a mão do estrangulador" aperta "docemente" a do seu visitante.⁷¹

⁷¹ Ibidem, p. 167-168.

Da conversa que se seguiu, e que durou cerca de uma hora, Cendrars não registra mais que alguns breves segundos, muitas páginas adiante, os quais servirão de fecho para sua crônica. O texto anuncia o que poderia ser a reprodução do diálogo entre os dois, mas se desvia e fornece uma compilação de informações, acrescida das reflexões do autor sobre o caso. E ao cabo, por um artifício de construção do texto, parece que tudo lhe foi contado pelo próprio detento durante o encontro.

Cendrars o descreve fisicamente, reiterando a ausência de marcas visíveis de bestialidade e destacando a perfeita normalidade das proporções de seu corpo. Faz contudo duas ressalvas: "o lóbulo da orelha esquerda que era aderente" e "seus dentes cariados, o que é muito repugnante num negro e que tornava sua boca irremediavelmente murcha, obscena". O "repórter" descreve também suas tatuagens, explicando o sentido que possuem.⁷²

Pedro Nava, muitos anos mais tarde, em *O círio perfeito*, discordaria dessa descrição:

Ao cabo duns minutos entrou Febrônio Índio do Brasil. Desmentia a descrição que dele fez Blaise Cendrars que o dá como "negro" e figura repulsiva pelos "dentes mal tratados" e podres. Verdade que o viu na escuridão de um calabouço da polícia onde o preso estava numa fase de inquéritos - submetido a espancamentos brutais e a

⁷² Ibidem, p. 168.

todas as torturas. O Egon viu diante dele um puri com maior cruz de branco o que o fazia um tipo claro - como o mostram as fotografias publicadas no próprio livro. [Nava dá como referência Etc..., etc... (Um livro 100% brasileiro).] Pele onde se destacam perfeitamente as tatuagens mais escuras de que uma foi lida errado pelo Cendrars - que, pelo visto, era observador apressado. Está escrito - EIS O FILHO DA LUZ onde o grande poeta franco-suíço leu EU SOU O FILHO DA LUZ.⁷³

Na verdade o que Cendrars leu, diz a nota da tradutora e confirma-se no original, foi: EU SO FILHO DA LUZ. Talvez o engano se deva não só ao fato de Cendrars ter visto Febrônio "na escuridão de um calabouço", mas também ao possível desconhecimento por parte do "grande poeta franco-suíço" da palavra "eis", de fato pouco usada na língua portuguesa. Além disso, como se observa nas fotos do "puri", as palavras tatuadas não estão separadas umas das outras, constituindo dois blocos de letras sucessivamente dispostas: o primeiro é EISOFILHO e logo abaixo DALUZ. O erro de Cendrars é portanto perfeitamente compreensível.

Finda a descrição física de Febrônio, a narrativa de Cendrars sofre um corte que marca o início de uma outra, bem mais curta e concisa, na qual se terá "outro exemplo" dos crimes cometidos pela "gente de cor quando submetida à cultura de seus patrões brancos",

⁷³ NAVA, Pedro. *O círculo perfeito*. p. 364-365.

"primitivos em contato cotidiano com a civilização moderna", que acaba sofrendo um "curto-circuito".⁷⁴ Cendrars conta a história de um imigrante japonês há dezoito anos residente em São Paulo, que num acesso de "terror ancestral" degola toda a sua família.

Agricultor dedicado, Kadota reunira ao longo dos anos de árduo trabalho algumas economias que lhe haviam permitido comprar seu próprio pedaço de terra e uma camionete para transportar as frutas que colhia. Preso em casa durante vários dias devido à chuva que caía e sem conseguir dormir por medo de ser roubado, Kadota teve numa noite a visão de um velho que lhe ordenou que imolasse os familiares. Era um ancião de sua aldeia natal, um ancestral a quem o colono devia obediência: matou um a um a mulher e os quatro filhos e foi em sua pequena Ford entregar-se à polícia.⁷⁵

Cendrars visitou-o no Hospital Psiquiátrico de Juqueri, onde encontrou-o imerso no mais cerrado mutismo, cercado de peixes que ele desenhara nas paredes e no chão de sua cela. Desenhos segundo o narrador reveladores, já que "todo mundo sabe que no Japão o peixe é o símbolo da raça". Na sua opinião, Kadota sacrificara sua família ao "gênio da raça", "como um nobre samurai faz o haraquiri diante do retrato do Imperador". O escritor comenta também a

⁷⁴ O episódio Kadota foi excluído da tradução para o português. Citamos então CENDRARS, *La vie dangereuse*. p. 148.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 150-152.

inadequação do registro policial, onde se lê que o oriental devia estar "sob o efeito de uma droga, ópio, haxixe ou outro alucinógeno". Sua preocupação, nos diz o narrador, não é apenas com o "estado psíquico" do assassino, mas sobretudo com seu "estado de espírito".⁷⁶

A interpretação de Cendrars dos peixes desenhados por Kadota em sua cela parece-nos inconsistente. Antes de mais nada porque não nos consta ser este o símbolo da raça, como "todo mundo sabe". E também porque o próprio conceito de "raça" pode ser questionado: ele está falando da "raça japonesa", o que atribui a traços que são culturais um caráter biológico.

Cendrars mostra, além disso, uma compreensão restrita do que seja "estado psíquico", pois se diz preocupado menos com ele do que com seu "estado de espírito", como se só do último emanasse a explicação para o gesto de Kadota.

Cendrars retorna a Febrônio, ressaltando que "seu caso é muito mais difícil de ser elucidado que o de Kadota", e passa à apresentação de sua biografia, construída como um roldão que se encaminha inexoravelmente para o crime. Seu pai seria um açougueiro que "fazia seus filhos participarem de sua profissão de carrasco de animais, de degolador", iniciando-os "no manejo dos diferentes facões" e que

⁷⁶ Ibidem, p. 153-156.

"por qualquer bagatela ficava feliz de estalar o chicote na família".⁷⁷

As palavras escolhidas são cruas e mostram o lado mais sangüinário da atividade do açougueiro, aproximando o sacrifício de animais do sacrifício humano. Afinal, o carrasco é aquele que tem a missão de executar a sentença da morte proferida contra a pessoa que cometeu algum delito e por isso foi condenada. A morte do animal, ao contrário, não é para purgar culpa alguma. Evitando o verbo usualmente utilizado quando se fala do gado - abater - e preferindo as palavras "carrasco" e "degolador", o narrador estabelece uma relação de semelhança entre o gesto do pai e do filho: matar animais ensina a matar seres humanos.

Assim também funciona a imagem do chicote estalando não sobre bestas, mas nos filhos, tratados com autoritarismo e expostos "por qualquer bagatela" à violência extremada do chefe da família.

Esta apresentação do que teria sido a infância de Febrônio no interior de Minas Gerais - convívio cotidiano com a violência e a morte - se articula com a visão que Cendrars tem dele:

Alguns indícios me levam a adivinhar que Febrônio era do clã do Búfalo, como a maior parte dos medecine-men da África que manejam o ferro e o fogo e que um jovem administrador que estréia na colônia toma por ferreiros, embora seja notório e

⁷⁷ CENDRARS, op. cit., p. 173.

público na tribo que os "ferreiros" são envenenadores que contam as faíscas de vida e manejam os elementos, e que sua hierarquia se decompõe em demiurgos, adivinhos, feiticeiros, homens-leopardos ou lobisomens, cadáveres-ambulantes, juizes, curandeiros, mostradores de larvas, encantadores, amestradores de galinhas, sacrificantes, ferreiros bimetálicos (metais solares, metais lunares) porta-gládios, cirurgiões, açougueiros.⁷⁸

Cendrars como que fornece as peças para que o leitor monte o quebra-cabeça que forma exatamente o quadro apresentado pelo autor. O texto é cheio de referências que se complementam e confirmam mutuamente. O raciocínio se constrói e se ratifica através dos "dados reais" apresentados. Chega-se à conclusão de que a combinação entre sua herança "ancestral" e os dramas domésticos vividos na infância não deixaram nenhuma escolha para Febrônio, empurrando-o para as visões da dama louca e os assassinatos rituais.

Ainda contando sua vida, o texto alude à sua definitiva fuga da família, aos 12 anos:

Um dia desapareceu de vez, abandonando num caminho cavado nas montanhas o carro de seu pai, com o qual ia fazer suas entregas nos povoados e plantações da vizinhança, o horrível carrinho dos açougueiros brasileiros do interior, causando asco por causa de sua inscrição amarelo sujo de "carne verde", que significa carne fresca, expressão mais repugnante do que o fedor

⁷⁸ Ibidem, idem.

nojento que a sinistra carriola espalha, escoltada por grandes moscas pretas como carvão ou por carniceiros, os imundos urubus que a espiam do seu poleiro ou que a sobrevoam planando, quando, ao desembocar de um caminho difícil, ela pára na entrada de uma vila, feita de casinhas de bambu ou de adobe.⁷⁹

Este imenso período cheio de subordinações e imagens desagradáveis parece apagar a importância da informação principal - "E um dia desapareceu de vez". Na verdade, este conjunto de más impressões - "horrível carrinho", "asco", "amarelo sujo", "repugnante", "fedor nojento", "sinistra carriola", "grandes moscas pretas", "imundos urubus" -, este cenário desolador apresentado em tantos detalhes escabrosos leva o leitor a intimamente dar razão ao menino que, fugindo, abandona esse mundo insalubre: quando deixa para trás as sombras da opressão do pai e da pobreza das "casinhas de bambu e de adobe", supõe-se que Febrônio vai em busca da claridade - ele que proclamar-se-á "filho da luz".

Em nota de rodapé Cendrars sugere que a história de Febrônio seja lida "como um palimpsesto": que se articule ao seu texto "sóbrio e sucinto"

tudo o que na carreira tempestuosa desse negro monstruoso tem alguma ressonância ou corresponde ao que nós sabemos da

⁷⁹ Ibidem, idem.

mentalidade dos primitivos e da mitologia da África.⁸⁰

Cendrars faz aqui o papel de antropólogo, buscando exibir o ponto de confluência de diferentes culturas que se inscrevem em um mesmo indivíduo, do que decorre a imagem do palimpsesto. Atribuindo a seu texto uma questionável sobriedade, o autor se apresenta como um observador distanciado que tão somente apresenta os fatos - fatos que todavia, como já vimos, ele mesmo interpreta e ordena da maneira que lhe apraz.

A nota da versão original traz dois parágrafos que foram retirados da tradução brasileira, nos quais Cendrars fornece alguma bibliografia "para o estudo da simbologia dos povos africanos", incluindo sua *Antologia Negra* "que é a melhor ilustração, porque tomada ao vivo, na África, da mitomania dos negros".⁸¹ Remetendo o leitor a outro título de sua própria autoria, mais uma vez Cendrars busca estabelecer um diálogo inter-textos, como já fizera comparando a *Moravagine* o "prisioneiro das violetas". E como já tinha feito também implantando como interlocutor na terceira crônica de *La vie dangereuse* o Comandante Deloeil, que fora seu companheiro na viagem narrada no primeiro texto do volume.

⁸⁰ Ibidem, p. 175.

⁸¹ Ibidem, idem.

Sua *Antologia Negra* não nos parece, contudo, uma "ilustração tomada ao vivo" da "mitomania dos negros". É antes uma compilação de fábulas registradas por pesquisadores que podem, eles sim, tê-las tomado "ao vivo". Cendrars organiza seu volume a partir da pesquisa de terceiros, fontes aliás claramente citadas. Chamar a mitologia aí registrada de mitomania é, novamente, emitir um juízo de valor eivado de etnocentrismo.

Imaginamos que este trecho da nota do autor tenha sido suprimido da tradução pela dificuldade de acesso do leitor brasileiro aos títulos citados. Julgamos contudo que essas informações guardam em si mesmas algum interesse.

A nota encerra a parte "biográfica" da crônica. Febrônio é então um homem de 32 anos, que já foi detido diversas vezes pela polícia, tendo cumprido pena na Ilha Grande - período durante o qual teria lido a Bíblia e se identificado ao profeta Daniel "que, como ele, era jovem, exilado e metido numa toca".⁸² Se antes já exercia "um estranho poder sobre seus companheiros de infortúnio" e era tido por "benzedeiro e feiticeiro", depois que tem as primeiras visões, ainda na Ilha Grande, "começa a vaticinar como seu profeta favorito".⁸³

⁸² Ibidem, p. 174.

⁸³ Ibidem, idem.

Talvez seja interessante lembrar algumas coincidências entre a biografia do autor e a de seu personagem. Também Cendrars fugiu da casa de sua família, aos 16 anos, e tornou-se empregado de um contrabandista com quem viajou pela Ásia e Europa Oriental vendendo e comprando mercadorias. Também andou sem destino por portos e ruas em diferentes partes do planeta. Falando de Febrônio, é talvez de si mesmo que ele fale, como no trecho a seguir:

É um pequeno pilantra que vagabundeou muito, até nos matos desbravados, nos povoados mais perdidos do interior, assim como se aventurou por mais de um porto da costa.⁸⁴

Os dados fornecidos por Cendrars são os mesmos encontrados no laudo do Dr. Heitor Carrilho. Não se pode portanto dizer que há inverdades. O que nos chama a atenção é o tom e o ponto de vista do narrador, que apresenta os fatos de uma maneira determinada. Vê-se bem a destreza de Cendrars no manejo das idéias e das palavras, criando um clima quase de fatalidade, no qual Febrônio parece não ter escolha e cumprir desígnios que estão além dele mesmo.

Educado em meio à religiosidade de fundo cristão e "mantido em contato com os rituais de sacrifício cumpridos por seu pai", Febrônio é "uma encruzilhada de tradições e um "representante vivo da mentalidade e da

⁸⁴ Ibidem, idem.

mitologia da África". "Fazendo tatuagens e cirurgias, arrancado dentes, amputando partes dos corpos de seus ingênuos pacientes", ele apenas

atualizava as crenças no nagualismo, religião dos sonhos cujo batismo é o sangue - não o sangue derramado, mas o sangue trocado, absorvido, integrado, reincorporado pelo iniciado que chega, graças a esta comunhão de sangue vivo, a se identificar com o grande todo⁸⁵.

Mais uma vez constatamos o atropelo das informações que Cendrars justapõe mas que não conseguem se articular entre si. A idéia de que Febrônio seria "uma encruzilhada de tradições" tem um forte apelo retórico, mas pouca consistência. Relacionar a atividade profissional de seu pai, que era açougueiro, com a dos feiticeiros do "clã do Búfalo", que "manejam o ferro e o fogo", é aproximar coisas por demais diferentes e buscar explicações apriorísticas, como se a tradição "da África" estivesse no código genético dos negros. Febrônio é para Cendrars "um bastardo negro-cristão cuja inteligência e espiritualidade se esgotam e soçobram nos antípodas da tradição panteísta e da religião animista de sua raça."⁸⁶

A "raça" é o diapasão que afina todo o raciocínio de Cendrars, e é dela que derivam todos os desajustes

⁸⁵ Ibidem, p. 172.

⁸⁶ Ibidem, p. 173.

do "bastardo negro-cristão". É por isso que Febrônio é apresentado por ele completamente desorientado, vagando pela cidade, perdido entre ruídos e fisionomias de uma civilização que lhe é estranha.

Somente à beira-mar é que se acalma, como se a contemplação do oceano e da pedra que dele emerge fosse sua única fonte de tranqüilidade, certamente por aproximá-lo de sua origem selvagem.

O espaço, a imensidão, a luz palpitante, o céu cru, o mar esplendoroso da Baía de Guanabara ou as ondas do Atlântico lhe tamborilavam prolongadamente as temporas. Finalmente seu olhar se fixava sobre o Pão de Açúcar, esse cone de granito, que das profundezas do oceano, de um só jato, emergia da amplidão do azul, como um sonho de pedra surgindo de uma franja de espuma e de uma orla de palmeiras, como um trono, uma mesa de pedra, um altar de sacrifício, levantado em frente à capital do Brasil, como um lugar designado, deleitável, preestabelecido.⁸⁷

Pode-se perceber claramente a identificação de Febrônio com o anti-moderno, com o que está fora da imagem de capital do Brasil de que goza a Cidade Maravilhosa: " a Avenida", "as entradas de cinemas", "os terminais de bonde".⁸⁸ Não se sentindo bem acolhido no seio da cidade, ele vaga

⁸⁷ Ibidem, p. 176.

⁸⁸ Ibidem, p. 175.

pelos subúrbios do Rio, que se estendem aos pés de morros que contêm cidades proibidas, e longe, bem longe atrás das montanhas invadidas pela mata cerrada ou rasteira, onde toda uma população flutuante celebra, em dias fixos, determinadas sextas-feiras, misteriosas cerimônias, como macumba ou candoblé, corcovas selvagens que a dividem em tantos bairros excêntricos, penetrando, no coração e ferindo esta magnífica, porém enigmática capital moderna de mais de dois milhões de habitantes.⁸⁹

A cidade é vista como um ser vivo cujo coração pode inclusive ser ferido, e dela exclui-se o que é nocivo, como se as "corcovas selvagens" pudessem ofuscar o brilho magnífico da capital. Ou como se a população da periferia não fosse parte integrante da cidade. Ou ainda: como se os subúrbios não fossem igualmente face dessa moeda chamada Rio de Janeiro. Os signos da modernidade são tomados como os únicos presentes e constitutivos da urbe, e Febrônio, na medida em que representa precisamente o antiurbano, vai exilar-se naqueles espaços que embora margeando a cidade, se conservam intactos em seu caráter primitivo. E por isso que ele escala o Pão de Açúcar, para refugiar-se "nesse asilo elevado" onde "o silêncio, a solidão eram tão completos como se Febrônio tivesse se perdido a cem mil léguas no interior das terras de sua imensa pátria, ainda quase que inteiramente virgem".⁹⁰

⁸⁹ Ibidem, p. 177.

⁹⁰ Ibidem, p. 178.

Onde teria Cendrars encontrado as informações que utiliza, e que constam do laudo pericial assinado pelo Dr. Heitor Carrilho? O artigo de Claude Guichard, incluído no livro *Blaise Cendrars - 20 ans après*, apresenta "alguns exemplos de punções textuais" operadas por Cendrars, entre os quais a utilização de um artigo publicado em página dupla em *O Jornal*, no sábado 15 de outubro de 1927, intitulado "O caso Febrônio à luz da psiquiatria".⁹¹ Segundo Guichard, Cendrars passa sem distinção de seu próprio texto à reprodução de trechos da matéria do jornal. Provavelmente o pesquisador teve acesso a esse material quando da abertura ao público dos famosos baús repletos de manuscritos, dossiês, recortes e anotações de autoria de Cendrars que seriam utilizados em seus livros.

O próprio Cendrars também nos fornece algumas pistas. Quando reproduz alguns fragmentos de *As revelações do Príncipe do Fogo*, é assim que os apresenta:

*Eis alguns pequenos trechos desta brochura raríssima: (Recortei estas citações de um jornal local; todas falam a respeito da missão de que Febrônio se dizia investido.)*⁹²

⁹¹ GUICHARD, Claude. *Blaise Cendrars: lectures d'Amériques*. p. 161-167.

⁹² CENDRARS, op.cit., p. 181.

O autor faz uma interessantíssima nota de rodapé a este parágrafo, excluída pela tradutora, que transcrevemos a seguir:

Ler sobre o caso de Febrônio o estudo do Dr Leonídio Ribeiro, docente da Universidade do Rio, publicado nos Arquivos de Medicina Legal e Criminologia, vol.II, ano II, fasc.I, São Paulo, 1927.⁹³

Fornecendo a seus leitores esse tipo de informação, Cendrars está explicitando os procedimentos, que utiliza na construção de seu texto. Além disso, na medida em que se refere a artigos publicados na imprensa e a estudos científicos, o texto cendrarsiano ganha maior legitimidade ao mesmo tempo que aponta caminhos de leitura.

O recorte de jornal localizado por Guichard é certamente o mesmo a que se refere Cendrars, e traz "A opinião dos drs. Murillo de Campos e Leonídio Ribeiro" sobre o caso de Febrônio. É esta seguramente a fonte onde o escritor colheu grande parte da matéria-prima de seu texto, já que a página dupla do jornal fornece informações detalhadas o suficiente para servir à construção de seu futuro personagem. E é também daí que retira as fotos reproduzidas no *Paris Soir*, nas quais se vêem, retocadas, as tatuagens de Febrônio.

O texto de Cendrars passa, em seguida, à reprodução de três sonhos dos quais Febrônio fez "o relato

⁹³ Ibidem, p. 183.

circunstanciado ao psiquiatra para o qual foi enviado em observação". A referência desta vez é ao Dr. Heitor Carrilho, responsável pelo laudo pericial de Febrônio.

A versão brasileira se encerra quando acaba a narração do terceiro sonho. Mas o texto original apresenta, a partir desse ponto, alguns parágrafos conclusivos belíssimos, que levam o leitor de volta ao cenário inicial da narrativa: a cela de Febrônio, onde Cendrars fora entrevistá-lo. Este encadeamento cria a impressão de que os sonhos foram contados a Cendrars pelo próprio Febrônio, mesmo se sabendo que foi em um jornal que o autor tivera acesso a eles. Esta impressão é reforçada pela observação de que na opinião dos guardas Cendrars tivera sorte: "Nunca o monstro da penitenciária do Rio se mostrara tão calmo nem manifestara tanta confiança em alguém."⁹⁴ E antes de ir embora, faz a Febrônio sua última pergunta: Qual era para ele a hora mais bonita do dia, quando estava no alto do Pão-de-Açúcar?.

- A hora mais bonita? Ô, colega francês, você não conhece? Vejamos, a maravilha do Rio é quando a noite cai e todas as luzes da capital se acendem de uma vez, num só golpe. Os cem mil lampiões do Rio! Você não tem isso em Paris, hein?..⁹⁵

⁹⁴ Ibidem, p. 192.

⁹⁵ Ibidem, p. 194.

Cendrars formula a resposta, seguramente, a partir de seu próprio ponto-de-vista. Não é Febrônio quem está falando ao "colega francês". É o turista francês que se coloca "no alto do Pão-de-Açúcar" para admirar a capital iluminada.

Cendrars tem na verdade um excelente leit-motiv: o "altar de pedra" escolhido por Febrônio é o cartão-postal da cidade, cenário de sua fundação, guardião da entrada da baía que é nessa época a via de acesso natural dos navios que chegam. É geográfica e culturalmente um ponto de observação privilegiado. Cendrars sabe muito bem disso, e lança mão mais uma vez de uma informação verdadeira - Febrônio de fato foi preso na mata da encosta do Pão-de-Açúcar - para recriá-la à sua maneira.

À imagem da cidade das luzes o texto opõe os cadáveres das vítimas de Febrônio:

...apesar desta iluminação feérica, apesar desta improvisação moderna renovada incessantemente... não posso contornar este rochedo, à bordo do cargueiro que me leva de volta à França, sem tremer ao evocar os quarenta ou sessenta esqueletos encontrados... entre os cactus e as palmeiras... muitos dos quais não foram jamais identificados.⁹⁶

Os crimes de Febrônio servem para desmascarar a "improvisação moderna", e o "rochedo" que utiliza como

⁹⁶ Ibidem, p. 195.

cenário termina sendo uma espécie de zona de sombra em meio à "iluminação feérica" desta capital comparada no texto a Sidney e a Paris.

Reunindo no Pão-de-Açúcar "quarenta ou sessenta esqueletos", número deliberadamente exagerado, Cendrars procura acirrar a contradição entre barbarismo e civilização, encerrando sua crônica com uma imagem que causa um grande impacto e que é a síntese de seu texto.

BAHIA, ESTE CENÁRIO FASCINANTE

A última parte do capítulo "Febrônio (magia sexualis)" é a crônica intitulada "Natal na Bahia", na qual Cendrars conta como, voltando para a França, passou o Natal em Salvador, cidade por ele batizada "a Roma dos Negros". Seu interesse por Lampião fizera-o parar na "capital do norte" por alguns dias a fim de empreender algumas investigações sobre este "outro bandido brasileiro"⁹⁷.

Acostumado a natais europeus, cheios de neve e recolhimento, Cendrars é surpreendido pelo Natal em pleno verão tropical, e logo percebe estar na época menos favorável do ano para sua pesquisa, visto que a cidade inteira se encontra em festa, envolta em confete, serpentina e lança-perfume, num "prelúdio das folias do carnaval", quando "Sua Magestade Momo empurra" para a rua "negros e brancos em completa desordem".⁹⁸

A impressão que o clima causa é fortíssima, o sol parecendo "explodir como uma bomba". Assim também as cores "feéricas" da cidade, que o deixam transtornado. O texto segue misturando informações de diferentes campos: a história da cidade desde sua fundação, a

⁹⁷ Ibidem, p. 198.

⁹⁸ Ibidem, p. 200-201.

origem africana dos que para lá foram levados como escravos, o sincretismo das religiões de brancos e negros.

Cendrars reconstitui um mistério encenado entre dunas e palmeiras, numa noite de lua. Explicando a origem medieval das dramatizações "importadas para o Brasil" pelos jesuítas, o autor reproduz os cantos dos personagens em português, traduzindo-os para o francês em nota de rodapé.

Cendrars faz nos últimos parágrafos de seu texto uma reflexão sobre as péssimas condições de vida a que se submeteram os negros, que todavia conseguiram preservar sua "alta espiritualidade, que é a marca transcendente da alma negra e que é a fonte da vitalidade da raça africana".⁹⁹

Os articuladores dessa resistência eram

indivíduos fortemente evoluídos,
ferreiros, feiticeiros, médicos,
fabricantes de tambores, fazedores de
fetiches, escultores, contadores, poetas,
vociferadores, conjuradores, padres e
guerreiros, em uma palavra 'filhos de
rei', que eram vendidos misturados com o
resto do gado humano.¹⁰⁰

Perdidos na massa de escravos espalhados pelas plantações, esses negros que se revoltavam e "fomentavam motins" salvaram "seu povo exilado",

⁹⁹ Ibidem, p. 216.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 217.

permitindo-lhe "não ser inteiramente separado da poesia e das religiões da África".¹⁰¹

¹⁰¹ Ibidem, p. 218-219.

A ARTE DE CRIAR PALIMPSESTOS

O conjunto de três crônicas ao qual Cendrars chamou "Febrônio (magia sexualis)" versa sobre negros "transplantados", como quer o autor, da África para o Brasil. Permeia-o a tentativa de compreender manifestações do que seria a "espiritualidade" de um povo submetido à força a influências de uma cultura que não é a sua.

Mas por que teria Cendrars escolhido como título desta "mostra" por ele organizada precisamente o nome de Febrônio? Lembremos que para publicação em jornal das duas primeiras crônicas foi escolhido o título "Penitenciária de negros", o que colocava Febrônio Índio do Brasil apenas como um personagem, de importância assemelhada à de Gabriel Pequeno. A introdução neste conjunto do texto "Natal na Bahia" traz elementos externos à prisão, que é o eixo dos textos anteriores, e abre mais o leque das observações do autor.

De certa forma, as idéias, os conceitos e os personagens das três narrativas se interpenetram, e ao fim da leitura têm-se de fato a impressão de que formam um todo coeso, um quadro no qual Cendrars elege Febrônio como figura de destaque. Talvez por considerá-lo personagem emblemático daquilo que quer apresentar a seu leitor. Talvez pela força mesma que conseguiu

imprimir à narrativa que construiu sobre este personagem.

O fato é que Febrônio personagem se torna Febrônio título e simboliza o "espírito de magia" de Cendrars ao qual se refere Monique Chefdor:

Viver é um ato mágico, repete[Cendrars] sem se cansar. Reportemo-nos às "Rapsódias Ciganas", "A Torre Eiffel Sideral", Febrônio, o espinho de Ispahan, "TPMTR", entre outros exemplos da fascinação que exerciam sobre ele diversas manifestações do espírito de magia no mundo contemporâneo.¹⁰²

A alusão que a autora faz a Febrônio, um entre tantos personagens dispersos pela meia centena de livros publicados por Cendrars, mostra-nos que de todo modo seu nome emerge como exemplo do interesse revelado pelo escritor em relação ao que Chefdor denomina magia.

Cumprе notar a quantidade de informações arregimentadas por Cendrars e que constituem a base dos três textos, que têm mesmo feição de reportagem. Esta base real não lhes retira contudo o caráter de ficção, antes colocando-os na interseção desses dois terrenos. É ainda Monique Chefdor quem, referindo-se ao triunfo pós-moderno do ilusionismo sobre o realismo, mostra que desde 1929 Cendrars havia escolhido o termo

¹⁰² CHEFDOR, Monique . Blaise Cendrars outre-atlantique. In: LEROY, Claude.

(org.) Blaise Cendrars 20 ans après., p. 45.

"irrealismo" "para definir em uma palavra o conjunto de sua obra".¹⁰³

Sem o compromisso de ser real, mas sim verdadeiro, Cendrars lança mão da história, da psicanálise, da antropologia, mistura ciência e misticismo, recria à sua maneira personagens os quais por vezes chegou a conhecer. Não é diferente seu procedimento para a construção das três crônicas em questão, assim como todas as outras reunidas em *La vie dangereuse*.

Assim, quando Cendrars expressa seu desejo de que a história de Febrônio seja lida como um palimpsesto, em que ecos das "vozes d'África" sejam ouvidos permeando seu texto, entendemos que este coro polifônico é na verdade perseguido também nos outros dois textos que o ladeiam. Cada uma das três crônicas contribui para a criação desse palimpsesto em que Cendrars escreve e reescreve suas tentativas de aproximação do que seriam os "negros americanos",¹⁰⁴ dos quais Febrônio é representante.

¹⁰³ Ibidem, p.46. A autora apresenta em nota de rodapé a fonte dessa informação: *L'intransigeant*, 24 Dez. 1929, p.4.

¹⁰⁴ CENDRARS, op.cit., p.219.

A ESCRITA DA VIDA

"Eu gosto do risco". Assim começa, súbita e inesperadamente, a quinta e última história, intitulada "A mulher amada". A frase dialoga com o título do livro - A vida perigosa - e uma radiografia do espírito do autor necessária ao entendimento dos acontecimentos que serão narrados a seguir, e que explica também seu estilo - compreendendo esta palavra a complexa e intrínseca relação entre o que se vive e o que se escreve. O "prólogo" continua":

Não sou um homem de gabinete. Eu nunca soube resistir ao chamado do desconhecido. Escrever é a coisa mais contrária ao meu temperamento, e eu sofro como um danado por ficar preso entre quatro paredes e enegrecer o papel enquanto, do lado de fora, a vida murmura, eu ouço a buzina dos carros na estrada, o apito das locomotivas, a sirene dos cargueiros, o ronco dos motores dos aviões e penso nas cidades exóticas cheias de lojas surpreendentes, nos países perdidos que eu ainda não conheço, em todas as mulheres que eu poderia encontrar e com quem eu perderia de bom grado meu tempo, nos homens que me esperam talvez, prontos para me explicar suas atividades e me fazer ganhar montes, montes de dinheiro. Não,

verdadeiramente, escrever é talvez
abdicar.¹⁰⁵

Este entusiasmo de Blaise Cendrars pela vida é a matéria de que constrói seus textos. Escrever parece ser tão menos abdicar quanto for reviver o fruído, registrar fotograficamente as cenas presenciadas, as paisagens vistas, as pessoas conhecidas, as histórias ouvidas. É como se ecoasse por toda a sua obra a frase "Meninos, eu vi". Não pelo valor moral que possa ter a experiência como é tratada por Walter Benjamin, mas pelo que as situações vividas oferecem como matéria-prima para seus livros: "esta experiência que é a matéria de meus livros me impede freqüentemente de os escrever".¹⁰⁶

Desta tensão entre viver e escrever surge toda a obra de Cendrars, e a narrativa que se inicia com estas considerações pode ser tomada como exemplo. A ação se inicia com Cendrars recolhido à sua pequena casa no campo, em uma espécie de exílio voluntário, com o propósito de terminar um livro atrasado. Tendo por companhia apenas sua tartaruga de estimação, não responde às cartas que recebe e sequer abre os telegramas, completamente voltado para o trabalho.

Mas eis que lhe trazem um recado telefônico: alguém está chegando ao aeroporto próximo, e pede que Cendrars

¹⁰⁵ Ibidem, p.291.

¹⁰⁶ Ibidem, p.224.

vá para um encontro. Trata-se de um inglês que ele não conhece a não ser através das histórias de uma amiga que mora em Portugal e que é tia do rapaz.

Os dois passam apenas algumas horas juntos, a duração de um refinado almoço descrito com detalhes que revelam o apreço do autor pela arte culinária. Mas este tempo exíguo é suficiente para que se crie entre os dois uma franca simpatia. Boyd Neels Woolworth deve criar uma ópera que lhe fora encomendada, um espetáculo moderno e diferente de tudo o que se conheça no gênero, e para tanto vem pedir a colaboração da "inteligência fervilhante" do escritor.

O músico conta a Cendrars que veio lhe procurar por influência não de sua tia, mas de Béatrix. O escritor a conhecera anos antes, em uma fazenda no interior de São Paulo, onde ela alegrava as noites dos hóspedes reunidos na varanda do Coronel Limeiro com sua bela voz, cantando cantigas populares ou improvisando cenas em que imitava os vendedores de rua ouvidos durante sua infância em Lisboa. Tendo vivido vários anos no Brasil, retornava a Portugal no mesmo vapor que levava o jovem inglês. Isto acontecera quinze dias antes, e os dois amavam-se desde então. Béatrix, a mulher amada, será inspiradora e protagonista da obra que começa a se criar na imaginação de Cendrars, para o que convergem suas lembranças de um livro de aventuras.

Publicado em 1930, o livro conta uma expedição ao Pólo Sul iniciada em 1909 e concluída às vésperas da Guerra de 1914, fato que impediu a sua repercussão,

merecida pelos exploradores. Cendrars fornece em nota de rodapé a indicação bibliográfica completa do volume, do qual cita longos trechos.¹⁰⁷

Temos assim uma construção em abismo: o autor é o personagem que, em busca de assunto para uma ópera encomendada, é também leitor de um outro texto. Esta múltipla referencialidade explicita as regras do jogo textual e fornece ao leitor as peças do quebra-cabeça.

Este mesmo personagem-leitor-autor, aliás, retira de sua carteira um pouco mais adiante, um recorte de jornal - o mesmo Paris-Soir que publicara as crônicas de "Febrônio(magia sexualis)" - que será igualmente útil na construção de sua ópera.

A notícia é sobre a abdicação de Eduardo VIII, acontecida dias antes. O rei, apaixonado, abdica do trono por não se sentir capaz de levar a bom termo suas responsabilidades sem a ajuda da mulher amada. Seu discurso, endereçado a seus súditos, é transmitido por rádio e ouvido, na França, por aquela que é seu único motivo.

Cendrars vê neste episódio elementos que em cena podem oferecer uma grande dramaticidade. Ele discorre sobre a modernidade das transmissões por ondas, uma novidade que encurta as distâncias e aproxima, pela voz, pessoas queridas. Como o rei da Inglaterra e sua

¹⁰⁷ MAWSON, Sir Douglas. *The home of the blizzard*. Hodden and Stroughton, London, 1930 (edição popular com numerosas e belas fotografias). Apud CENDRARS, op.cit., p. 243.

amada, recolhida na França. E como o exploradorilhado no Pólo Sul e sua noiva, com quem fala regularmente, e que conforta seu amado e toda a equipe entoando canções conhecidas de todos.

É esta voz, ecoando no gelo antártico, o papel que caberá a Béatrix. Cendrars acredita que

o fato de só fazer cantar esta voz de mulher por telefone é uma situação patética, absolutamente nova em cena, e que sensibilizará todo mundo.¹⁰⁸

O Cendrars personagem dessa crônica se mostra muito interessado pelo que se pode inovar, a partir desse argumento, no campo da criação musical:

É também o primeiro drama por telefonia e, considerando que você é músico e deseja fazer algo de novo, tem aí uma bela matéria sonora a explorar: as ondas, sua difusão, sua propagação no espaço, as zonas de intensidade e de filtragem, as ressonâncias harmônicas das quais elas se acompanham, o telurismo que as conturba, seus parasitas. Tudo isto é musicalmente virgem, mas difícil de tratar, e talvez você seja obrigado a empregar, quiçá a inventar, instrumentos de timbre novo e que nunca figuraram antes numa orquestra.¹⁰⁹

O trecho citado funciona como uma profissão-de-fé que fornece em detalhes os princípios estéticos dos

¹⁰⁸ CENDRARS, op.cit., p.257.

¹⁰⁹ Ibidem, p.258.

quais deverão fazer uso o escritor francês e o músico inglês trabalhando a quatro mãos. Cendrars deixa explícito o seu compromisso com a inovação constante no ato da criação estética, que deve se apropriar de todo elemento novo que surja como produto de cultura. A telefonia ora em questão, assim como as linhas aéreas representadas pelo piloto-escritor Saint-Exupéry são espécies de índices da enorme potencialidade humana de criação, encurtando distâncias e ocupando os espaços vazios do planeta.

Não se trata de exaltação pura e simples da máquina, e sim exaltação do homem que a inventa e dela faz uso, numa linha de raciocínio segundo a qual a medida do homem é dada pelo tamanho de seus feitos.

É este humanismo que torna próximos personagens a princípio tão distantes. Que aproxima histórias passadas na Europa com as da Bahia ou do Pólo Sul. E que torna Febrônio Índio do Brasil apenas um entre tantos personagens fabulosos desta *Vida perigosa*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pour le bien de l'humanité future, j'ai
fait mon oeuvre. J'ai vécu.

(André Gide. *Thésée.**)

* Apud PANDOLFO, Maria do Carmo Peixoto. *Subterrâneos do texto.* p.12.

URBE E SUBÚRBIO

O Brasil do começo do século é um país que deseja mudar de face. Sua classe dirigente procura torná-lo moderno, preocupada com a imagem de território bárbaro e insalubre de que goza no exterior. O Rio de Janeiro, como capital da República recém-proclamada, será o palco preferencial das reformas que traduzem esse espírito.

O professor Delgado de Carvalho, nascido em 1884, publicou em 1926 sua *História da Cidade do Rio de Janeiro*, visando ao ensino da mesma nos colégios da capital. É portanto uma obra reveladora do autoconceito que tinham os intelectuais cariocas de sua cidade nesse período. O livro relata a história da cidade desde a época de sua fundação, mas apresenta seu ponto de maior interesse justamente ao tratar do período da Primeira República, à qual é contemporâneo o autor.

Delgado de Carvalho é partidário da construção dessa nova imagem a que nos referimos, e entusiasta do que chama "a remodelação da Capital da República". O autor resume "a Era dos Melhoramentos" que foi a gestão do Prefeito Pereira Passos da seguinte maneira:

No Distrito Federal três pontos foram principalmente atacados: o ponto comercial, com as obras do Porto, o ponto higiênico, com a reorganização da Saúde

Pública e o ponto estético e prático, com a remodelação da cidade.¹¹⁰

A imagem antiga da cidade, que deve ser substituída a todo custo, é fornecida pelo próprio Pereira Passos, em transcrição do mesmo Delgado de Carvalho:

Comecei por impedir a venda, pelas ruas, de vísceras de reses expostas em tabuleiros, cercadas pelo vôo contínuo de insetos, o que constituía um espetáculo repugnante. Aboli, igualmente, a prática rústica de se ordenharem vacas leiteiras na via pública... Mandeí proceder à apanha de milhares de cães, que vagavam pela cidade, dando-lhe o aspecto repugnante de certas cidades do Oriente.¹¹¹

O resultado do que ficou conhecido como "Bota-Abaixo" não podia ser melhor, segundo o historiador: "a Avenida Beira-Mar (...), contornando as modernas habitações de Botafogo, povoada de estátuas artísticas, tornou-se o mais belo passeio de que se pode orgulhar o carioca quando recebe o estrangeiro".¹¹²

Lima Barreto, também contemporâneo dessa mudança da fachada da cidade, era um crítico incansável da falsa modernidade que a insuflava. De acordo com Beatriz Resende, o autor traduz em sua obra

¹¹⁰ DELGADO DE CARVALHO. *História da Cidade do Rio de Janeiro*. p. 96.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 97.

¹¹² *Ibidem*, p. 98.

o antagonismo que cresce entre bairros "aristocráticos", "civilizados", de "gente fina" e os subúrbios com sua pequena burguesia e operariado que a sociedade clânica, clientelista, onde o favor predomina, expulsou em nome do progresso de seu cenário de "cartão-postal" para uma periferia desatendida pelo Estado.¹¹³

O esforço de "modernização" da capital teve outro momento de destaque com os preparativos para a comemoração do centenário da Independência do Brasil. Para "fornecer à cidade um local de suficiente extensão", foi removido o Morro do Castelo e aterrada uma faixa da praia a ele contígua, para que se promovesse "nas áreas conquistadas ao mar" a Exposição Internacional do Centenário.¹¹⁴

O Morro do Castelo, além de ser o sítio histórico onde se originara a cidade, concentrava nessa época inúmeras famílias pobres que moravam nas antigas construções, já que esta era uma das poucas áreas proletárias que sobreviveram a Pereira Passos. Era, por isso mesmo, considerada uma "cárie em boca de moça bonita", um bolsão de pobreza vizinho à Avenida Central que seria destruído por razões de "higiene e estética".¹¹⁵

Lima Barreto, na crônica intitulada "O prefeito e o povo", denuncia o duro processo em curso de exclusão

¹¹³ RESENDE, op. cit., p. 25.

¹¹⁴ DELGADO DE CARVALHO, op. cit., p. 101.

¹¹⁵ RESENDE, op. cit., p. 51-52.

dos pobres da cidade-para-ingles-ver: "Vê-se bem que a principal preocupação do atual governador do Rio de Janeiro é dividi-la em duas cidades: uma será a européia, a outra a indígena."¹¹⁶

É exatamente este submundo formado pelas classes subalternas que Cendrars vai encontrar paradoxalmente erguido "nas corcovas dos morros", os subúrbios absolutamente desqualificados, excluídos da cidade-maravilhosa-de-mil-luzes. É este mesmo antagonismo apontado por Lima Barreto que Cendrars encena em seu texto sobre Febrônio, um personagem ofuscado pelo brilho da Avenida, que se refugia na mata da encosta do Pão-de-Açúcar.

É ainda Beatriz Resende que nos mostra que

Ao assumir a Assistência a Alienados e a direção do Hospício, Juliano Moreira juntava-se ao trabalho de Oswaldo Cruz, que passara a dirigir os serviços de Saúde Pública. Caberia a ambos desenvolver os projetos do prefeito Pereira Passos para sanear a Capital Federal, livrando-a dos doentes, dos imundos, dos mal-trapilhos e dos bêbados, e acabar com os focos de infecção e desordem, impecílhos à modernização e à europeização do Rio de Janeiro.¹¹⁷

A "higienização" da cidade faz parte, portanto, do mesmo projeto das elites, assim como a necessidade de

¹¹⁶ Apud RESENDE, op. cit., p. 51.

¹¹⁷ RESENDE, op. cit., p. 167-168.

retirar do espaço público todo indivíduo que se desvie do padrão de "civilidade" que se quer generalizar.

Jurandir Freire Costa, estudando o pensamento psiquiátrico da Liga Brasileira de Higiene Mental nos anos 20 e 30, considera que os psiquiatras da Liga "acreditavam que o Brasil degradava-se moral e socialmente por causa dos vícios, da ociosidade e da miscigenação racial" de seu povo.¹¹⁸

Tentando modificar a realidade social, e imbuídos do papel de cientistas, os psiquiatras adotaram a noção de prevenção como ação psiquiátrica anterior ao surgimento dos sinais clínicos da doença, divulgando os ideais nazistas de eugenia. O indivíduo brasileiro mentalmente sadio devia ser a imagem narcísica do psiquiatra: "branco, racista, xenófobo, puritano, chauvinista e antiliberal".¹¹⁹

O louco era aquele que resistia à normatização. Mas o que os psiquiatras não percebiam era que seus preconceitos faziam-nos confundir problemas mentais com problemas culturais.

Foram promovidas campanhas educativas para o povo e reivindicadas mudanças na legislação de maneira a garantir o controle dos indivíduos. Teorias como a da "segurança da sociedade" e do "cuidado racial" foram defendidas e difundidas. É neste contexto que aparece Febrônio, cujo "especial interesse científico" reside

¹¹⁸ COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. p. 17.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 18.

no fato de ser "sádico" e "mestiço", de acordo com as palavras de Murillo Campos e Leonídio Ribeiro. Daí o sucesso do caso, não apenas para o grande público, mas também entre os psiquiatras.

Em uma sociedade que se quer ordenada e antissética, a irrupção de um indivíduo completamente transgressor precisava ser neutralizada, como de fato o foi.

Talvez seja este o motivo do silêncio de nossos artistas, da indiferença que mantiveram. Cendrars não tem nada a perder, diferentemente dos brasileiros, que desejam apagar as manifestações "bárbaras" da face do país. O Antropofagismo, diz-nos Benedito Nunes, quer aproveitar "a sedução sombria, o choque legendário, a aura mágica, a repercussão emocional para mudar nossos hábitos intelectuais".¹²⁰ Contudo a "prática verbal" não se transforma em intervenção social, e a busca da liberdade formal não corresponde à prática libertária. Não foi erguida nenhuma voz para defender As revelações do *Príncipe do Fogo* da fogueira de seus algozes.

¹²⁰ NUNES, Benedito. *Antropofagismo e Surrealismo*. p. 15.

ECOS DE UM NOME

Febrônio Ferreira de Mattos ou Pedro João de Sousa ou Bruno Gabina ou qualquer que tenha sido o seu verdadeiro nome, o fato é que um desconhecido mineiro de Jequitinhonha inventou um personagem que acabou apagando os contornos de seu criador. Febrônio Índio do Brasil tornou-se de domínio público, sendo apresentado como uma espécie de saci capaz de infinitas diabruras.

Temos a partir de 1927 curiosíssimos registros deste personagem. Ainda no ano de sua prisão, é impresso um opúsculo intitulado *Os crimes do monstro Febrônio*, que revela o claro propósito de colaborar para a condenação do "hodiendo criminoso" que "entrou a praticar os delitos mais repugnantes, requintando-se na sua perversidade de degenerado contra os menores que eram suas vítimas prediletas".¹²¹

O autor afirma basear sua obra no noticiário publicado pela imprensa, o que pode-se facilmente constatar, embora não haja referência às fontes utilizadas. Trata-se de um panfleto que se antecipa à Justiça na condenação de Febrônio, apresentado como sendo de "cor parda, cheio de corpo", e tendo "alto poder de sugestão".¹²²

¹²¹ SPLAYNE, M . *Os crimes do monstro Febrônio*. p.10

¹²² *Ibidem*, p. 54-56.

Splayne faz em seu livro diversas referências às Revelações do Príncipe do Fogo, sempre em tom de desagrado:

Foi no ano passado que Febrônio publicou o tal livro sob o título: Revelações do Príncipe do Fogo. Desse livro ele mandou um exemplar para cada biblioteca. Há coisas espantosas nessa obra, que é mal escrita e cheia de absurdos. Na primeira página de texto lê-se logo:

"Eis-me aqui meu Santo
Tabernáculo vivente
Hoje dedicado a vós
Os encantos que legaste
Ontem a mim na Fortaleza
Do meu fiel Diadema Excelso."

Em seguida mais esta bizarria de pensamento:

"Eis-me, ó santos fiéis do Santuário do Tabernáculo do testemunho que há no Céu.
"Eis-me, ó quatro criaturas viventes.
Eis-me, ó dez reis fiéis do Santuário.
Eis-me, ó sete selos do Tabernáculo.
Eis-me, ó Sardonia viva."¹²³

Visto de longe, quase setenta anos depois, esta parece ser uma obra oportunista que provavelmente deu a seu autor grande lucro. Feita no calor dos debates sobre o destino de Febrônio, deve ter atendido à curiosidade do público, ávido por informações sobre "o monstro".

¹²³ Ibidem, p. 52.

Na biografia de Nelson Rodrigues, *O anjo pornográfico*, Ruy Castro nos mostra de relance o avesso deste bordado, quando afirma que em 1929 a venda de *Crítica*, o jornal dos Rodrigues, era garantida pela seção policial:

Todo mundo se interessava pelos crimes e escândalos. Era como ler um folhetim. E havia ainda as histórias que "*Crítica*", não que inventasse, mas exagerava e tornava o assunto da cidade. Uma delas tinha sido a do "profeta da Gávea", um louco que se julgava Jesus Cristo e que arrastara multidões pela Zona Sul fazendo "curas". Durante vários dias o "profeta" fora quase exclusivo de "*Crítica*", porque só os seus repórteres sabiam onde ele se escondia. Quando a polícia o prendeu e raspou-lhe a cabeça e a barba, a história morreu. Mas, imediatamente apareceu a "bruxa de Itinga", outro sucesso que durou semanas. Nada se comparou, é claro, ao caso de Febrônio Índio do Brasil, o tarado que seviciara e matara dois meninos em 1927. Febrônio foi preso e trancafiado no Manicômio Judiciário. Poucos meses depois, conseguiu fugir e assombrou a cidade durante dois dias. As mães trancaram os filhos em casa. Acabou sendo recapturado na Floresta da Tijuca, mas, desde então, a ameaça materna para os garotos que vivessem na rua passara a ser: "Olha que Febrônio te pega!".¹²⁴

Ruy Castro engana-se quanto à época da fuga e ao local em que Febrônio "acabou recapturado". Como sabemos, foi em 1935 que ele fugiu, e não "poucos meses

¹²⁴ CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*, p. 81-82.

depois" de ser preso. E a polícia localizou-o no subúrbio de Honório Gurgel, embora a idéia de que ele se refugiara na Floresta da Tijuca seja de maior apelo, por ligar-se aos locais escolhidos anteriormente por Febrônio para seus crimes rituais. De todo modo, o trecho citado é revelador da utilidade que teve para a imprensa a repercussão deste caso, dado o interesse do público por escândalos como o de Febrônio, forjados ou não.

Este interesse confirma-se não apenas pelo aumento das tiragens dos jornais: o *Correio da Manhã* de 16 de setembro de 1927 informa que a editora do livro de Febrônio "pede permissão para vender os exemplares em seu poder pois a procura está grande" e em um outro dia publica a propaganda de um espetáculo de teatro de revista em que foi introduzido um novo quadro: "O Filho da Luz".

Podemos ter a dimensão do "sucesso" dessa história junto ao público lendo um trecho das memórias de Pedro Nava, no qual o jovem médico Egon visita no Rio de Janeiro o Manicômio Judiciário. O diretor designa para acompanhá-lo um interno que Egon "deve conhecer dos jornais":

É um criminoso sádico, tatuador, arrancador de dentes, amputador, estrangulador, estripador de adolescentes, rapazolas, meninbos que ele induzia a homossexualidade matando depois ou sacrificando antes os que recalçitravam - para possuir-lhes então os cadáveres. Como tal, também necrófilo... Hoje, com o

tratamento é um degenerado manso que não oferece nenhum perigo. Converse com ele. É um tipo extremamente interessante que foi magistralmente estudado pelo nosso Heitor Carrilho - é o Febrônio.¹²⁵

Nava provavelmente junta às suas lembranças da época em que se deu esta visita as informações que circulavam nos jornais. Se o diretor do Manicômio não disse, na vida real, exatamente estas palavras, seguramente poderia tê-las dito, e a ficção se encarrega de encorpar o que talvez sem sua ajuda ficasse por demais ligeiro. Repare-se que o possessivo "nosso", referindo-se ao Dr. Heitor Carrilho, é muito apropriado, já que se trata de um colega que trabalhou na instituição e antecedeu no cargo o diretor que ora fala.

Em seguida aparece Febrônio, atendendo ao chamado do diretor. O trecho já foi citado, mas cabe ser novamente apresentado:

Ao cabo duns minutos entrou Febrônio Índio do Brasil. Desmentia a descrição que dele fez Blaise Cendrars que o dá como "negro" e figura repulsiva pelos "dentes mal tratados" e podres. Verdade que o viu na escuridão de um calabouço da polícia onde o preso estava numa fase de inquéritos - submetido a espancamentos brutais e a todas as torturas*. O Egon viu diante dele um puri com maior cruz de branco o que o

¹²⁵ NAVA, Pedro. *O círio perfeito*. p. 364

* Blaise Cendrars: *Etc...etc...* (Um livro 100% brasileiro) - Editora Perspectiva. São Paulo, 1978. Citado por NAVA.

fazia um tipo claro - como o mostram as fotografias publicadas no próprio livro. Pele onde se destacam perfeitamente as tatuagens mais escuras de que uma foi lida errado pelo Cendrars - que, pelo visto, era observador apressado. Está escrito - EIS O FILHO DA LUZ onde o grande poeta e repórter franco-suíço leu EU SOU O FILHO DA LUZ . Ali no manicômio judiciário ele estava bem nutrido, era ágil e rápido no caminhar. A cada passo parecia que ia saltar - no seu jeito meio felino. Não vestia uniforme de preso ou de doente. Estava bem trajado num terno de brim acinzentado, paletó cuidadosamente abotoado, camisa limpa, colarinho, gravata e sapatos amarelos escrupulosamente engraxados. A figura conduzia com a situação de preso-funcionário que ele parecia ter.

Não causa estranheza que Nava tenha lido tão atentamente Cendrars. Afinal, é também sua a descrição da visita que fizeram ao poeta francês os jovens literatos mineiros - o próprio Nava e Drummond entre eles - quando Cendrars e os modernistas de São Paulo passaram por Belo Horizonte a caminho das cidades históricas. Suas obras já eram então conhecidas e admiradas, o que se liga ao interesse de Nava, anos depois, pela história de Febrônio.

Febrônio conduz Egon com desembaraço, mostrando-lhe os internos e narrando seus crimes:

Febrônio achava-os nojentos (sic) e queria para eles a pena de morte (não fosse ele um sádico como todos os rinocerontes que a querem) . O curioso é que era como se estivesse fora daquilo tudo e desincriminando de culpas. A qualquer

pergunta sobre ele próprio, desviava o assunto ou calava-se orgulhosamente. Orgulhosamente - eis a palavra. O Egon estava fascinado com a hauteur, a dignidade, o não-me-toques do seu guia. Realmente seu sonho paranóide o absolvía do que tinha feito ele, no seu foro interior, não praticara crimes - fizera atos sacrificiais e sacerdotais condizentes com sua essência que encostava na da divindade e do totem. Era o Filho da Luz, o Filho do Fogo, o Revelador, o Profeta, o Príncipe da Chama, o portador do Fiel Diadema Excelso, o que recebera seu Evangelho, galgando a unha se rasgando a Urca e o Pão-de Açúcar, onde escutara a palavra, a confiança da Dama Loura e Clara do mesmo jeito que Moisés subira o Sinai para ficar face a face com o Todo-Poderoso. Daqueles altos ele olhara o Rio de Janeiro e vira que esta era a cidade que ele tinha que redimir - nu e tendo sua grossa Espada na mão. E sua marca de tinta ponta de fogo negro DCVXVI que ele tatuaria no peito dos seus garotos e nas encostas de pedra daquela urbe...!

O texto de Nava é bastante influenciado pelo de Cendrars, assimilando-lhe o estilo: muitas enumerações, frases longas, poucos conectivos. Há também a mesma simpatia do narrador por seu personagem, de cujo ponto de vista, é construída a narrativa.

Finda a visita, Egon ganha a rua, que em oposição ao Manicômio lhe parece "clara e ampla e pura", sentindo pena dos "pobres insanos" e dos "sanos" que os estudam e guardam. Andando a pé,

ele ia seguindo de olhos molhados e assoviando baixinho música de carnaval que

lhe viera à mente. Sua letra era sobre o Febrônio e fizera furor nos anos 20 -

Eu fui no mato
crioula!
buscar cipó
crioula!
Eu vi um bicho
crioula!
d'um olho só!

Não era bicho,
não era nada
era o Febrônio
de calças largas...

O Egon assoviava e pensava - um olho só:
alusão anal tão clara... De calças largas:
alusão apederastante às calças
larguíssimas dos almofadinhas do meio dos
20.¹²⁶

A "alusão apederastante" a que se refere Egon, e que se articula com a fala do diretor do manicômio, dizendo que Febrônio "induzia à homossexualidade" suas vítimas, parece ter-se difundido com o tempo. Na época de sua prisão, ele era visto mais como louco do que como "tarado", embora nos pareceres médicos sua homossexualidade seja sempre relacionada ao seu comportamento sádico. Parece que neste caso as observações inicialmente restritas aos psiquiatras transbordaram os limites do discurso científico para se infiltrarem pela fala da população em geral.

¹²⁶ NAVA, op.cit., p. 364-368.

A conotação sexual dos crimes de Febrônio vai-se fortalecendo no imaginário social, enquanto se apaga aos poucos seu caráter místico, como pode se observar no trecho do romance *Agosto*, de Rubem Fonseca, que transcrevemos a seguir :

"O senhor viu que o presidente vai indultar mais criminosos? Em julho já foram beneficiados trinta assassinos, vinte e dois ladrões, três estelionatários, um macumbeiro e um receptador. O que o senhor acha disto, doutor? Mais sessenta e tantos criminosos soltos na rua."

"Eles não deviam nem sequer ter sido presos."

"O senhor está falando sério? Acho que o nosso problema é que existem criminosos demais na rua."

"Prender um macumbeiro, um receptador é uma estupidez. O sujeito preso custa um dinheirão à sociedade, cumpre algum tempo de cadeia e sai pior do que entrou."

"Então o senhor acha que nem ladrões nem assassinos deveriam ser presos? E um tarado estрупador, como Febrônio?"

"Se o sujeito for um risco grande para a sociedade, um criminoso psicopata, coisa assim, aí o cara tem que ser tratado apenas."

"E a família da vítima?"

"Foda-se a família da vítima. Você fala como estivéssemos no século XVIII antes de Feuerbach. A pena como vingança. Você devia ter estudado melhor esta merda na faculdade."¹²⁷

¹²⁷ FONSECA, Rubem. *Agosto*. p. 203-204.

Embora o livro tenha sido escrito recentemente, a cena, como todo o romance, se desenrola em 1954. Já se passaram cerca de 20 anos desde a prisão de Febrônio. Sua figura é então a de "um tarado estrupador", e não a do macumbeiro também citado no texto.

No conto "Tati, a garota", publicado nos anos 40 por Aníbal Machado, encontramos detalhes sobre o que se tornara o mito Febrônio:

Alguém viera anunciar que Febrônio, o "monstro", havia fugido da prisão e passeava ali pelas imediações. A notícia ainda assustou mais devido ao céu que escureceu subitamente, e ao vento que começava a encapelar o mar. As vidraças batiam, fechando-se. O monstro já devia estar presente por ali, a pegar crianças.¹²⁸

Febrônio já é nesse momento um personagem mítico, a encarnação do mal, cuja possível proximidade assusta e afugenta. O texto é carregado nas tintas escuras e nas imagens sombrias para acentuar o clima de terror. Certamente a cena foi inspirada na real fuga de Febrônio em 1935.

Alcântara Machado é mais sucinto, quando também em um conto, "Miss Corisco", faz referência a Febrônio. O narrador enumera os assuntos tratados pela personagem-título em suas entrevistas:

Muito vermelha e batendo com ar ingênuo as pálpebras aveludadas Miss Paraíba do Sul

¹²⁸ MACHADO, Aníbal. Tati, a garota., p. 211.

concedeu então as primeiras entrevistas. Externou sua opinião sobre a futura sucessão presidencial, a cultura da laranja, a questão religiosa no México, Mussolini, Padre Cícero, a estabilização cambial, Victor Hugo, Coelho Neto, os perfumes nacionais, a sentença que absolveu Febrônio, o diabo.¹²⁹

Das páginas de ficção Febrônio salta para as ensaísticas. Peter Fry estudou detidamente o processo judicial e o entrecruzamento de discursos nele contidos para concluir que o maior vencedor da batalha jurídica foi "a Psiquitria como instituição, pois esta se consolida como instrumento legítimo de controle social". Em contrapartida o maior perdedor foi o próprio Febrônio, já que "embora nunca julgado pelos crimes de que foi acusado e tendo-os negado sistematicamente, o recurso da acusação de 'loucura moral' foi mais do que suficiente para afastar o 'monstro' definitivamente da vida social".¹³⁰

Fry mostra ainda como a figura de Febrônio foi usada para a difusão da imagem do homossexual doente e agressivo, imagem que "atingiu em cheio a consciência dos indivíduos e conquistou seu lugar no censo comum dos cidadãos".¹³¹

Também nos anos 80 é o documentário de Sílvio Darin. Reunindo informações da imprensa e contando com a

¹²⁹ MACHADO, Alcântara .Miss Corisco .p. 193.

¹³⁰ FRY, op.cit., p.79.

¹³¹ Ibidem, p. 80.

participação do próprio Febrônio, à época ainda vivo, o curta-metragem é extremamente comovente porque opõe à imagem do perigoso assassino a do velho inofensivo, que se comunica com dificuldade, e que vive, solitário, como tantos outros idosos em instituições as mais diferentes.

O diretor do filme exibiu-o, em sessão solene, no Manicômio Judiciário. Febrônio era então a pessoa que mais tempo vivera no cárcere em nosso país, sem nunca ter sido, paradoxalmente, condenado.

Pasado mais de meio século desde sua prisão, assistindo ao filme Febrônio pôde ver o homem que tinha sido e o personagem que se tornara. Foi talvez ali que se fechou o ciclo, e que sujeito e objeto se juntaram numa só consciência. A história estava terminada, e Febrônio morreu alguns dias depois.

IMAGENS

Ante Inicia- ns hyg OS

Proprietarios de er construir o Frigorifico Diogo

Proprietarios de Açongues, ante do commercio de a boa conservação do seus associados, pediu F. C. do Brasil uma construção e instalto frigorifico, na espara uso e gozo dos

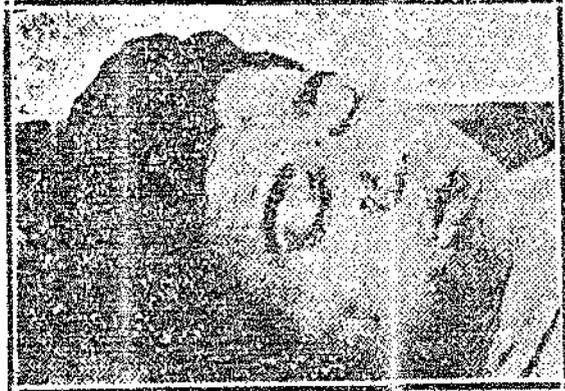
Associação Illustra o derá adquirir o dito por compra, arrenda e houver por bem esrometendo-se a subda Estrada de Ferro, plantas da alludida m serão offerecidos a ura do Districto Fe-to Nacional da Saude e regulamentação vi-

signada dotar a esta- n cujo patco dão en- e trens dessa Estrada, niudos, aves, ovos, le- generos de facil de- dimento desta capital. cas, onde possam ser rejuizo, as referidas

since tentos por selvagens, pelo que ja m apurado, não sem grande trabalho e muitas dificuldades, dada a distancia do local, o criminoso tel-o-la premeditado e praticado com toda a frieza de um perverso.

Attraiu a victima áquelle logar, a pobre victima a quem seduziu com promessas de benefical-a e, uma vez senhor della, prova- velmente ajudado por outros não menos des- almados, tendo ainda a propriedade do lo- gar, deshabitado, fechado de matto, satisfaz os seus peores instinctos.

Tem, assim, a policia deante de si um ca- so revoltante, não só a desafiar a sua ar-



Alamiro José Ribeiro, a victima

gucia, a sua actividade, como um especial de- ver de humanidade, de entregar á justiça o criminoso ou criminosos tão hediondos.

Preparando o crime?

Na "Pedra d'Agua", um dos mais bellos pontos da estrada da Tijuca, já proximo da roostinga de Jacarépaguá, reside o chaufeur Jovelino José Ribeiro, em companhia de sua irmã Ermelinda Ribeiro, de 21 annos, ca- sada com Antonio José de Moura e de seus irmãos Dino, menor de 16 annos. Residia tambem nessa casa um outro seu irmão, Ala- miro, rapaz de 20 annos, que até ha pouco tempo fôra ajudante de chauffeur da Pre-

pagua. Jovelino Ribeiro e p- der adquirir terras por aquellas par- ticularmente com alguns habitantes logares, aos quaes pedia informação tudo.

Morto! Quadro horrivel

La, muito aleia da casa de Joveli margem da estrada da Tijuca, perto logar Mosema, um pedaço de terra, do de mangue, conhecido por "Ilha d heiro". É completamente ermo. De em raro por ali passa uma pessoa. dessas pessoas foi quem deparou, ao da tarde de hontem, com um quadro rível. Lá estava o corpo de Alamiro, va quasi nu. As roupas, viradas pelo so, tinham sido vestidas brutalmente novo no cadaver. Cercavam esse qu de uma hediondez indescrível, ci stancias que logo deixavam patentea selvageria de um crime, além de tudo verde!

No corpo todo havia gevecias e no pe o sulco avermelhado produzido por con- sões. Alamiro, além do mais, tinha sic trangulado.

A policia do vigesimo quarto dist sabendo do caso, partiu para o local, do sido requisitados um medico e phot pho do Instituto Medico Legal para a ricias necessarias.

Só muitas horas depois alcançar "Ilha do Ribeiro" esses peritos, acomp dos do commissario Assumpção. Os Attila Torres e Rogerio de Miranda fi; dotido exame do cadaver e do local. A te teria se dado havia cerca de 24 h O signal verificado no pescoço fôra duzido pela laçada de um cipó, produzi asphyxia. Depois desse exame, foi o ver removido para o Necroterio.

As diligencias policiaes, vão pros- do para a descoberta desse hediondo e

GRATIS Envie este annuncio panhado de seu end para a Caixa Postal N. 2.745 — R

A Noite, dia 17 de agosto de 1927

Um crime hediondo na ilha do Ribeiro No Sena

PRESO, AFINAL, O MATADOR ACABOU CONFES- SANDO O SEU HORRIPILANTE CRIME

O assassino affirma que lutou com a sua victima e que ambos estavam embriagados

Ha muito a policia andava á procura de Febrônio Indio do Brasil, accusado como responsavel pelo assassinio do menor Alamiro José Ribeiro.

O investigador Alvaro Nogueira é que teve a visão perfeita: logo que soube do crime e que ouviu a descripção do typo que saiu em companhia de Alamiro, garantiu que o assassino não era outro senão Febrônio.

O investigador de serviço na estação Barão de Mauá — parece mentira! — ignorava que Febrônio tinha commettido o barbaro crime de que era accusado e deixou-o já passar por aquella gare.

Hontem á tarde, o investigador Alvaro Nogueira, que tem trabalhado infatigavelmente, agido á orientação do seu chefe, senhor Sylvio Terra, no caso, passando em Barão de Mauá, deu instruções ao seu collega, a quem pediu que effectuasse a prisão de Febrônio, pois já colhera informações, segundo as quaes, o criminoso por ali deveria passar.

Não querendo ficar inactivo, o investigador Alvaro Nogueira, dando aquellas instruções, proseguiu em suas diligencias.

Momentos depois, Febrônio passava por Barão de Mauá, e o investigador de serviço, ali, agora, informado do que havia, prendeu-o, levando-o para a quarta delegacia auxiliar.

Esse desaparecimento occorreu ha poucos dias. Febrônio procurou a familia de João, a quem prometteu boa collocação.

O facto occorreu assim: Ha dias appareceu nas proximidades da casa n. 252 da praia do Retiro Saudoso um cidadão desconhecido, que se propoz arranjar um em-



João Ferreira

prego para o menor João, filho do Sr. José Maria Ferreira, ali residente. O garoto foi logo correndo, pedir licença á sua mãe para aceitar a offerta. Como, porém, o chefe da casa estivesse ausente, sua esposa achou de melhor alvitre não acceder ao desejo de João, que queria logo seguir em companhia do desconhecido. Tanto o garoto insistiu, entretanto, que sua progenitora disse-lhe, a final:

— Está bem. Você irá, mas terá que passar primeiramente na Quinta do Cajá n. 4, onde seu pae está trabalhando. Peça-lhe li-

Uma sessão relax

Em tres tempos o Senado deu do seu recado constitucional.

Aberta a sessão e lidos os pedidos assignados hontem pela Commissão, passou-se á ordem do dia, havendo oradores no expediente. dem do dia, por falta de numero ram-se apenas algumas discussões mangeira senatorial, isto é, em s

Havia materia muito mais im decidir o subsidio.

Desde uma hora que os pag Theouso se encontravam no M

O Povoamento festa

Hoje, ás 14 horas, perante num assistencia, no Gabinete do director interino, do Serviço de Povoamento posse solenne de seus cargos, os Vieira Zamith, Paulo Netto dos F mundo Kelly, recentemente nomeado de secção, primeiro e segundo e mesmo serviço.

Assignados que foram os tern usaram da palavra o director geral, Jos Zamith, o Sr. Edmundo Kelly, Joaquim Rocha, chefe da 1.ª Secção Departamento, que produziu eloq ção allusiva ao acto. Os oradores mente applaudidos.

"Moleque Trinta" denunciado

O promotor em exercicio na 2.ª minal offerceu hoje denuncia con Silva, vulgo "Moleque Trinta".

As monstruosidades de um bandido

Febronio, «filho da luz», disseminando as frévas e a morte!

O scelerado confessou, afinal, que foi o matador do menor «Janjão» e na fundadas suspeitas de que tenha commettido outros assassinios de crianças!

Confessou Febronio, afinal, que foi o matador do menor João Ferreira, conhecido na infantaria de por «Janjão» e filho do casal João Maria Ferreira-Beatriz Perreira.

Esta, pois, por esse lado, liquidado o caso recente.

Mas, será só esse o monstruoso crime commettido pelo latão de outra criança? As fundadas suspeitas de que tenha sido o autor do desaparecimento de outras crianças.

Contaram hontem, naturalmente, em muitos de nossos estabelecimentos de desaparecimento de memórias que ultimamente defezegado ao conhecimento da policia e da imprensa, sem o mais leve motivo para o afazimento dessas crianças, algumas das quaes acoustumadas a não sairer de lar.

As autoridades desconfiam, com muita razão, de que o bandido tenha dado a essas desaparecidas, das quaes não ha o menor vestigio, como não havia de «Janjão», destino «Marta» no «Luzinha» e «Marta» no «Luzinha» e «Marta» no «Luzinha», o grande scelerado e um abominador da morte e das frévas.

Vão ser feitas varias diligencias no sentido de descobrir o paradeiro da criança e outras quaes desaparecimentos começa a ser attribuida a Febronio.

QUEM BERA A CRIANÇA LEVADA PARA AN MATTAN DAS LARANJEIRAS?

Desatino que a criança levada por Febronio para as matas das Laranjeiras, não foi o menor João Ferreira. E logo não poderia, tambem, as autoridades policiaes que dirigem as attentas diligencias em termos de crime desse tipo hediondo.

Segundo afirma a policia, João ao sair da quinta de José, onde morava com sua doctada familia, foi logo encaminhado para Laranjeiras.

Febronio não teve tempo de levar a criança as matas referidas, nem a outra qualque lugar.

Commeçoando pela a parte da ilha de Ilheos, onde se localiza a quinta de José, foram as matas de José Ferreira para a parte de Laranjeiras, tendo a criança sido levada da matas referidas para a parte de Laranjeiras, onde se localiza a quinta de José, onde morava com sua doctada familia, foi logo encaminhado para Laranjeiras.

Esta, pois, em relação ao caso recente, não ha mais nada a dizer.



Febronio (foto do Brasil). (Photographia tirada hontem na policia.)

A INDIGNAÇÃO POPULAR CONTRA O MURDERO

... de... (text partially obscured by image and layout)

ZOMBARÃO DA HOR DE A MANHÃ

Como devem estar conhecidas as feições de Febronio, filho do menor João Ferreira, conhecido na infantaria de por «Janjão» e filho do casal João Maria Ferreira-Beatriz Perreira.

NÃO FOI POSSIVEL A AUTOPSIA

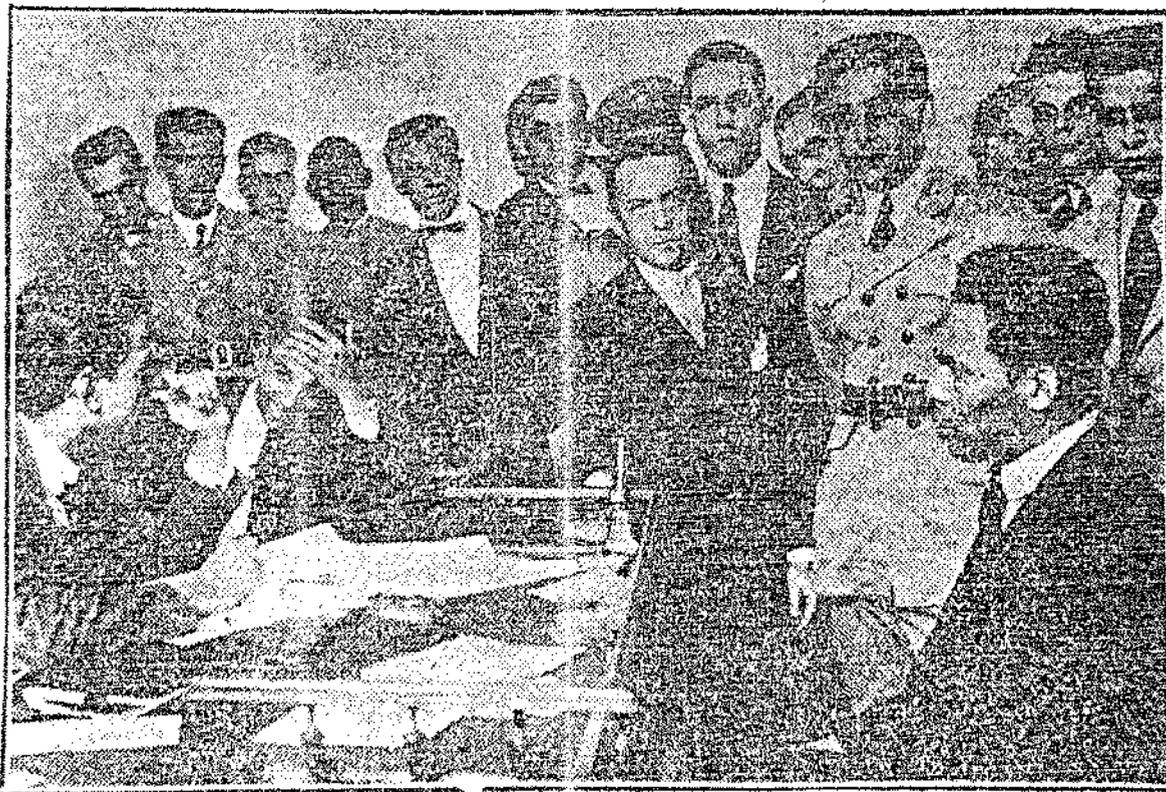
Natualmente, hontem, que a cadaver de João Ferreira, o menor João Ferreira, conhecido na infantaria de por «Janjão» e filho do casal João Maria Ferreira-Beatriz Perreira, não pôde ser autopsiado em consequencia da falta de tempo para a realização da mesma, tendo a policia, para as vias de Laranjeiras, onde se localiza a quinta de José, onde morava com sua doctada familia, foi logo encaminhado para Laranjeiras.

NÃO POSSO CONFISSAR EM CRIME QUE NÃO COMETTEI

O chefe da policia tambem não pôde confessar em crime que não comettei.

FEBRONIO E OS SEUS CRIMES

O menor João foi estrangulado alta noite, na ilha fatidica A fria confissão do criminoso e o seu depoimento — O enterro da infeliz victima



O criminoso quando confessava o crime, na policia

Estão internamente a varredura os — Sim, Lucif. Era um sujeito sua culpa. E' inutil, porém, toda a
deus horrendos, riu de Febro (terrivel), que causava crimes, des- sua simulação.

As n
Sal
E nã
tambe
As
fazer
graxer
pa. e
Ostend
par ut
sandal
livre.
Jentiam
E' n
gante
repete
epoca
Vend
deante
dallas
esforço
as deu
te entr
ondas
à haver
leza.

Eleganc

O prof
ara. Ant
amanhã,
"garden-
coltras à
tar de C

Depois
prado de

Agentes geraes: Casa Orlando Rangel. Encontra-se tambem nas casas de primeira ordem.

do de Azevedo, e irmão do Dr. Joaquim Abilio Borges.

O seu enterramento realizou-se hontem, ás 17 horas, saindo o feretro da rua 19 de Fevereiro n. 22, para o cemiterio de S. João Baptista.

que, certamente, prestará os relevantes serviços, resultante desenvolvimento da collaboraçã associações agricolas, com o p gioso e benemerito instituto, so gábla e bem orientada direcçã V. Ex.

Aproveitamos esta feliz oppor dade para renovar a V. Ex., Sr. sidente De Michelis, os nossos testos de mul elevada consider — Eurico Teixeira Leite, presid Cresco Braga, secretario geral."

CRUZADOR "BAHIA"

—*—

SEU REGRESSO, HONTEM, AO NOSSO PORTO

Fundou, hontem, pela manhã, de regresso ao nosso porto, o cruzador "Bahia", de commando do capitão de corveta Francisco Bomfim de Andrade, que, a 25 do mez proximo passado, representou, em Montevideo, nas festas commemorativas da Independencia da Republica do Uruguay, o governo do Brasil.

O "Bahia" conduziu a seu bordo parte da turma de guardas-marinha, em numero de 12 e que vai, agora, desembarcar desse vaso de guerra.

Em Montevideo, como já antecipa mos, desembarcou de bordo um contingente de praças de marinha e soldados navaes, em continencia ao monumento do general Artigas.

Deixando aquelle porto a 25, proseguiu para o Rio Grande do Sul, S. Francisco do Sul, Parnaguá e, depois, para Santos, onde chegou a 2. No dia 7, pela manhã, por occasião das homenagens prestadas pela Camara Municipal da cidade de Santos uma companhia de guerra do

O EXEMPLO DE FEBRONIO FRUTIFICA

—*—

MAIS UM DEGENERADO A'S VOLTAS COM A POLICIA

Depois que tornaram-se conhecidas do publico desta capital as torpitudes do bandido Febrônio, começou a pairar sobre o espirito publico a suspeita de ser Febrônio o responsavel por diversos casos de menores desaparecidos e é isto mesmo que a policia está investigando.

Enquanto não chegam as sensacionais revelações que o scelerado prometteu, começam a surgir na arena do crime os seus emulos.

Ainda hontem foi preso o bandido Amaro Alves do Nascimento, que, abusando da innocencia de um menor de 7 annos, revelou-se um individuo desprovido dos mais comosinhos escrupulos.

A policia deve usar da maxima severidade possivel, para reprimir essas bestas-féras, verdadeiras aberrações que é preciso a todo o custo eliminar.

Sociedade Brasileira de Direito Internacional

Reuniu-se hontem, ás 17 horas, na sede da Academia Nacional de Medicina, em sessão extraordinaria, a Sociedade Brasileira de Direito Internacional, sob a presi-

Concurso de physica Pedro II

Realizaram-se hontem, no Col Pedro II, as provas oraes do curso para provimento da cadei physica do Internato.

Foram chamados e fizeram, sucessivamente, prova de preleção os candidatos inscriptos, Srs. Vens Jorge Summer e Janduhy Carne

O ponto sorteado na vespers o seguinte: "Consequencias do rema geral de hydrostatica. P pto de Archimedes, suas applicaç

Findas as provas, a congress procedeu ao julgamento, e, em continuo, a apuração do resultad nal do concurso, verificando-se alcançado o primeiro logar o Sr. ge Summer, que obteve média 8 85|88; em segundo logar, o c dato Francisco Venancio, que a cou média 8 35|88, e em terce Sr. Janduhy Carneiro, com r 4 7|11.

De accordo com a lei, a cong ção proporá ao governo, para a meação, o Sr. Jorge Summer, obteve a média mais elevada, di do ser o Sr. Francisco Venanci meado docente livre.

A NOITE

Redacção, Largo da Carioca, 14 sobrado — Oficinas, Rua do Carmo, 23 e 33
TELEPHONES: REDACÇÃO, CENTRAL 331. — OFFICINAS, CENTRAL 4918 — POSTARIA, CENTRAL 5710
SECCAO DE INFORMACOES, CENTRAL 6094 — OFFICINAS, RUA 7812, 7284 e 7221

mantem o título ção mundial

em, no largo da Carioca, informa- ção serviço de A NOITE de a memorável disputa

... em, no largo da Carioca, informa-
ção serviço de A NOITE
de a memorável disputa

A crítica de ...
de ...

... de ...
de ...

... de ...
de ...

FEBRONIO MACABRO Cosinhou a cabeça do defunto!

O nome de Febronio ...
de ...

A crítica de ...
de ...

... de ...
de ...

O GRAVE PROBLEMA

Críticas e sugestões do

... de ...
de ...



Febronio Macabro

O NACIONAL

hoje, a sua

nos aparelhos



de uma queda

seguinte salutar fractura da tala

avenida Salvador de Sá

factor de Light electric de

de um fallador de

MOLDA TALSA

AVANÇADO ATROPELADO

AVENIDA SALVADOR DE SÁ

incorrecção morte

por trem

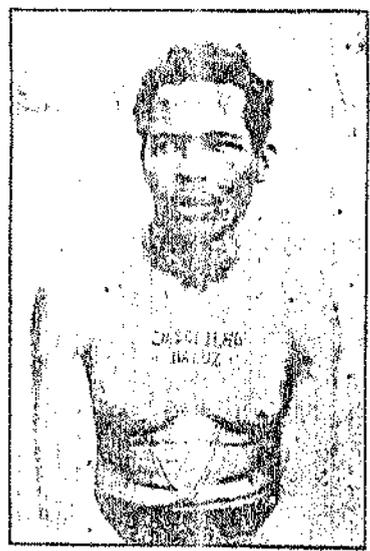
A REACÇÃO DOS SÍMBOLOS DO HOSPITAL DA FACULDADE



REACÇÃO DOS SÍMBOLOS DO HOSPITAL DA FACULDADE

O caso de Febrônio perante a psiquiatria

A opinião dos Drs. Muello de Campos e Leonido Ribeiro



Febrônio antes de ser internado



Febrônio antes de ser internado

Febrônio antes de ser internado



Febrônio antes de ser internado

**mosa" chegou a Com-
Ray Collaço-Robles
Monteiro**

antã fundou na porto, cedida do Ilavre e esca-
potea francez "Formosa"
do viajaram para o Illo
seiros e em trançado 254.
Imigrantes de dis-vas
ades para Santos e Aus-

**ANHA HEY COLLAÇO-
ROBLES MONTEIRO**

que o paquete foi desem-
poua noma autoridades
deu-se o desembarque
seiros, entre os qua "gu-
tes de companhia pol-y-
Collaço-Robles Montei-
verá actuar no Theatro

os seguintes, os artistas
gram: Aroelia, Rey Colla-
de Oliveira, Thereza Ta-
ta Clementina, Maria Reis,
D'Éca, Robles Monteiro,
Luis Leitão, Amia Pa-
ral dos Santos, João de
Delmizo Rego, Pinto Ha-
Cardoso, José Figueire-
Rodrigues e Mario Co-

o no receber os cumpr-
os representantes da im-
salla Rey e Robles Mon-
braram-se satisfeitos por
atado ao Rio.
mento a "tournee" disse-
que trouxe algumas pa-
para o Brasil, entre as
da", do dramaturgo por-
tuguez Coutinho, que alle-
u, um magnifico iraba-

NOS PASSAGEIROS

iguamente, passageiros
to francez, os srs. profes-
sora Pinheiro dos Santos,
Universidade de Porto,
flamantar e politico; o te-
nel Luis Sanvedra, do Ex-
er do Exército Boliviano

ASSAGNEIRA IMPEDIDA

hecho da vista das auto-
dades, o sub-director da
treda, de accordo com o
da em vista, o desen-
a presenciar Maria José
de "casualidade" portu-
e a "casualidade", "vieto"
lido a tempo de sua pass-

o tempo de sua pass-
o tempo de sua pass-
o tempo de sua pass-

e as casas commerciaes

**O CASO DE FEBRONIO PERANTE A
PSYCHIATRIA**

(Conclusão da 5ª pag)

Correcional da Ilha Grande) e
mundo vivo Oriente, o herdeiro de
uma trumbeta viva que se identifica
tocando sem descanço noite e dia a



O perfil do criminoso

existencia, do seu eterno companhei-
ro vindo do sul nascente".

A pag. 16: "ela o extranho ideal de
um amor perfeito, o Santo Taberna-
culo Vivo Oriente ordenou a coroa-
ção do menino vivo Oriente".

A pag. 18: "fuzeram entre os ho-
mens mais intellectos o menino Inal-
scitissimo de valor tão precioso...
nada das magias antigas, qual o
este encarando o mysterio da laca-
da de que a ti casinou a voz do
morte a vida propheticar".

Tudo o livro demonstra a par-
nenhuma cultura a imaginação fan-
tastica de Febrônio. As leituras bi-
blicas a que se entregou muito in-
fluíram nessa seu scripto assim
como nos seus sonhos. De todos os
capitulos da Biblia, existientemente
o que mais o impressionou é o refe-
rente a Daniel.

Febrônio, como Daniel, pretente
possuir altas qualidades de descan-
dar a futuro por meio dos sonhos.
Como Daniel, exilado e escravizado,
Febrônio tem estado na Ilha Gran-
da e na Detenção.

CONSIDERAÇÕES FINALES

Acres da doutrina psycho-analiti-
ca, seria difficil comprehender os
casos morbidos como o de Febrônio.

Teria de ir farrucamente para os
surgimentos vivos e transitorios
das "epithes pathicas", "estados mor-
bidos "estacionarios", "degenerativos".

Em vista de que os psychicos pro-
prios e os psychicos sexuaes, Freud
em a de vista de que todos os des-

clamo que a primeira vista pod-
ria lembrar um recurso de super-
simulação, mas que na realidade vi-
aa inconscientemente a dissimula-
ção do archetipo psychico

A analys dos seus sonhos e as
experiencias de associações de
idéas não deixam a este respeito
grandes duvidas.

O "dragão", o "boi" (alligador
muito directas a figura paterna),
constituem no sonho o maior emba-
raro de suas aspirações, identifi-
cada a imagem materna, soffro as
maiores atrocidades (algolagula pas-
siva ou onirica). A meca sua protec-
tora e conselheira (mago materna) o
orienta na luta contra o "dragão".
Recommenda-lha o emprego da ta-
pada (symbolo de masculinidade) e
da tatuagem (algolagula activa) ao
mesmo tempo que o induz a publi-
cação de um livro justificando uma
grande missão: "Dues vivos", e o
"menino vivo Oriente" (Febrônio) é
o seu herdeiro. Desde então o seu
poder será illimitado, já não exis-
tirá o "dragão".

As impulsões para tatuagens to-
maram-se irrealizáveis.

A publicação do livro necessitou
de uma grande tenacidade. Havia
de "cumprir a sua missão".

As impulsões sexuaes de Febrônio
estão escondidas sob a mascara de
tatuagens (impulsões sadicas).

Em conformidade com a estructu-
ra da entidade morbida os diversos
symptomas nevroticos servem para
desviar as representações obalden-
tes, que envolvem parentes muito
proximas e que a sua consciencia
apparecem como elementos estran-
hos. Servem ainda para exprimir
a luta entre o desejo de satisfação
e o dever de repressão.

Em resumo, de accordo com os



representações

ITAD

ESCRITOR DA
(C 19667)

legação mística ama-
e se acham presente-
capital e que ama-
rio nova prova com o
mo, que os derrotou
são encontrados com
tações de sympathia
am recebendo.

festas mais brilhantes
aos sportistas
s foi a recepção da
stituta Historico, que
a pelo senador Ama-
neiredo. Abi foram
os diversos discursos
pelo sr. Euclides
sidente do Centro de

Os outros oradores
são Thomaz de Aquil-
ras, Luiz Barreiros,
terio, Luiz Esteves, e
es, este ultimo chefe
io amazonense.

FOOTBALL MINEIRO EM CRISE

Resumo, 10 (A. B.) —
a Mineira de Football,
a sede em Juiz de Fós-
foi uma crise devido
de quatro clubs que,
como um sportista fi-
topiamita, têm preven-
o presidente da mes-
sa, sr. Pedro Vieira
tambem socio do Club

a mesma informação,
rios dos tupinambás
vidas em um proces-
dimento da firma do
do Mathense F. C.,
e Barbosa.

NO PALCO

AS 4 — 8 E 10,20

Pela companhia ZIG-ZAG, di-
reção de PINTO FILHO, con-
tinação do successo da estu-
da "revuette" em 1 acto e 14
quadros:

Pinta, pinta melindrosa

Poema e musica do maestro
FREIRE JUNIOR

PINTO FILHO encarnando um
curioso typo: o ZE' PARDAL

NO PALCO

As 8 e 10,20 pela companhia
ZIG-ZAG, direcção de PINTO
FILHO, a fina e divertida "re-
vuetie":

Pinta, pinta melindrosa

Letra e musica do maestro
FREIRE JUNIOR

MARISKA numa estupenda mu-
lata afrancesada: "FAVELLA"
(C 19624)

Não quero saber mais della!

O colosso das revistas de gargalhadas! — O maior succes-
so do anno!



de Marques Porto Luiz
Peixoto e Battencourt.

Todas as noites ás
7 3/4 e 9 3/4
no

Theatro Carlos Gomes

HOJE AS 2 H.
MATINEE

5ª FEIRA

50ª Representação
Festa dos autores que
apresentarão o novo
quadro

"O Filho da Luz"

(C 19628)

EMA POPULAR

Palhaço Floriano 97 a 103

HOJE

HOJE
DAVID BUTLER em
EI POR AMOR
A DO RIO VERMELHO
PAULINO & HARRY WILLS
O PILOTO MYSTERIOSO
Final
QUEREBES

CINEMA PRIMOR

Av. Passos 119 — Tel. N. 5934

HOJE HOJE

A BONECA DE PARIS

Drama interessantissimo distribuido em

10 actos

PRISCILLA DEAN em

JOIAS DO DESEJO — 6 actos

PAULINO & HARRY WILLS

A formidavel luta de 1924

OSSOS DO OFFICIO

Comedia em 2 actos

Amanha:

O APACHE em 10 actos

CINEMA MASCOTTE

R. Archias Contins 210 Meyer

HOJE

MATINEE AS 2 HORAS

LAURA LA PLANTE em

cinquenta actos

— SEGURA PELO AMOR —

4 actos admiraveis

O extraordinario assalto de Paris

PAULINO & HARRY WILLS

O PILOTO MYSTERIOSO

5ª e 11ª series — Final

(50ª EM MATINEE)

OSSOS DO OFFICIO

Chamada para o espectáculo "Não quero
saber mais della", que apresentará o
quadro "O Filho da Luz"

A Noite, dia 8 de fevereiro de 1935

A NOITE

REDAÇÃO: PRAÇA MAUA, 7. TELEFONES: Mesa de ligações Internas 23-1916. Seção de informações 23-1356. Carioca-reporter 23-3098.

Para a luta política, em qualquer terreno

A exoneração do auditor Gides Monteiro, que disputa o governo de Alagoas PALAYRAS DO MINISTRO DA GUERRA



Gides Monteiro, auditor do General, ao lado do ministro Palayras do Exército.

FEBRONIO FUGIU!

Como se deu a evasão sensacional

Uma corda improvisada — Galgando um muro de quatro metros de altura! — A surpresa do guarda encarregado da fiscalização — No Manicômio Judiciário — Fôra ontem visto nas proximidades do estabelecimento um irmão do famoso delinqüente — Ouvindo o Dr. Heitor Carrilho

Um pedido de evasão surgiu na manhã de hoje. O preso Febronio Indio, do Manicômio Judiciário, pediu a liberdade para ir a casa de sua mãe, em Alagoas, para cuidar de seus negócios. O pedido foi encaminhado ao juiz de Direito, Dr. Heitor Carrilho, que o deferiu. O preso foi libertado e saiu de Alagoas para o Rio de Janeiro, onde se encontra atualmente. A fuga foi considerada sensacional devido à altura do muro que ele conseguiu saltar usando uma corda improvisada.

Um irmão do famoso delinqüente, conhecido como 'Ouvindo', foi visto nas proximidades do Manicômio Judiciário. Ele estava acompanhado por outros indivíduos e parecia estar observando o estabelecimento.



Dr. Heitor Carrilho, juiz de Direito, ouvindo o caso da fuga de Febronio Indio.

Extraordinario e sem precedentes!

E' como a revista do Banco Schroeder classifica o progresso do Brasil

"A ACTIVIDADE ULTRAPASSA TODOS OS RECORDOS"

A revista do Banco Schroeder, publicada em São Paulo, classifica o progresso do Brasil como extraordinario e sem precedentes. Segundo o texto, a actividade do país ultrapassa todos os recordos anteriores. O texto destaca o desenvolvimento econômico e social, bem como a estabilidade política. A revista afirma que o Brasil está em um caminho de crescimento contínuo e que o futuro é extremamente promissor.

A menina do Iambuco

Vestido com as roupas de Manizinho — Um exemplar na sua fuga

Um exército de policiais e procura do criminoso — Pato morto de São Carlos



2ª EDIÇÃO

A NOITE

A fuga de Febronio Desconhecido, também, o par- deiro de um seu irmão! Reune-se o Conselho Penitenciario Impressionante estudo da figura do celebre delinquente



O Conselho Penitenciario reunido, hoje, para tomar conhecimento do caso

A sessão continuou em minuciosa discussão para descobrir o paradeiro de Febronio Roda de Sá. Das primeiras horas da manhã para a tarde, grupos diligentes no levantamento, porém, os melhores pontos de partida e dos seus

do campo a muitos curtos estudos de figura do delinquente. Aos olhos de um leigo Febronio parecia ser o que realmente era, um sujeito normal, mas, um homem levado em uma vida, vítima de um

Agonar é (secretário daquela repen- tina, mas que não pôde trabalhar hoje. Logo, então, a residência desta per- Agonar, a casa João Pessoa n. 10,

Fernando, mas já nos estabeleceu em outro e ligado, era sempre a sua casa e Agonar parecia de modo a continuar no Rio de Janeiro, mas não se sabe mais nada.

Para pagamento da dívida externa

Mais 6.800 dólares para
Londres

O ministro da Fazenda autorizou o Banco do Brasil a remeter para Londres, para o serviço da nossa dívida externa 6.800 dólares, a Sobra Ocasal do Aranhão.

Viajando para o Brasil a Missão Militar Francesa

Paris, 7. — A missão militar francesa chegou ontem à noite ao Rio de Janeiro e se hospedou no "Mandala".

Estão com ela o chefe da missão, Sr. Simeon, e o chefe da missão, Sr. Simeon.

O novo procurador interino da Justiça Eleitoral

Será nomeado o Sr. Azor
Montenegro

No Impulso de Dr. Haroldo Vianna, que vai a Europa, em nome de nome, assumiu a cargo de procurador da Justiça Eleitoral no Distrito o Sr. Azor Montenegro, atual secretário do ministro da Justiça. Sendo liberado hoje a sua nomeação, o Sr. Montenegro prosseguirá em suas atividades.

Pren- do

Uma ceri-
Mu



O Sr. João de

Essa imagem mostra um homem em um ambiente escuro, possivelmente durante uma investigação ou um momento de tensão, conforme sugerido pelo contexto da página.

Ruínas de perturbarão

O JORNAL

UMA SECCAO

EDICAO DE 12 PAGINAS

R. A. 708

A. J. DE FIGUEIROA - SAO PAULO, 7 DE FEVEREIRO DE 1935

Fugiu hontem do Manicomio Judiciario o famoso tarado Lebronio Idio do Brasil

A vida accidentada do celebre criminoso atraves as prisoes e os hospicios — Crimes horrendos — O falatissimo tetrico de uma psychose incuravel — Uma evasao vencendo toda as vigilancias — "You see o Lebronia do Brasil", exclamava-nos ha meset quando ainda se a chave recluso



A GELILIA PE UN MISTICO
A GELILIA PE UN MISTICO... (The text is very small and difficult to read, but appears to be a sub-header for an article.)



(Text block located between the two images on the right side of the page.)



(Text block located between the two images on the right side of the page.)

FALANDO AO JUIZ ARY FRANCO
Informações Uéis

FÉRA EM LIBERDADE!

Febronio, improvisando uma corda e um gancho, fugiu — do Manicómio Judiciario —

Parece que o famoso delinquente foi auxiliado na fuga por um irmão

Febronio está em liberdade! Só esse enunciado seria por um exemplo geral. E que esse delinquente é feroz de uma qualidade atroz, tarada, capaz das maiores atrocidades. Sua psychologia está feita pelas técnicas e é de uma féra humana.

Fugiu do Manicómio Judiciario, onde se achava há alguns annos, Febronio Soares de Mattos, Indio do Brasil. Ha mais de cinco annos esteve elle em grande evidencia, pelos crimes torraes que praticou como uma fírcia inextinguível e recalcitra inextinguível.

Febronio está em liberdade! Relembra, assim, o sabbo que ha pouco tempo apparia, sendo em publico e piano cuja estrepido estudava e esperava com a paciência e a perseverança próprias dos grandes delinquentes.

A féra está em liberdade!

A FALTA DO RECLERADO

Fugiu Febronio na manhã de herança. Para elle visto ainda recluso, foram notaram, no estabelecimento, a sua falta.

Na Manicómio Judiciario instalado nos fundos do edificio da Casa de Detenção, em um edificio apropriado cercado de alios muros, uma das suas faces da para o famoso muro de São Carlos.

Desde do estrado o cast, todos os dias, os reclusos tinham suas actividades. Assim foi notado. Febronio foi visto sair do seu cubículo. Logo depois, os guardas notaram a sua falta. Procuraram-no mas não o encontraram. Todos os cantos do Manicómio foram esmagalhados. Ninguém não restava mais dúvida: o famoso delinquente havia fugido. Foi então, todo o alarme, sendo expedidas, logo, ordens no sentido de ser descoberto e capturado.

COMO SE TERIA DADO A FUGA

O trabalho clandestino, ha muito, a ser da liberdade. Porém, as pesquisas, a fabricar uma corda, em uma de suas extremidades prendeu um pedaço, feito de alga de água, com a confirmação de um animal.

Naturalmente elle já combinou a fuga, com algum de féra, e esse signora, todo leva a acreditar, é seu irmão Agenor.

Mesmo convergendo as vestes do estabelecimento, já que, de certo trocou pelas que lhe tinham levado, elle trouxe o gancho da corda no alto do tampo de, por esse



O famoso Febronio

casamente se estabeleceria poder-se fugir. Mas não foi feliz, com o tempo.

Ainda o processo por elle agor usado não é inédito, pois, ha tempos, o recluso Julia Dutra Escobar, propoz, com os ganchoes suas cordas, com o auxilio da qual pretendia romper o grande muro do Manicómio Judiciario.

PRÉDIO DO AUXÍLIO DA D. G. I.

A Direcção Geral de Invest...

o dia, quando se retirou novamente.

OUTRO MENOR ASPETUADO!

No mesmo lugar, ainda em agosto, Febronio commetteu outro crime barbaeo, em circunstancias perfeitamente idênticas. Varava a velocidade, no dia 29 de agosto, isto é 15 dias depois, pelo lugar conhecido por "Ilha do Cabô", quando encontrou, a porta da casa n. 4, o menor João Fernica, filho de Beatriz Ferreira e ali residente. Para agradecer a crença, deu-lhe uns doces que levava consigo e convidou-a para servir como cozeiro na casa de uma familia á yruinda Pedro Ivo.

Apparecendo, nessa occasião, Beatriz, o menino referia á progenitora o offercimento que acabava de receber de Febronio. Ella ponderou ao filho não convir, adduzindo varias razões, entre as quaes ser elle ainda muito creança para se entregar tão longe. Mas o malvado menino, uso de muita habil e acabou vencendo, saindo em companhia de João.

Os dois foram até á praça do Retiro n. 202, onde trabalhava o pae do menino. Contou Febronio ao progenitor de João que estivera já com Beatriz e que o pequeno iria para o emprego e que ali passara apenas para lhe dar sciencia disso.

Febronio, no entanto, levou o menino para a Quinta da Boa Vista, confundindo-o, dali, para a malta existente perto do largo de Fátima, onde, tirando a cor, de João, fez-lhe no peito uma tatuagem, apresentando-lhe, para que a criança a não se prestasse, dar-lhe um termo de tempo. To mandou os dois, depois, um horde João Baptista, saindo de sua habitação, onde se passaram para outro canto, este habita de Vêda, num 214 ao ponto terminal.

Saltando com João, conhecido Febronio, a pé, com elle, até a Ilha do Ilhéus, logo ao ponto em que estrangetura Alamiro. Ahí os dois lutaram e o grande delinquente, quando a creança procurava fugir á sua vista, apertou-lhe o pescoço, até deixal-a sem vida, e retirou-se, com a mesma calma.

Só mais tarde, foi encontrado o cadaver de outro menor, conhecido por Febronio e, depois, da a policia veio a descobrir o corpo de João, máre a a vata de corpo.

Creando Febronio, saiu de Minas, Andou na Bahia e, na boa terra, commetteu varios delictos, em que punha em destaque seus requintes de homem máo.

Vindo para o Rio, aqui permaneceu na senda do crime. Não estão todos apurados, mas sabe-se que são varios e revalidadores de instinctos perversos.

É um máo, um perverso que tem facultades feroces e individuo

5ª EDIÇÃO

A NOITE

5ª EDIÇÃO

Reconduzido ao Manicomio!

Febronio detalha as peripecias de sua fuga

Do recolhimento judiciário, directamente, em automovel, para Honório Gurgel — A cooperação de Agenor, irmão do facinoroso — Dinheiro apreendido em poder do eradido — A chegada ao Manicomio — Enfurecido, invectiva os seus detentores

Renovado Barbosa, o compadre do irmão de Febronio, em cuja casa este foi encontrado, reconheceu-o por uma photographia da NOITE



Com a assistência de Barbosa, irmão de Honório Febronio, pela reportagem photographica da NOITE, Febronio, preso de um arresto de furto, roubos e estelionato de juguetaria, foi levado para o Manicomio de Curitiba. O homem, que se apresenta como um indivíduo de estatura mediana, com o cabelo grisalho e o rosto marcado por uma expressão de cansaço e preocupação, é acompanhado por um grupo de homens em uniformes militares ou policiais. Um homem à esquerda, possivelmente o irmão Agenor mencionado no texto, observa a cena com uma expressão séria. O ambiente ao fundo sugere um espaço institucional, com paredes de madeira e portas fechadas.

VIAJANDO PARA LONDRES

Ao deixar Nova York, o Sr. Arthur Costa falou à NOITE

Importantes medidas sobre o cambio

O general que se dirigiu da Fazenda regressando ao Rio está mudando de campo. O Sr. Arthur Costa, ministro da Fazenda, ao deixar Nova York, falou à NOITE sobre importantes medidas sobre o cambio. Segundo o ministro, o governo brasileiro está tomando medidas para fortalecer a moeda nacional e enfrentar os desafios da situação econômica internacional. Ele mencionou a necessidade de uma política cambial mais firme e a importância de manter a estabilidade financeira do país.

O general Goes Monteiro não faz a Europa

As notícias sobre o general Goes Monteiro, comandante do Exército, não dão lugar a especulações sobre uma viagem à Europa. Segundo fontes oficiais, o general está dedicado às suas funções militares e administrativas no Brasil. A imprensa internacional tem especulado sobre possíveis movimentos do general, mas o governo brasileiro não confirma nem nega tais rumores.

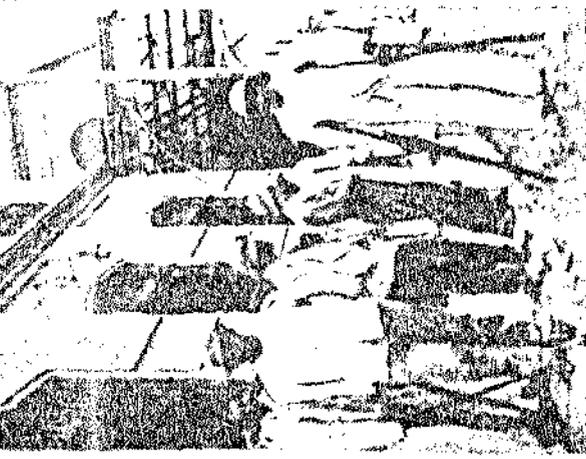
3ª EDIÇÃO

A NOITE

3ª EDIÇÃO

As oficinas da morte
 eparando os instrumentos para a guerra no Chaco
 imido pelo embargo de armas o Paraguai produz, nos seus próprios ar-
 aes, explosivos de alto poder destruidor — Os cegos e os mutilados da
 luta — Terra maldita

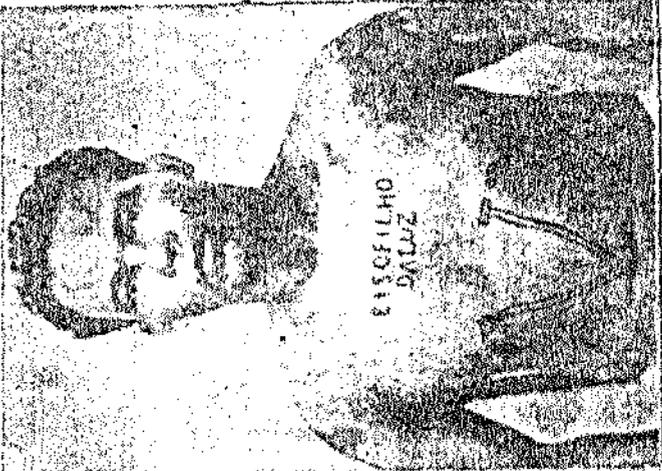
Dr. B. MARALHAES JUNIOR, enviado especial da NOITE



As oficinas da morte eparando os instrumentos para a guerra no Chaco. Imagem de um trabalhador em uma oficina de fabricação de explosivos.

PARA A EUROPA PRESO!

Febonio detido pela policia



Acabamos de receber a informação da subsecção de da que o investigador Meyer.

Aperturas orça-mentarias
 Decretada emenda à Lei de 1934

Alem da pena de morte!

Com a morte da pessoa de...

Os cegos e os mutilados da luta

Terra maldita

Os cegos e os mutilados da luta

Terra maldita

Os cegos e os mutilados da luta

Terra maldita

Os cegos e os mutilados da luta

Terra maldita

Os cegos e os mutilados da luta

A FÉRA VOLTOU À JAULA

FEBRONIO SE HOMISIARA NA CASA DE UM COMPADRE DE SEU IRMÃO

Preso, entregou-se à policia, sem oferecer resistencia



Febrônio entregando a sua arma

Febrônio, o criminoso que se tornou conhecido por sua audácia e coragem, foi preso em sua casa, na noite de ontem, após uma operação policial que se iniciou às 10 horas da noite. O homem foi encontrado em companhia de seu irmão, Febrônio, e de outros indivíduos que estavam presentes na residência. Febrônio, que se entregou sem oferecer resistência, foi conduzido para o quartel da polícia, onde foi submetido a um interrogatório. Segundo fontes policiais, Febrônio teria se escondido em sua casa, após ter fugido de um confronto anterior. A prisão ocorreu sem maiores incidentes, e o homem foi levado para o quartel da polícia, onde será mantido sob custódia até a conclusão das investigações. O irmão de Febrônio também foi preso e levado para o quartel da polícia. A polícia está trabalhando para identificar os outros indivíduos que estavam presentes na residência e para descobrir o motivo da reunião. Febrônio, que é conhecido por sua audácia e coragem, foi preso em sua casa, na noite de ontem, após uma operação policial que se iniciou às 10 horas da noite. O homem foi encontrado em companhia de seu irmão, Febrônio, e de outros indivíduos que estavam presentes na residência. Febrônio, que se entregou sem oferecer resistência, foi conduzido para o quartel da polícia, onde foi submetido a um interrogatório. Segundo fontes policiais, Febrônio teria se escondido em sua casa, após ter fugido de um confronto anterior. A prisão ocorreu sem maiores incidentes, e o homem foi levado para o quartel da polícia, onde será mantido sob custódia até a conclusão das investigações. O irmão de Febrônio também foi preso e levado para o quartel da polícia. A polícia está trabalhando para identificar os outros indivíduos que estavam presentes na residência e para descobrir o motivo da reunião.

FAS
HONT
24
10
C

um duelo que lhe ausi vez que fora absolvido e ve internado como démet. Dentro dos planos que os, sabente de que não po pareceu a sua com o uni distrito, furtou o fariar um guarda.

Logo depois, a corda de lençol e, tudo preparad aguardando a ocasião para fugir.

Na manhã de ante-que se a esperada oportunidade calou o muro depois de um tempo pela do que fugiria.

Assim, Febrônio, que se os sentinela prestada do presidio, que o toma imprecisamente.

Logo, ganhou o nome Carlos, deixou pela sua a nome e em seguida foi para a Casa de e all espírito nas honra chegada de seu irmão. Na guarda após, para o casa guardião onde foi doado preso.

VISTO EM UM TREM UM GUARDA CIVIL

Febrônio, quando saiu um trem de Santa Cruz a a guarda civil n. 214 se o olhando, naturalmente, reconheceu no seu pai o perfil do delinqente que era amigo do Ministério da Guerra e que a guarda se entregaria.

Febrônio conta que em uma das estações, por um erro de tempo, foi confundido com seu irmão, Febrônio, e levado para o quartel da polícia, onde foi submetido a um interrogatório. Segundo fontes policiais, Febrônio teria se escondido em sua casa, após ter fugido de um confronto anterior. A prisão ocorreu sem maiores incidentes, e o homem foi levado para o quartel da polícia, onde será mantido sob custódia até a conclusão das investigações. O irmão de Febrônio também foi preso e levado para o quartel da polícia. A polícia está trabalhando para identificar os outros indivíduos que estavam presentes na residência e para descobrir o motivo da reunião.

O IRMÃO DE FEBRONIO POLICIA



Fotos de Febrônio anexas ao laudo pericial, reproduzidas fartamente, inclusive em *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*, de Alexandre Eulálio, e na antologia *Etc...*, etc... (Um livro 100% brasileiro), de Blaise Cendrars

Blaise Cendrars

Feuilles de route

I.
le Formose

Dessins de Tarsila

Au Sans Pareil

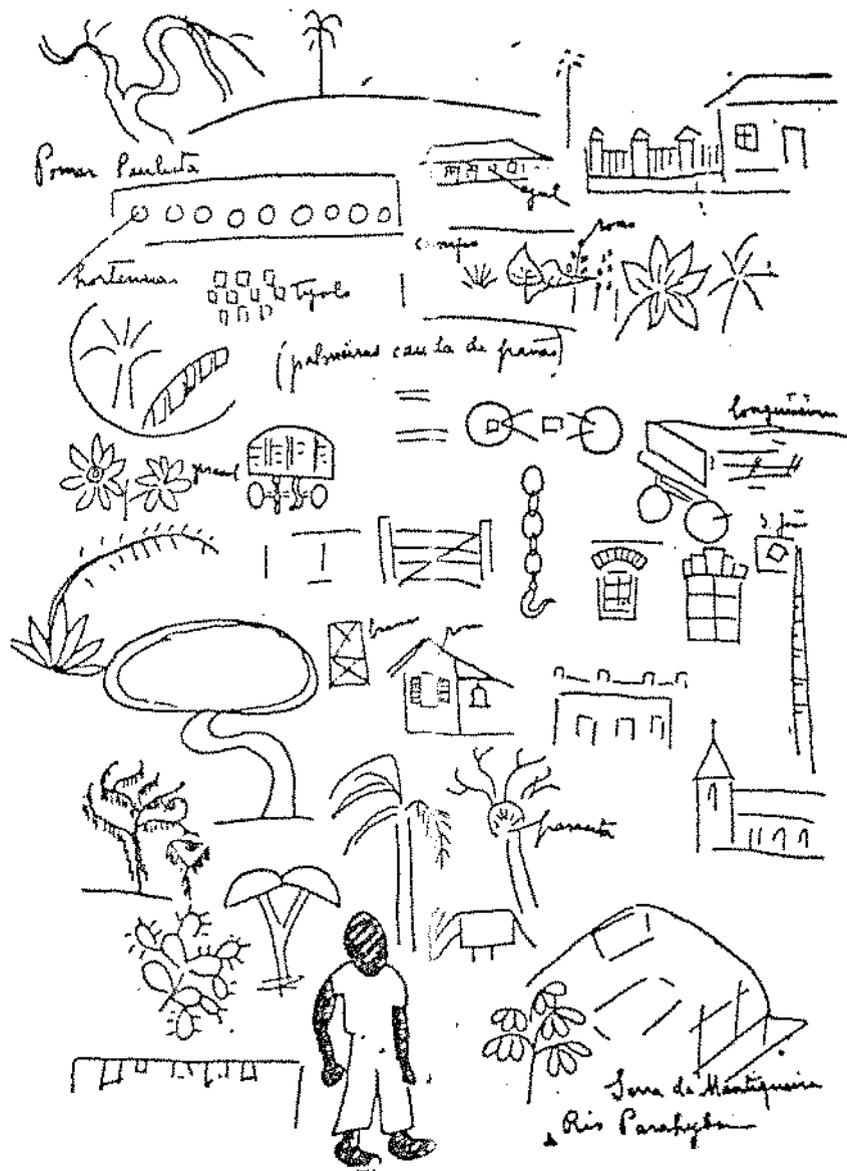
37, avenue Kléber

PARIS

1 9 2 4



Folha de rosto do livro *Feuilles de Route*,
ilustrada por Tarsila do Amaral



Desenhos de Tarsila do Amaral para Feuilles de Route

REBRONTO

le Landru nègre

A nos yeux Fabiano est le plus grand des criminels d'Alagoas, et, comme nous les autres de Bahia qui ne peuvent plus s'agréger sans occasion, vers de la mystérieuse étrange et sans des confuses paroles, un esprit assés et profonde conviction, d'oublier un idéal édifié-christien dans l'insupportable et la spiritualité d'Alagoas et combats par antipathie de la tradition et de la religion catholique de sa race.

LE FILS DU BOUCHER.

Le plan de Fabiano était simple.

On sait de ces hommes que plus leur plus tendre enfance il était participée son père, à son métier de boucher des bœufs d'Alagoas — car on s'occupe pas au Brésil, le boucher paye — et qu'il les héritait, au moment des différents moments ; un jour l'enfant de sa race qui était boucher de bœuf éleveur la fin de sa famille qu'il admettait restreint les siens.

Assés que l'un de ses frères l'avait déjà fait avant lui, pour échapper à son mauvais sort, Fabiano se mit à travailler comme de la main parvenue de son oncle, dans un chemin défilé la voiture de son père avec laquelle il allait faire les courses dans les maisons et les plantations des voisins. Fabiano porta toujours avec des bœufs brésiliens de l'Alagoas qui vivaient en famille — un bœuf — quand elle passa, à l'heure de son départ, à son oncle de sa race, et qui ne fut pas à l'heure de son départ, mais qui fut de même plus dévoué que le possesseur qui était devenu certain regard au soleil que la main des autres bœufs de l'Alagoas qui travaillaient au jour le jour, et qui la possession de leur possesseur ne fut la conviction au grand moment d'émancipation d'une nouvelle race, elle s'accroît à l'heure de son départ, fait de bœufs de bœufs de sa race.

Le soir Fabiano à 14 ans, à Rio de Janeiro, où il se cacha par la police pour un moment. C'est un petit voyage qui a beaucoup vagabondé, se trouve dans les différents lieux, les pénitenciers les plus perdus de l'Amérique, de même qu'il a beaucoup travaillé dans plus d'un part de la ville.

On l'accuse de plusieurs fois dans une suite de crimes, puis dans une maison de discipline. On le relâche au il se cache. Il reprend le vie de vagabondage et d'effraye. Il est arrêté pour un nouveau crime. Il est une fois de plus hospitalisé parce que sans domicile. On le relâche et dans toutes les institutions où il séjournait il trouve l'exemple de l'incorrection et cette un étrange plaisir est un engagement d'effraye.

L'INDOMPTÉ

L'indompté est le régime parmi les autres. Tout le monde le craint pour sa violence. L'Alagoas, maître et personnel sans conviction que se trouve dans le monde. On cherche à le punir sévèrement, mais sans succès, et qu'il échappe. C'est en 1930, année de sa race, dans la maison de Rio. Le régime hospitalisé appelé un à l'Alagoas. On craint, mais on ne lui abandonne, même si ce double à son esprit qu'un appât.

Mage, sorcier possédé par
étranges forces occultes
ce fils de boucher est devenu
un monstre sanguinaire

PAR Blaise CENDRARS

Blaise Cendrars est l'auteur de ce roman. Il est né à Yverdon, en Suisse, le 15 août 1893. Il a écrit de nombreux romans, dont "Le tour du monde en quatre-vingt jours" et "L'homme qui marche".



Le sorcier du crime

Blaise Cendrars est l'auteur de ce roman. Il est né à Yverdon, en Suisse, le 15 août 1893. Il a écrit de nombreux romans, dont "Le tour du monde en quatre-vingt jours" et "L'homme qui marche".

des gens et des événements pendant tout les autres moments.

Ce qui y a de plus intéressant dans cette histoire, c'est que son protagoniste est un homme qui n'est pas un héros de roman, mais, comme on va le voir, à la recherche d'un idéal de prophète d'Alagoas.

RETOUR A LA VILLE

Fabiano était revenu à Rio, plus sûr de sa place que jamais. Il était impatient.

Il ne savait pas pourquoi il était retourné dans la capitale, dans cette maison, dans et dans la ville de Rio de Janeiro, où il n'avait jamais eu de chance.

Depuis quelque temps déjà il avait senti que son esprit était en train de se réveiller, et qu'il avait quelque chose à dire.

Il travaillait dans un atelier de réparation des voitures, et c'est là qu'il avait rencontré un homme qui lui avait parlé de la police fédérale. Fabiano avait alors décidé de se rendre à la police fédérale, et de lui parler de son projet.

Quand il marcha dans les rues de Rio, il se sentait libre. Il avait l'impression que son esprit était en train de se réveiller, et qu'il avait quelque chose à dire. Il avait l'impression que son esprit était en train de se réveiller, et qu'il avait quelque chose à dire.

SEMAIN
Los adeptes
du Dieu
vivant

Dans la brousse sauvage UNE FEMME BLONDE RAYONNANTE

APPARAÎT AU NÈGRE EXTASIÉ

L'habitué portrait de Hlaine Cendrars ayant assisté une certaine histoire dans la colonie sénégalaise à Paris, notre collaborateur nous relate...

A chaque époque et dans tous les pays, l'humanité a vu naître de son sein des monstres : Jack l'éclaircieur en Amérique, le vampire de Transylvanie en Allemagne, le Diable, Werthmann en France, sans parler de mille de plus, le Marboflauc de la légende...

Je me suis penché sur la rue de Valenciennes (101^{er} arr.), promise opposition d'un autisme au Brésil, avec toute l'intelligence dont je suis capable et en recevant son histoire avec le respect que je dois au lecteur de l'histoire.

Le soir, Fabronio se détacha par son lit pour des heures qui l'étaient vides. Quand on est sorti un lit avec le sommeil, s'était-il

Le misérable Febronio poursuivi par une cruelle hallucination devient un monstre en se croyant UN DIEU par Blaise CENDRARS

Et ce misérable le matin devient son docteur. Un matin, à l'aube, Febronio se trouvait au sommet du Pain de Sucre.

Il se leva au soleil avec une ardeur et l'étonnement d'un homme qui se voyait comme le premier venu des Indes sur le dos d'un éléphant...

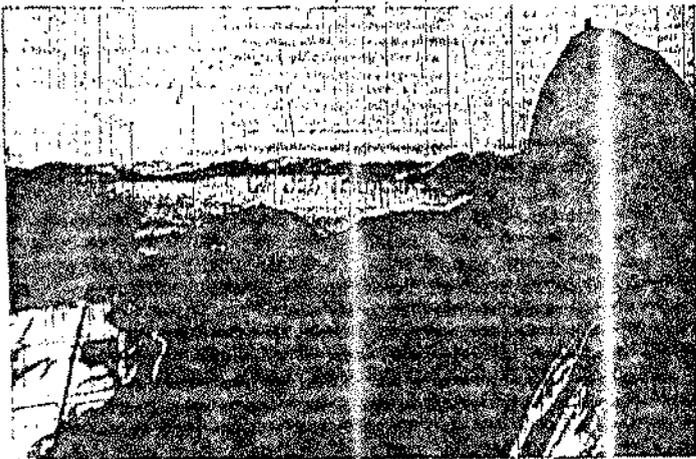
que le froid du jour le glaçait, et qu'il se laissait faire horriblement, tout à coup, l'espèce de crève comme une vache qui boit en hâte et qu'il lui approuva l'eau...

L'ILLUMINE

Sans famille, sans discipline, sans amis, sans loi, l'homme qui se voit dans la capitale, abandonné de tout et de soi, plus abandonné et plus pauvre que Job, le regard dévorant par la vision qu'il avait de la solitude, se voyait qu'il avait de grands moments comme remplis cette mission dont il avait été chargé et qu'il avait accepté d'enthousiasme...

L'EXTASE

A la langue, le cœur étendu, l'air lourd sur la terre, puis sur le ciel...



La brousse du « Pain de Sucre », repaire de Fabronio.

dit. On n'est pas la proie de l'homme, et il n'est pas fait un seul effort de ne jamais être dominé. Il nous la nuit, il ne se couche pas, mais s'élève, marchant sur les bras immobiles, avant que les grèves de terre, l'air comme une loi en plein dans les pénétrations de l'air qui s'élève au pied, avec les courants qui percent des villages isolés, et lui, lui derrière les montagnes au-dessus de nous et de grande brousse, un autre une population humaine s'élève à l'état de certains moments, celle que la montagne n'a pas et que l'homme a fait...

siècle après, s'était mise à tourner et à gronder. Il se prit en accablé, franchi la brousse, se lança glorieux dans les éboulis de sa terre rapidement cette nuit plus bas, sur le dôme immense de dompteur, un monde de dix éléphants qui ont de courtes et à lui à la terre l'auteur avait, la masse noire de la pyramide du Pain de Sucre qui se dressait au-dessus à pic à l'entrée de cette brousse sombre au sommet.

pour ne pas perdre le fil de l'histoire de son. Il était dans un état d'extase, de vision, les yeux grands ouverts, comme les insectes de son monde, et il se voyait comme le premier venu des Indes sur le dos d'un éléphant...

LE REVE SUR LE PAIN DE SUCRE. Je suis le Prince de Feu, le mercenaire de

matériellement, cette publication s'étant faite à compte d'auteur. L'histoire par la police, l'histoire à l'écrit. Un jour est écrit dans un langage qui n'est pas le langage de journal, il est écrit en un langage qui n'est pas le langage de journal, il est écrit en un langage qui n'est pas le langage de journal...

Le nègre halluciné lutte contre l'oiseau magique



L'oiseau magique descend par Febronio.

PREMIER RAVE DE FEBRONIO

« La Dame Blonde n'avait pas plus de dix ans, lorsqu'elle fut destinée, par son père, à un mariage... »

DEUXIEME RAVE DE FEBRONIO

« La nuit, l'âme quelques fois plus tard, — j'étais assis sur un banc... »

« Alors, devant mon refus obstiné, le diable se mit à me faire des propositions... »

DEUXIEME APPARITION DE LA FEMME BLONDE

« Vous ne pouvez plus tard, dans quelques jours... »

« C'est cette dernière apparition de la Dame Blonde... »

« Febronio s'assit à terre, et se mit à réfléchir... »



La baie splendide de Rio dont le spectacle réjouissait le cœur du marin.

« Son vice impie, éternel, qu'il leur distribuait... »

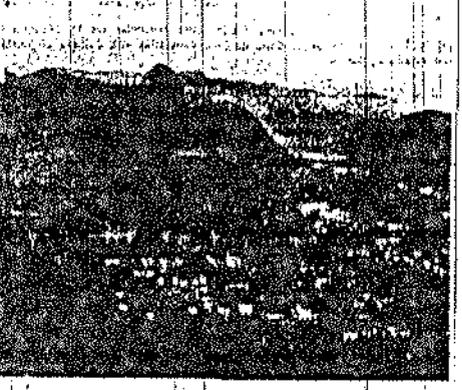
NOUVEAU RAVE HALUCINE

« Et un jour, au même lieu où j'étais assis... »

« Mais, avant de le quitter, il le regarda encore à l'écart... »

Et Febronio, en proie à ses rêves insensés, habité par l'esprit du dieu vivant, ivre de sang, tue... tue... tue...

PAR BLAISE CENDRARS



La baie splendide de Rio dont le spectacle réjouissait le cœur du marin.

« Je n'ai jamais vu de pareils spectacles... »

DANS LA CAGE

« De Paris, les gamins, j'étais en la chance de tomber un bon jour... »

« de Rio, c'est le port, quand la nuit tombe... »

« Mais, malgré ces impressions... »



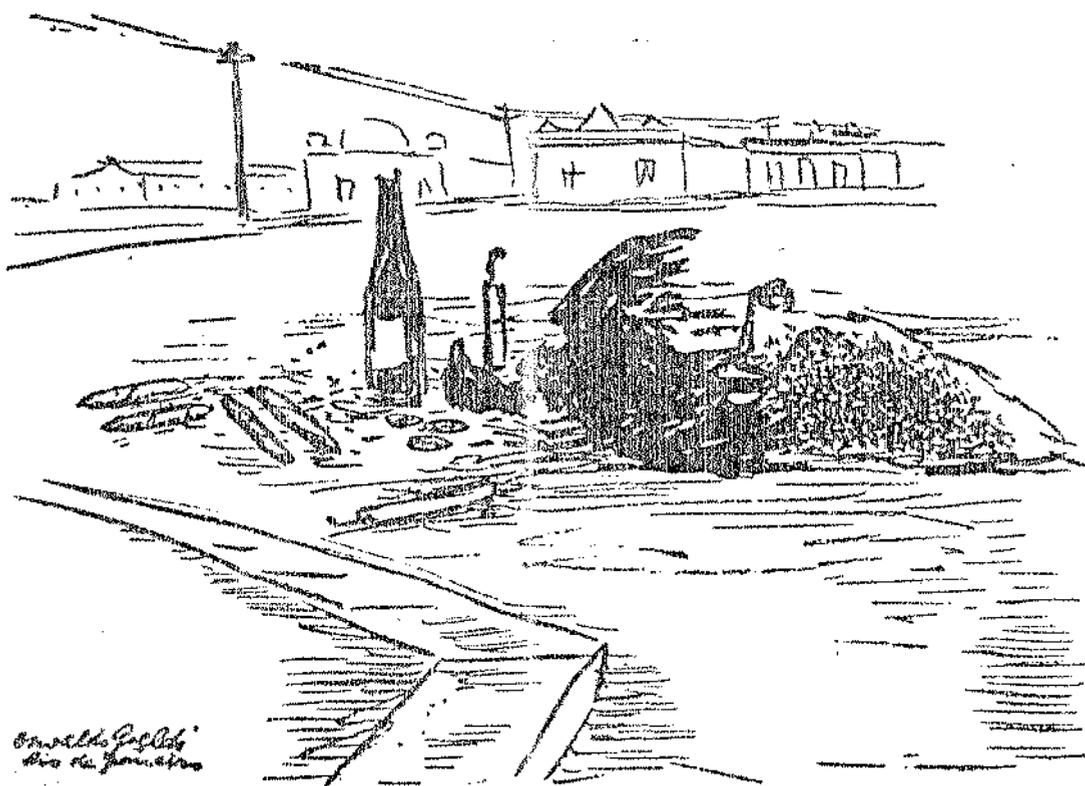
mois et des mois les journaux avaient consacré des pages et des pages à *Febrônio Indio do Brazil*, « *Le Fils de la lumière* » comme ce nègre illuminé, qui arrachait les dents à ses victimes et qui les tatouait d'un signe cabalistique, s'était proclamé. Je demandai donc à aller voir Febrônio...

Pour convaincre, un troisième exemple à multiples facettes dans *L'Homme Foudroyé* : au chapitre III, la description scrupuleuse d'un tripot à Marseille, enjolivée par la présence d'un élément dont il n'hésite pas à indiquer la provenance, en note :

Blaise Cendrars, *L'Homme Foudroyé*, Paris, Le livre de Poche, 1964, 436 p.

Page 94 : ... La Cannebière, les escaliers du tripot, l'enfilade des salons de jeu, un long corridor, un tapis rouge qui se déroulait et, au bout de ce tapis, un tunnel qui donnait sur deux portes rondes, l'une de cristal, l'autre de bronze. Mais ce tunnel était un trompe-l'œil. Je l'avais bien remarqué, il était fait de cannes de bambou taillées et disposées en perspective comme on construit avec des lattes vernissées en face d'un balcon sans air ou d'un jardin sans profondeur donnant sur un mur mitoyen des perspectives illusoire censées donner sur l'infini. Au centre de chacune des deux portes rondes, était pratiquée une petite

Cópia da página dupla de *O Jornal* de 15 de outubro de 1927, incluída no artigo de Claude Guichard intitulado "Blaise Cendrars: lectures d'Amériques", p.162



Oswaldo Goeldi
Rio de Janeiro

Gravura de Oswaldo Goeldi que ilustra a crônica "Febrônio (*magia sexualis*)" em *La vie dangereuse*, de Blaise Cendrars, na edição de Grasset et Fasquelle, 1987, p. 128. Esta é a única ilustração presente em todo o livro

BIBLIOGRAFIA

SOBRE FEBRÔNIO

- CARRILHO, Heitor. Laudo do exame médico-psicológico procedido no acusado Febrônio I. do Brasil. In: *Archivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro*, Ano 1, 1930.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico; a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.
- CENDRARS, Blaise. Febrônio (*magia sexualis*). In: *La vie dangereuse*. Paris, Bernard Grasset, 1938.
- . Pénitenciers de noirs. *Paris-Soir*, 30-31 de maio, 1-2 de junho, Paris, 1938.
- . Febrônio (*magia sexualis*). *La vie dangereuse*. In: *Ouvres Complètes*. Paris, Denoël, 1960-1965.
- . Febrônio (*magia sexualis*). Etc... etc... (Um livro 100% brasileiro). Trad. e seleção de textos: Teresa Thieriot. São Paulo, Perspectiva / Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. (Coleção Debates).
- EULALIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo e Brasília, Quiron / INL / MEC, 1978.
- FONSECA, Rubem. *Agosto*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- FRY, Peter. Febrônio Índio do Brasil; onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei. In: VOGT, Carlos et al. *Caminhos cruzados; linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

- GUICHARD, Claude. Blaise Cendrars: lectures d'Amériques. In: LEROY, Claude. (org.) Blaise Cendrars 20 ans après. Paris, Klincksieck, 1983
- MACHADO, Anibal.Tati, a garota. In: A morte da porta-estandarte e Tati, a garota e outras histórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. Miss Corisco. In: Novelas paulistanas. 5 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
- NAVA, Pedro. O círio perfeito. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.
- RIBEIRO, Leonídio. Etiologia e tratamento da homossexualidade. In: Arquivos de Medicina Legal e Identificação nº 15. Rio de Janeiro, 1938.
- . Homossexualismo e endocrinologia. In: Arquivos de Medicina Legal e Identificação nº 14. Rio de Janeiro, 1937.
- . Homossexualismo e endocrinologia. In: Revista Brasileira nº 9. Rio de Janeiro, julho/agosto de 1938.
- SPLAYNE, M. Os crimes do monstro Febrônio. Rio de Janeiro, Liv. J. do Rio, 1927.
- TREVISAN, João Silvério. Febrônio e Chrysóstomo: foras-da-lei num país sem leis. In: Devassos no paraíso. /-s.l.-/, Max Limonad, 1986.

GERAL

A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Antônio Candido et.al.. Campinas e Rio de Janeiro, Unicamp/Fundação Casa de Ruy Barbosa, 1992.

ALLIUME, Jean-Marie. *The Rivière beast, or the unfinished trial of the creature who tortured birds and frogs.* In: *October*. Spring 1983, nº 24.

AMARAL, Aracy. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas.* São Paulo, Martins, 1970.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica.* 4ª ed., São Paulo, Ática, 1990. [História da Imprensa Brasileira, v. 1].

BARTHES, Roland. *Structure du fait divers.* In: *Essais critiques.* Paris, Seuil, 1964.

BEZERRA DE MENESES, Ulpiano T. *A história, cativa da memória?* In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros.* São Paulo, 1992, nº 34.

BLACK, Joel. *The aesthetics of murder.* Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 1991.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* São Paulo, Cultrix, 1974.

BURKE, Peter. *A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa.* In: *A escrita da história: novas perspectivas.* São Paulo, UNESP, 1992.

CENDRARS, Blaise. *Brésil, des hommes sont venus...*[s.l.], Fata Morgana, 1987.

----- . *J'écris. Ecrivez-moi.* Paris, Denoël, 1991.

----- . *Moravagine.* Paris, Ed. Bernard Grasset, 1926.

----- . *La vie dangereuse.* Paris, Bernard Grasset, 1938.

----- . *La vie dangereuse.* In: *Oeuvres complètes.* Paris, Denoël, 1960-65.

----- . *La vie dangereuse.* Paris, Grasset et Fasquelle, 1987. [Collection Les cahiers rouges].

DELGADO DE CARVALHO, Carlos. *História da cidade do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

EULALIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars.* São Paulo e Brasília, Quiron / INL / MEC, 1978.

FOUCAULT, Michel. *Doença mental e psicologia.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

----- . (coord.) *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão.* Rio de Janeiro, Graal, 1977.

----- . *El orden del discurso.* Barcelona, Tusquets Editor, 1973.

----- . *Préface à la transgression.* In: *Critique*, ago.-set. 1963, n° 195-196

----- . *A verdade e as formas jurídicas.* Rio de Janeiro. Cadernos da PUC, 1974, n° 16.

-----Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1977.

FRAYZE-PEREIRA, João Augusto. Olho d'água. Arte e loucura em exposição: a questão das leituras. São Paulo, Tese de doutoramento do Instituto de Psicologia da USP, 1987. (mimeo).

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo, Perspectiva, 1974.

LAHUD, Michel e MATOS, L. F. Franklin de. Matei minha mulher (O caso Althusser). São Paulo, Kairós, 1981.

LE GOFF, Jacques. As mentalidades: uma história ambígua. In:----- e NORA, Pierre. História : novos objetivos. RJ, Francisco Alves, 1978.

LEROY, Claude. L'atelier de Cendrars. In: Les Cahiers Pleine Marge. Paris, Les Temps qu'il fait, juin 1988, n° 7.

----- (org.) Blaise Cendrars 20 ans apres. Paris, Klincksieck, 1983.

MICELI, Sérgio. Poder, sexo e letras na República Velha. São Paulo, Perspectiva, 1977.

NUNES, Benedito. Antropofagismo e surrealismo. In: Remate de Males. Campinas, IEL-Unicamp, jun. 1986, n° 6.

PANDOLFO, Maria do Carmo. Subterrâneos do texto. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.

PARROT, Louis. Blaise Cendrars. Paris, Seghers, 1971.

PÉRET, Benjamin. Oeuvres complètes, tomo 6. Paris, Librairie José Corti, 1992.

- PICCHIO, Luciana Stegagno. *La letteratura brasiliana*. Firenze, Sansoni e Milano, Edizioni Accademia, 1972.
- POE, Edgar Allan. *The philosophy of composition*. In: *Selected writings*. Grã-Bretanha, Penguin Books, 1967.
- RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos*. Rio de Janeiro, UFRJ/Unicamp, 1993.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. 2ªed., Rio de Janeiro, Achiamé, 1975.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa; ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- Sobre o Pré-Modernismo. José Murilo de Carvalho et. al. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 6ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- *História da Imprensa no Brasil*. 3ªed., São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- SÜSSEKIND, Flora. *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje*. 7ª ed. Petrópolis, Vozes, 1983.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. /-s.l.-/, Max Limonad, 1986.